

S REVISTA DA **Semana**

Nº 32 — 5 de agosto de 58 — C.R. 12

**COMO SE FAZ
UMA ENCICLOPÉDIA**

**ÉRICO VERÍSSIMO:
"A CRISE É
DE CARÁTER"**

**O QUE FOI O GRANDE
PRÊMIO BRASIL DE 1958**





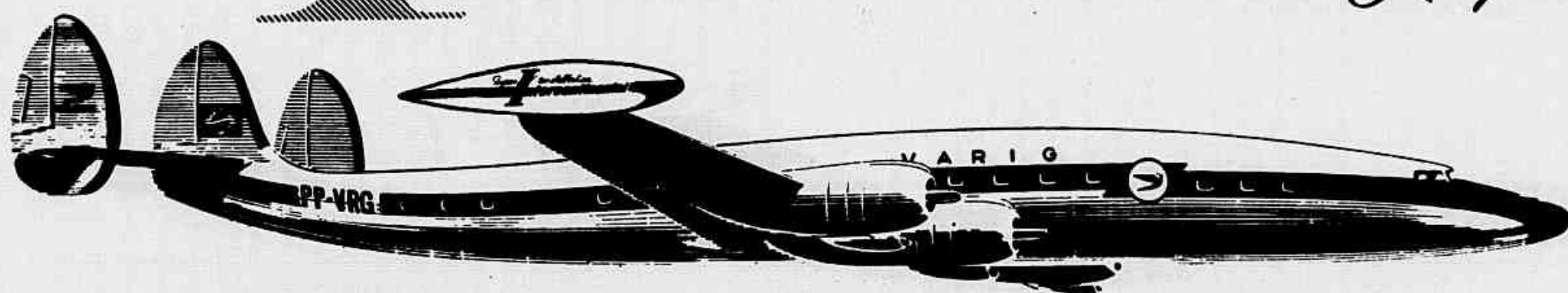
Rio

Trinidad

N. York

no ultra confortável

Super Constellation Intercontinental de Luxo



Agora, duas vezes por semana a VARIG realiza vôos ainda mais rápidos a Nova York, com uma escala apenas, Port Of Spain... em seus novos Super Constellation Intercontinental de Luxo... com radar, leitos confortáveis, poltronas espaçosas e um esmerado tratamento a bordo.

- * Também dois vôos semanais a Nova York via Belém e Ciudad Trujillo. Em ambas as rotas, acomodações e tarifas de Primeira Classe e tarifas econômicas na Classe Turista.

VARIG

O MELHOR SERVIÇO PARA NOVA YORK

Consulte seu agente de turismo ou as agências da Varig sobre os novos planos de financiamento da sua viagem ao exterior.

LEIA:

A CAPA

Conchita Mascarenhas (foto George Gafner) 10

REPORTAGENS

O Grande Prêmio Brasil de 1958	4
Gente de saias na Conferência Interparlamentar	12
Quem mora no Tigre ri à-toa	17
Operação Tartaruga	20
Paris festejou de outro jeito	32
Dona Flávia dá receita para fazer enciclopédia	46
Terror na Madrugada	62

DEPARTAMENTO ESPECIALIZADO

Um dia na vida da Glamour-Girl

24

NOVELA POLICIAL

O Mistério do Arayado

28

SOCIAIS

As dez mais elegantes de Belo Horizonte

38

As Verdades de Mariazinha Maranguape

53

ENTREVISTA

Temos Crise de Caráter

44

CONTO

Esboço de Gilza

50

CINEMA

A (Volta) a Hollywood de Orson Welles

54

POLÍTICA

Trapézio

60

SEÇÕES

Literatura e Arte

36

Modas

40

A Revista há cinquenta anos

43

CRÔNICA

Encontro com Mestre Manuel

56

CONTATO

ESPICHE, surpresa maior do que o Don Varela de 57, levantou para a Argentina o "Grande Prêmio Brasil" deste ano, desconcertando os próprios entendidos do Prata, que para cá acorreram com outros trunfos. A bravura do "crioulo" Kraus salvou um excelente segundo para a criação nacional, que depositara em Dulce as suas maiores esperanças. Mas o maior duelo foi travado nas "pelouses", entre os diversos tipos da nova moda feminina. (Reportagem às págs. 4 e seguintes).

VIOLENTO incêndio, irrompido na madrugada de sábado, em Deodoro, reduz a escombros o depósito de Material Bélico do Exército e põe em polvorosa os moradores da zona, de repente desabrigados com a destruição de seus lares. As págs. 62 a 65, ampla reportagem fotográfica da catástrofe que abalou o Rio.

ENTREVISTADO por José Asmar, no Rio Grande do Sul, dá-nos o romancista Érico Veríssimo suas opiniões sobre a complicada situação que o mundo atravessa. Fala, particularmente, do problema brasileiro e afirma que, de todas as crises, a mais aflitiva por que passamos — é a crise de caráter.

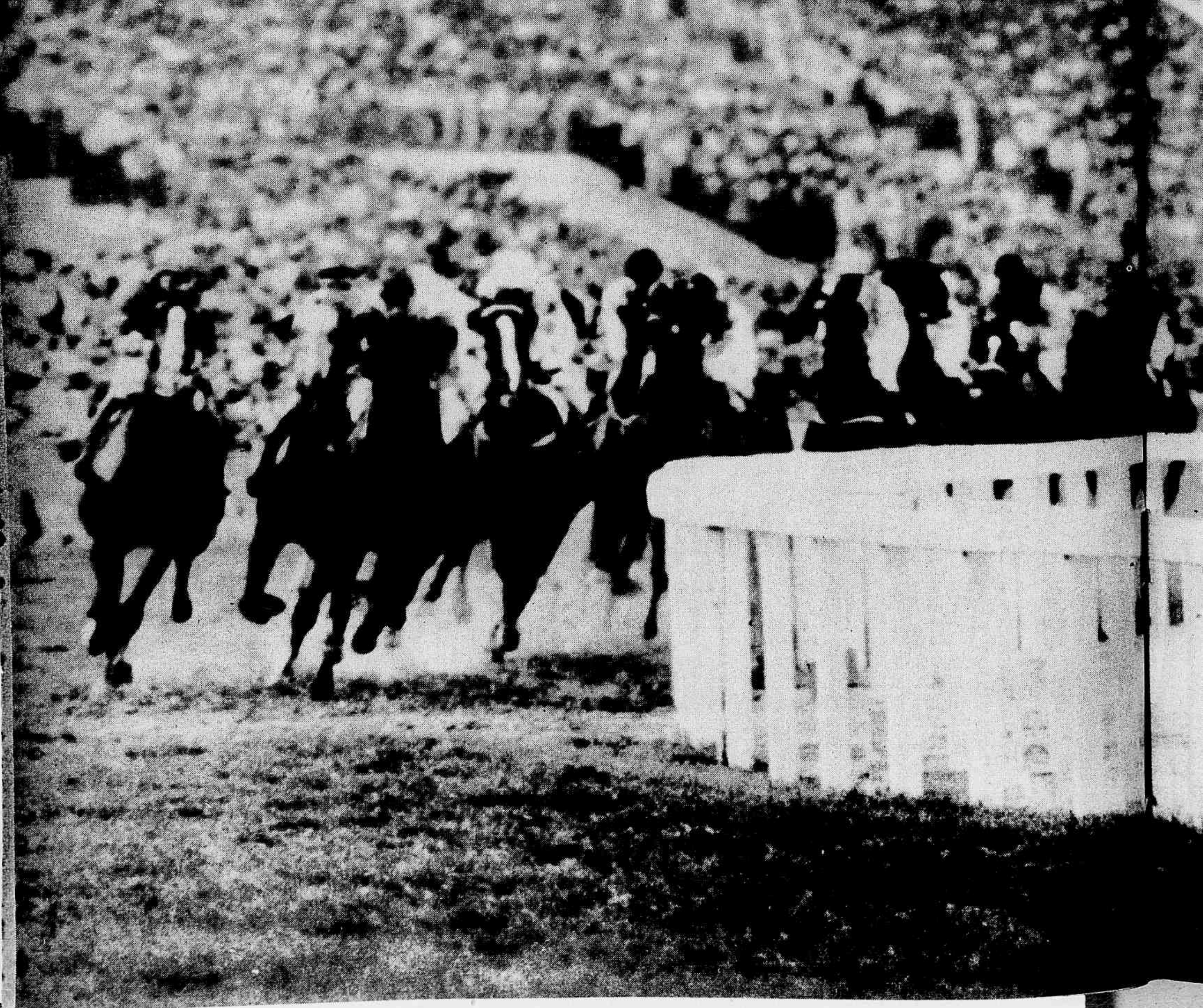
A Conferência Interparlamentar, que reuniu no Rio representantes de 47 nações, chega a seu término. E, completando a sua reportagem anterior, oferece a Revista aspectos curiosos de algumas dessas personagens que nos visitaram, através da entrevista feita com alguns delegados femininos.

JORGE Amado, sem dúvida o nome da semana com o lançamento espetacular de seu último romance "Gabriela, Cravo e Canela", comparece assinando a crônica de última página — "Encontro com Mestre Manuel"; e Conchita Mascarenhas embeleza a capa com seu corpo escultural; e a novela do Arayado se aproxima de seu desfecho, com surpreendentes revelações para os leitores. E a revista mostra ainda as delícias do viver no Tigre, quando as inundações não vêm, em má hora, dar um clima de terror àquelas paradisíacas regiões da Argentina...

No "Grande Prêmio Brasil" 58:

ESPICHE (ARGENTINO), O NOVO VILÃO

Fotos de ALBERTO FERREIRA





Trapézio, saco, balão, colher

- compareceram simultaneamente:

verdadeiro caos

de elegância.

O GRANDE PRÊMIO Brasil de 1958, fugindo à tradição das últimas temporadas, foi realizado num límpido e ensolarado dia. E desta vez, mais do que nunca, a maior prova turfística do continente ratificou seus atributos de "background" para uma impressionante parada de elegância. Este ano, o propalado ocaso da discutidíssima linha saco deu margem à expectativa geral, pois se ela fôsse vencida no GP, estaria liquidada. Mas as linhas irmãs — balão, trapézio e colher — demonstraram as possibilidades da terceira solução e o sentido versátil e malicioso da inventividade da mulher elegante. Mas a moderna linha francesa de chapéus (sem plumas), apresentando-se nos mais audaciosos modelos, obteve uma vitória completa para a corrente revolucionária da moda feminina.

A delegação parlamentar de Ghana, acompanhando deputados de outras nações, deu um colorido novo ao espetáculo, assistindo à festiva reunião em seus trajes típicos.

O Presidente da República compareceu, sendo saudado pelos jôqueis dos concorrentes à grande prova, colocados em linha frente às tribunas sociais momentos antes de se dirigirem para a seta de partida.

O movimento recorde de apostas (69 milhões e 403 mil), ultrapassando em doze milhões o do ano passado; o soberbo estado da pista de grama leve; a característica acentuadamente internacional da competição e o relativo equilíbrio de forças constituíram-se outros fatores que tornaram o Grande Prêmio Brasil de 58 um dos maiores de todos os tempos.



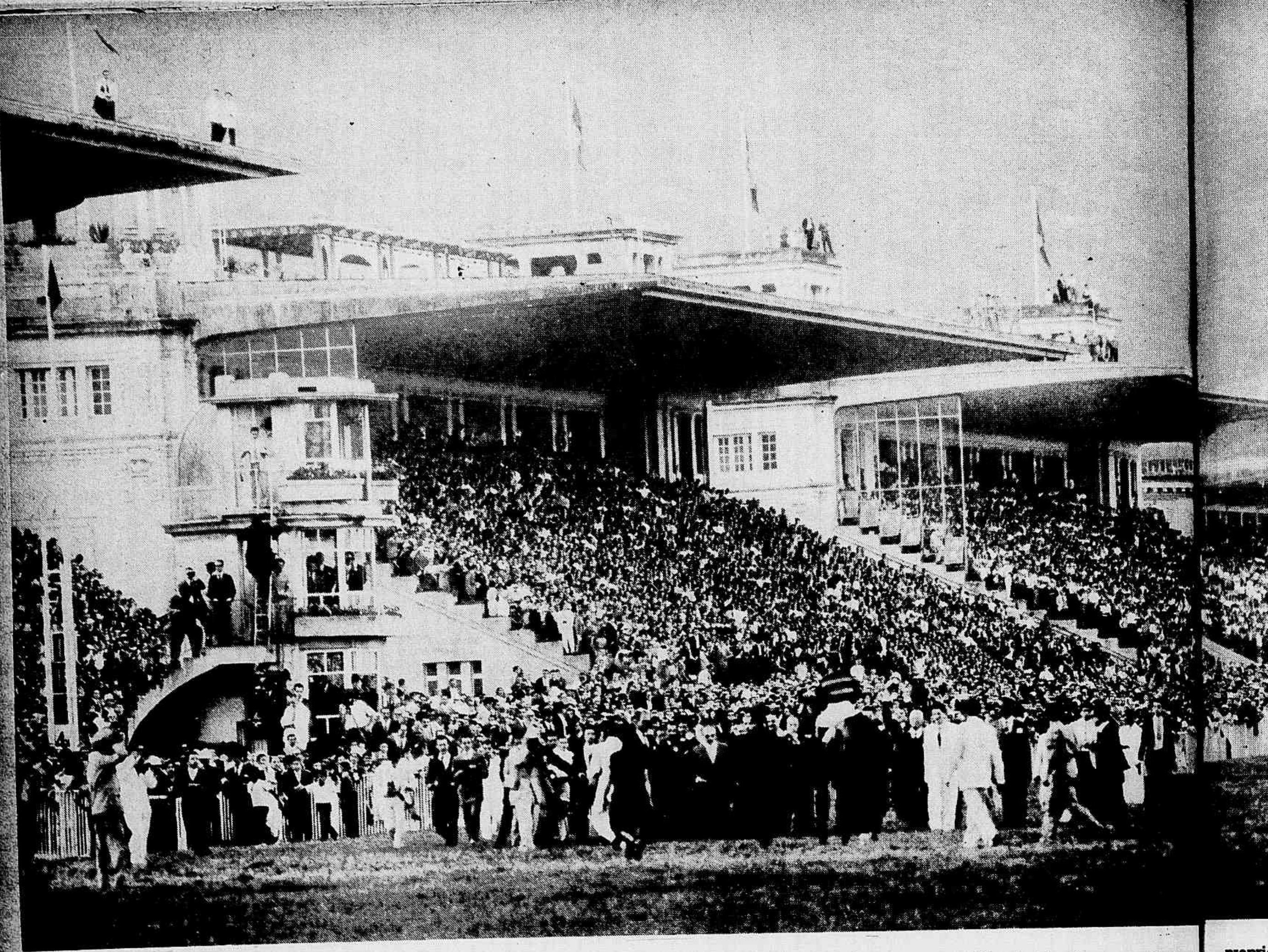
ATÉ QUE ENFIM, AS PLUMAS FIZERAM "FORFAIT" NA FAMOSA PARADA DE ELEGANCIA DESTE ANO, NO JOQUEL E

COM



QUEL E

COMPENSAÇÃO. OS CHAPÉUS, DE LARGAS ABAS CAIDAS, ESCONDIAM AS FACES GRACIOSAS DOS BROTOS



ESPICHE, O VENCEDOR do G.P.B. de 1958, foi montado por J.O. Tapia. E' um cavalo argentino de quatro anos (filho de Esquinazo em Obstinado 3.000 metros sôbre Ras com Ras (por pescoço).

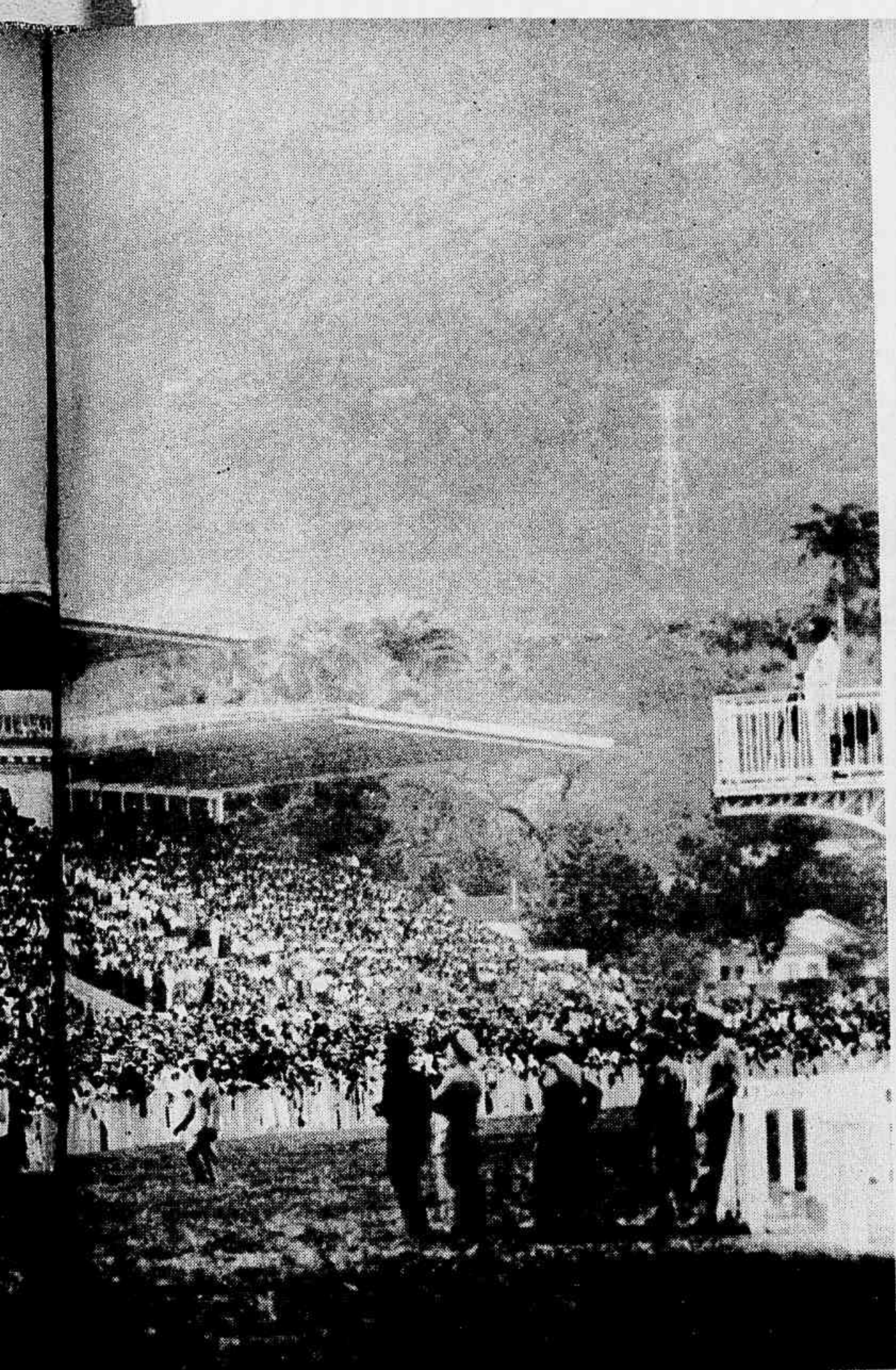


○ Presidente Kubitschek compareceu — elegantíssimo — e logo se viu rodeado pelos brotos.

ESPICHE, CAMPEÃO DE 58

A criação argentina lavrou mais um tempo. Como no ano passado, um de seus representantes menos falados, Espiche, sagrou-se vencedor da grande prova. Espiche recebeu nada menos de 313 cruzeiros por 1 o que é "pule" em muito excessiva para um legítimo craque platino. São poucos os fatores que justificam o desprezo do cartista por este filho de Esquinazo, principalmente pela diferença de apostas que o impediram de Gramofono, a quem havia derrotado por vários corpos na pista gramada de San Isidro em idênticos 3 000 metros.

De parabéns está o Stud Verde e Preto, a única coudelaria nacional que importou um estrangeiro especialmente para o Grande Prêmio. Seus esforços foram bem recompensados e poderão dividir tranquilamente os três milhões e meio com o stud Raca, de Buenos Aires. Espiche foi corrido sempre no fundo do pelotão e preparado para uma partida violenta na reta final. Dulce, que corre sempre nestas características, lançada e exigida no início mais do que de hábito, em virtude da ligeireza dos rivais, não parece ter resistido a este "train" sendo incapaz de desferir nos 600 metros finais.



propriedade do Stud Raca e tratado por Alfredo P. Castro. Já correu quinze vezes na Argentina, e sua última vitória, em Santo Isidro, foi obtida em

fulminante atropelada que lhe granjeou fama. Mas tivemos este ano uma reta final de transcurso emocionante. Buen Mozo, que virara na ponta, foi dominado por Polar e Gramófono, sendo que este, apesar da boa ação que trazia desgarrava muito. Disto se aproveitaram Espiche e Kraus por dentro, junto à cerca, para, numa partida longa, decidirem o páreo de maneira dramática. Juan Ortiz Tapia, experimentado piloto do ganhador, soube aproveitar-se da excelente passagem que conseguiu colocado à cerca e mereceu o triunfo que conquistou. O herói nacional da prova foi esse valente Kraus, preterido por Dulce, Vândalo, Narvik, Nando, que realmente sempre o derrotaram. Mas Kraus, sob o guante de Salomão Ferreira nesta tarde, correu como nunca o havia feito, quase livrando o Brasil de outro dos seus incômodos e renitentes títulos de vice-campeão. Kraus foi derrotado por cabeça, chegando pois, "dentro" do tempo — muito bom — marcado pelo campeão Espiche (184 4/5). Espiche deverá continuar defendendo as cores do Stud do sr. Eurico Solanés e dentro de poucas semanas, nos próximos clássicos da temporada internacional, dará revanche geral aos perdedores inconformados.



Fraque, luvas e cartola: o calor não foi obstáculo à elegância do Ministro.



Conchita a garôta da capa

UMA PLASTICA EXUBERANTE e juventude radiosa o que representa Conchita Mascarenhas, apesar de ser mãe de dois garotos. Ela é muito jovem (completou vinte anos), e é casada com o homem que inventou o "piano do pobre" — o acordeonista Mário Mascarenhas.

Bastante rica, não só pela sua ascendência como pelo marido, Conchita Mascarenhas faz teatro apenas por prazer. No entanto, é muito bem paga. Conta-se que, certa vez, faltando, de repente, uma "girl" numa peça em que trabalhava, surgiu em cena Conchita, ocupando o lugar de simples corista, para que o quadro não sofresse falha. Realmente, Conchita Mascarenhas é uma moça simples. Se sua aparência exterior faz pensar em convencimento e pedantismo, a realidade é bem outra.

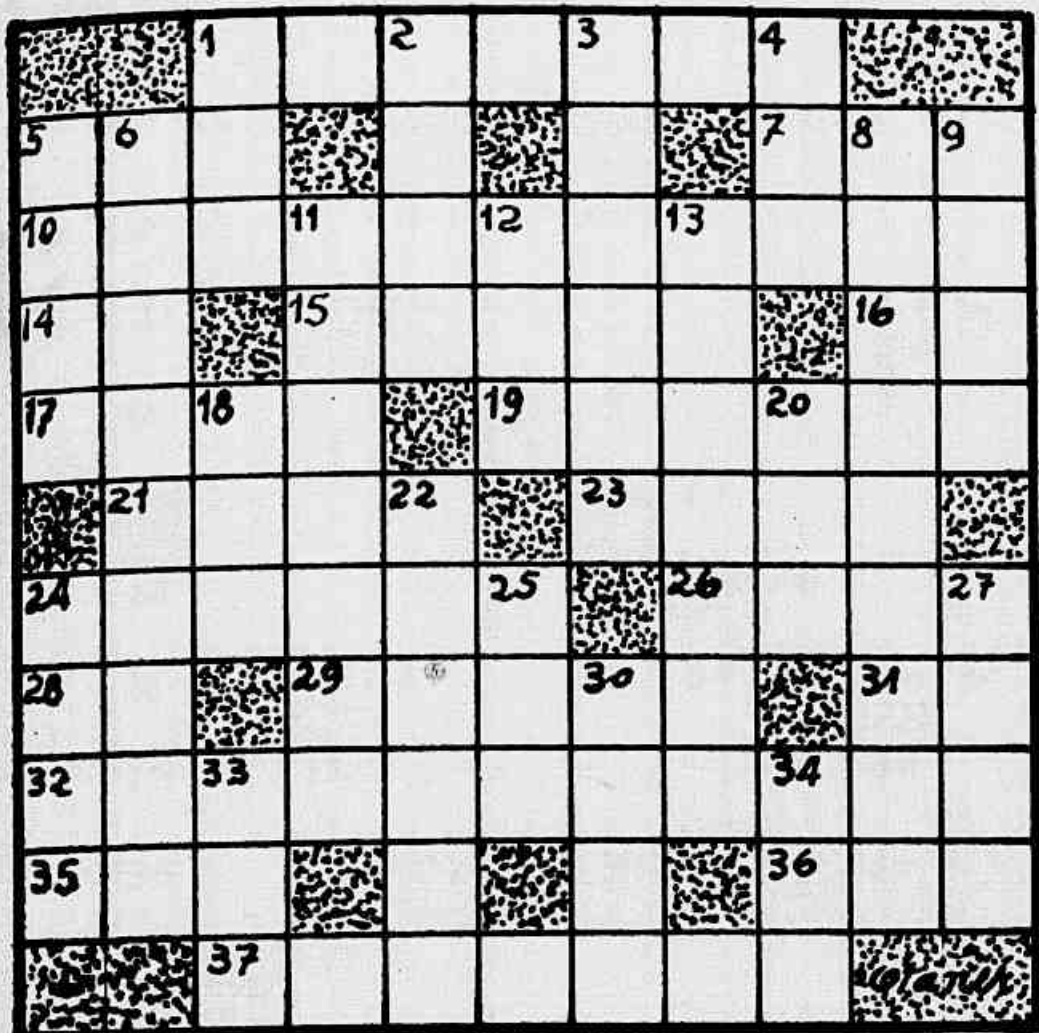
Conchita Mascarenhas se veste com apuro, e seu guarda-roupa nas peças de "shows" em que toma parte são verdadeiras obras de arte de costura. Aliás, o marido faz questão absoluta que ela se apresente sempre — na rua ou no palco — com o máximo de elegância. O que, convenhamos, para Conchita é coisa fácil...



HO
rais —
15. F
— 19.
24. A
Mofa
dos re
— 35
VEL
— 3.
sus.)
9. Aj
dade
(pl.)
brulh
27. A
Celeb

F
HO
mors
Calm
tocol
difer
Tag
— ca
VE
(SE -
alilo
dura
segar

HO
9. A
O m
para
19.
mes
VI
Abr
5. D
leig
 próp
da I
sem
fest



PROBLEMA N.º 45 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: 1. Armadilhas — 5. Grandes tormentos morais — 7. Borda — 10. Sucessos — 14. Variação pronominal — 15. Ficar constipado — 16. Entrega — 17. Estabeleçam acôrdo — 19. Lugar onde se reza (pl.) — 21. Gabola — 23. Senil — 24. Até (ant.) — 26. Certo peixe dos rios do Minho — 28. Mofa — 29. Semente de uva — 31. Travessa que limita o banco dos remadores — 32. Ausência de cornos nos ruminantes (pl.) — 35. Abundância — 36. Constelação austral — 37. Rifões.

VERTICAIS: 1. Ôlho — 2. Arvore frutífera do N. do Brasil — 3. Irritara — 4. Sacerdote budista — 5. Movimento (desus.) — 6. Imóvel — 8. Bater os dentes, com medo ou frio — 9. Ajudas — 11. Cortar em declive (um terreno) — 12. Herdade delimitada por marcos — 13. Indivíduo muito inteligente (pl.) — 18. Altar gentílico e cristão — 20. Dizer — 22. Embrulha — 24. Estar encalacrado — 25. Deus dos egípcios — 27. Arvore do Congo — 30. Antiga embarcação de carga, nas Celebes — 33. Ano de vida — 34. Seguias.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 44

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS — seres — morso — macla — opõe — Calm — rin — aba — Llo — tocológicos — abotoca — indiferente — rau — eca — Tag — odre — vela — soara — casar — Araci.

VERTICAIS: cópio — 2. S. SE — Eo — em — Sac — alho — morteiros — ronca — dura — calcantes — amos — segar — abotoca — alofe —

ágora — obi — ice — nados — talar — era — vai — ar — CC.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: alisara — má — er — aturava — irerê — ata — ala — única — adorara — re — II — usarias.

VERTICAIS: ama — latitudes — sare — revelaria — ara — Urano — araca — irar — aru — ais.

PROBLEMA N.º 45 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: 1. Da côr do ouro — 8. Moléstia (pl.) — 9. Atraiçoas — 10. Nome da 11.ª letra do alfabeto árabe — 12. O mesmo que "arqui" — 13. Reza — 15. Antiga medida hodesa para líquidos — 16. Creme de leite — 18. Nota musical — 19. — Óxido de ítrio — 21. Confusa, desordenada — 23. O mesmo que assétear.

VERTICAIS: 1. Relativa à Amazônia — 2. Perversa — 3. Abrev. de "altitude" — 4. Extraordinária, pouco comum — 5. Dera aviso de alguma coisa em voz alta — 6. O mesmo que leigas — 7. Tornar semelhante; transformar em substância própria — 11. Nome dado à pescada-amarela em certos pontos da Bahia (pl.) — 14. Tenebrosos — 17. Pasta de cêra e pó de sementes com que os Parecis se pintavam para cerimônias e festas — 20. Palavra bérbere que significa filho — 22. Aqui.





As russas não queriam ser entrevistadas — exceção apenas aberta por Mme. Lédédéva, deputada e tisiologista famosa, que falou sobre a ambição de paz das mulheres soviéticas.

GENTE DE SAIAS, NA CONFERÊNCIA INTERPARLAMENTAR

LYGIA SOARES



Mme. Supeni, chefe da Delegação da Indonésia, começou sua carreira política aos 14 anos. Muito lutou pela participação das mulheres na vida do seu país.

Uma delegada japonesa, no plenário da Conferência Interparlamentar. Seu belo quimono causou sensação.

Esta simpática delegada da Inglaterra tinha uma grande preocupação: os preços dos táxis.



DESDE 1928, as mulheres turcas votam e podem ser eleitas, graças ao Sultão Ata-Turk, enquanto que em outros países de cultura mais elevada as mulheres não haviam conquistado esse direito, como por exemplo a Suíça que até agora não concedeu às mulheres o livre exercício do voto.

São palavras de Mlle. Nuriye Pinar, representante da Turquia, na Conferência Interparlamentar, que se realiza no Rio.

Muito elegante e simpática, Mlle. Pinar é a primeira mulher geóloga da Turquia, tendo exercido o cargo de professora de Geologia e Paleontologia na Universidade Nacional daquele país, cargo que ocupou até o ano de 1954, quando deixou para ser deputada. Eleita pela segunda vez para a Câmara dos Deputados, é também presidente de um clube hípico, "Smirna", na cidade do mesmo nome. Criou a Associação dos Geólogos da Turquia, da qual é também presidente e que tem por finalidade amparar e defender os interesses dos geólogos turcos.

Perguntada quanto ao estado civil, respondeu:

"— Não tive tempo de casar".

Sobre os direitos da mulher turca, disse que — "elas nada têm à reivindicar mas, agora, faz-se necessário trabalhar muito para tirar os cargos importantes dos homens. Eles, como é natural, ficam enciumados e a única solução é que os cavalheiros se casem com elas."

Depois de nos declarar que essa é a primeira vez que vem ao Brasil, mas que já o conhecia muito através da correspondência que mantém com professores brasileiros, falou-nos de suas impressões sobre os aspectos do Rio de Janeiro e de seu povo:

"— O Rio de Janeiro é uma das cidades mais bonitas do mundo, como Stambul, e causa alegria ver que neste país não há preconceito racial; encanta ver brancos e pretos trabalhando lado a lado".

MOÇAS NA ACADEMIA MILITAR

Mlle. Pinar revelou que a Turquia é o único país onde as moças podem ingressar na Academia Militar, especializando-se como oficiais, em engenharia química e em diversas outras matérias que são ministradas aos homens. As mulheres de sua Pátria sempre participaram ativamente das guerras. Citou o caso de camponesas que, em suas carroças de trigo, conduziam ocultamente, armas e munições até os campos de batalha.

Inquirida sobre se as mulheres turcas iam à frente de batalhas combater o inimigo, disse:

— "A mulher é muito delicada para matar os homens. Em todo caso elas se permitem, às vezes, matá-los. Mas só de amor".

— "Quando menina — continuou — era meu grande desejo ser médica e cheguei mesmo a fazer um curso preparatório na França. Senti, porém, depois que desejava ser, era mesmo geóloga". Geologia é o meu "hobby".

Despedindo-se da reportagem, Mlle. Nuriye Pinar revelou que está encantada com o povo brasileiro, achando-o muito amável. Mostrou-se preocupada com a situação que o mundo atravessa atualmente, apesar da grande alegria que sente por participar da Conferência que ora tem lugar nesta cidade.

Procurando ouvir outras senhoras participantes das outras cinco Delegações, abordamos duas representantes da Rússia que, ao contrário da representante da Turquia, negaram-se à fazer qualquer entrevista, declarando estarem muito apressadas: Ao dirigir-nos à intérprete russa, Nina, que além de francês, domina nossa língua, pedimos que ao menos se deixasse fotografar. Respondeu-nos em bom português: — "Detesto publicidade". Pudemos notar que todas as senhoras russas usam meias de algodão, e roupas de tonalidades escuras, não fazendo nenhuma delas uso de qualquer tipo de maquiagem. Apenas uma das senhoras que soubemos chamar-se Lila, tem um tipo especial que a difere das outras representantes: usava um leve vestido estampado bem feminino, que lhe dava um ar primaveril, trazia os cabelos ondulados presos à rabo de cavalo e não usava meias.

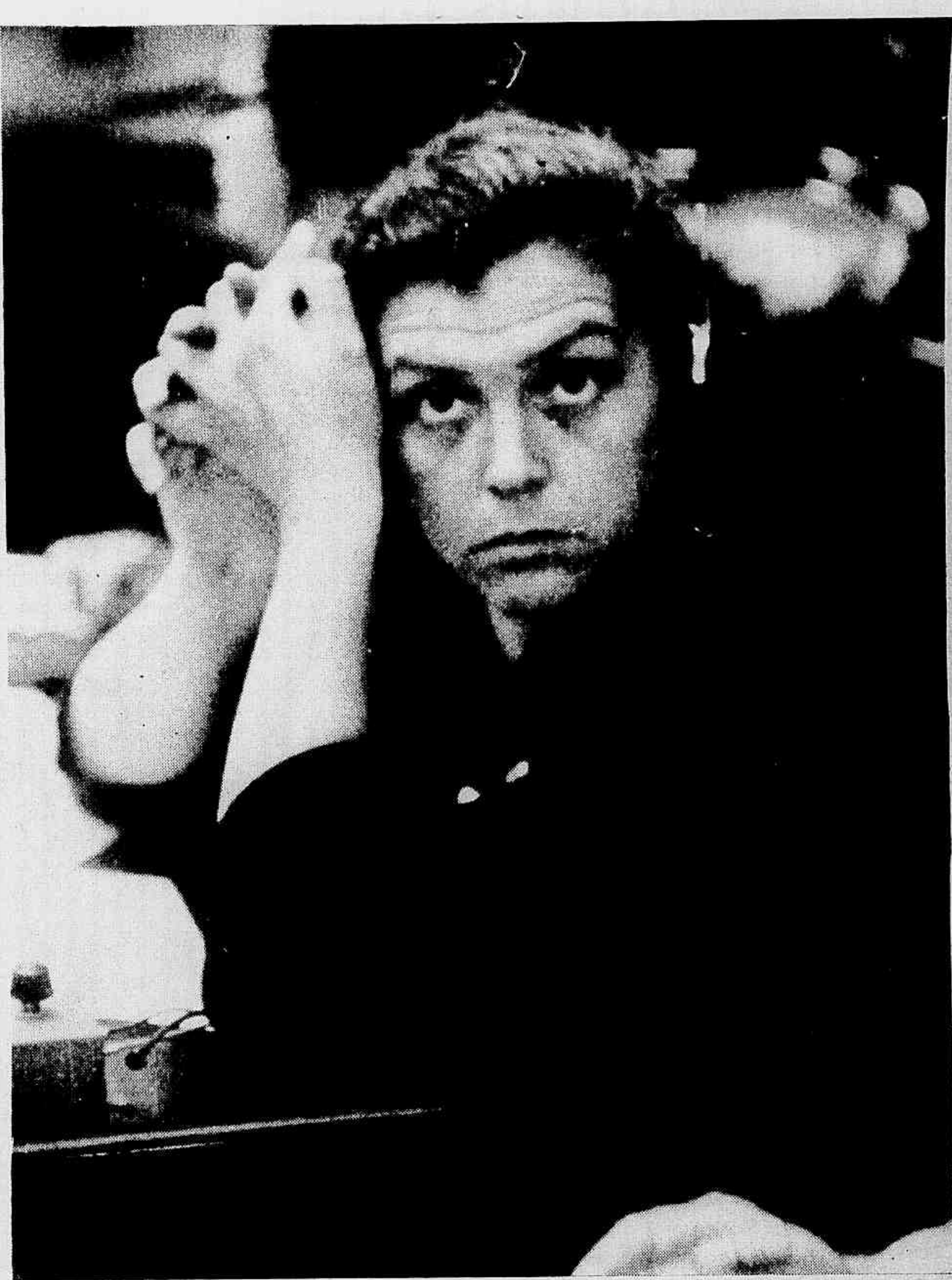
Se estivesse em meio ao reboiço da Cidade Maravilhosa, poderia facilmente ser confundida com uma carioca. Abordada por nós mostrou-se muito esquiva e não quis fazer qualquer declaração.



Perguntada sobre o seu estado civil, Mlle. Nurye Pinar, da



Sra. Katherine St. George, única representante feminina dos Estados Unidos: simpatia e distinção.



ar, da

Turquia, disse: "Não tive tempo de casar".

As russas trajavam com grande sobriedade: roupas escuras, meias de algodão.



Os debates foram acompanhados, atentamente, pelas delegadas da Suécia, da Hungria e dos Países Baixos.

Na Turquia, mulher pode ir para a escola militar.

Vimos então uma senhora, de aspecto extremamente simpático, apreciando um mostruário de pedras semi-preciosas, muito interessada, perguntando ao encarregado dos transportes para os parlamentares de que forma poderia adquirir aquelas pedras azuis tão encantadoras.

Tratava-se de Mrs. Michael Feighan, esposa de um congressista americano e enquanto aguardava a presença de seu marido admirava as jóias nas vitrines do saguão do hotel.

Falando à reportagem disse achar o Rio muito bonito mas que já está com saudade da família.

— Residimos em Cleveland, Ohio, — prosseguiu — e eu ficaria muito contente se meu marido se sentisse mais feliz, apenas em casa”.

FINALMENTE UMA RUSSA FALA!

A única representante russa que fez declarações à imprensa foi Mme. Lédédéva, deputada, fisiologista famosa e Secretária Geral do Grupo.

Trajava sóbrio costume de uma espécie de tropical de cor cinza, tipo alto e forte, calçava sapatos baixos e meias de lã. Assediada pela reportagem, assim se expressou:

— A maior ambição das mulheres russas é que o mundo se conserve em paz e cada homem dedique ao progresso de seu país e à família todo seu esforço. Acho que a mulher deve aparecer pelas suas ações e não pela publicidade que possam fazer em torno dela.”

Mme. Lédédéva possui fortíssima personalidade, sentindo-se o seu predomínio sobre os demais congressistas russos. É a primeira pessoa a tomar assento na Conferência e a última a retirar-se.

Muito apressada, Mme. Lédédéva retirou-se logo em seguida às suas breves palavras. Procurando ansiosamente um táxi que a conduzisse ao Parlamento notou a aproximação de um carro de aluguel que estacionava à porta. Dirigiu-se para o carro. Girou nos calcanhares rapidamente, ao notar que o veículo transportava materiais da delegação americana...

Falando com o recepcionista do hotel notamos três senhoras. Dirigimo-nos à elas, mas da mesma forma que as russas, esquivaram-se à qualquer declaração. Uma delas, Lady Stoddart Scott, assim se expressou:

— “Não sei nem por onde começar para dar uma opinião”.

E não houve meios de dizer mais nada. Trocava impressões com uma das representantes do Canadá e sua filha, Carolyn Scott, que parecia estar pisando sobre brasas. A todo momento a jovem loura de olhos azuis tirava o pé de seu sapato vermelho. Até que, percebendo o fotógrafo, resolveu sentar-se numa poltrona.

Ao ver que a ela nos encaminhávamos, levantou-se imediatamente, dizendo-nos apenas seu nome, e voltando a palestrar com sua mãe e a Sra. canadense.

Pela conversa que mantinham pudemos perceber que estavam muito preocupadas com o preço do táxi...

— “O MUNDO MODERNO requer que a mulher tome, cada vez mais, parte ativa nos assuntos de interesse público” — é o pensamento da sra. Katherine St. George, deputada do Partido Republicano, que há 12 anos representa o Estado de Nova York no Congresso. Além disso, a sra. St. George é membro da Comissão de Forças Armadas da Câmara dos Representantes, sendo a primeira mulher, e até hoje a única, a ocupar uma cadeira naquele órgão técnico.

Em declarações à esta revista, a sra. St. George disse, com referência à participação da mulher norte-americana na política de seu país:

— “Nos Estados Unidos existem atualmente 17 mulheres exercendo mandatos no Congresso, sendo que uma delas pertence ao Senado. Considero que, em relação à população de nosso país, a percentagem de mulheres que se interessam pela política ainda é muito pequena. Acredito e espero que, no futuro, as mulheres de todo o mundo venham a tomar parte mais atuante nas ques-

tões políticas. Muitos dos problemas atuais requerem um “toque feminino” para serem melhor resolvidos”.

Prosseguindo em suas declarações, a simpática sra. Katherine abordou o problema do comunismo, considerando de “como enfrentar a ideologia comunista” a questão mais importante para ser resolvida.

— “Não é possível um entendimento entre as democracias e o mundo comunista” — disse a representante dos Estados Unidos. — “Isto vem sendo provado, em todos os conclaves de que participamos juntamente com os representantes soviéticos. Os comunistas possuem tal rigidez ideológica, que se torna impossível o debate ou a troca de idéias com eles. Além do mais, evitam mesmo o contato pessoal com pessoas de outros países, falando invariavelmente o seu idioma, e somente trocando palavras com os demais delegados por meio de seus intérpretes. A única maneira de defender a Democracia contra a expansão de uma filosofia positiva, como a comunista, é empregando-se meios positivos. Devemos estabelecer um limite, e impedir que este seja ultrapassado. Precisamos apoiar nossos valores morais e espirituais, convictos de que estes são os melhores. Não é possível conciliar idéias, com quem desconhece o sentido do debate e o significado da conciliação de opiniões.

O RIO PROGREDIU MUITO EM 48 ANOS

Esta é a segunda vez que a sra. St. George visita o Brasil, tendo estado aqui há 48 anos passados.

— “Parece que tudo mudou e progrediu —, foi a sua impressão, a respeito do desenvolvimento da capital brasileira. — As únicas coisas que ainda me recordam a visita anterior são o Corcovado e o Pão de Açúcar.

A sra. Katherine St. George, que, em sua presente viagem, faz-se acompanhar de seu neto, um jovem estudante de 19 anos de idade, nasceu em Tuxedo Park, no Estado de Nova York, é membro do Conselho Municipal de Tuxedo, cargo que exerce há 15 anos; foi delegado do “Orange County”, em 1944, à Convenção Nacional Republicana, é membro da Sociedade Agrícola do Estado de Nova York, do Bureau Doméstico de Orange County, da Câmara de Comércio de Newburgh, e do Capítulo Quassaick das Filhas da Revolução Americana.

De seu matrimônio com o sr. George Baker St. George possui uma filha e além de todos os cargos mencionados acima, é ainda membro da Igreja Episcopal.

Tendo sido eleita para o 80º Congresso à 5 de novembro de 1946, tem sido reeleita desde então.

MADAME SUPENI, representante feminina da Delegação da Indonésia, é sem favor algum, uma das mais simpáticas mulheres que participam da Conferência Interparlamentar. É chefe da delegação e exerce as funções de presidente do Comité de Relações Exteriores do Parlamento indonésio. Iniciou sua carreira política aos 14 anos, quando entrou para a Juventude Nacionalista, cujo principal objetivo era lutar pela independência da Indonésia.

Em 1946, após ter sido presidente de um departamento daquela Juventude, entrou para o Partido Nacionalista, pelo qual foi eleita deputada em 1955.

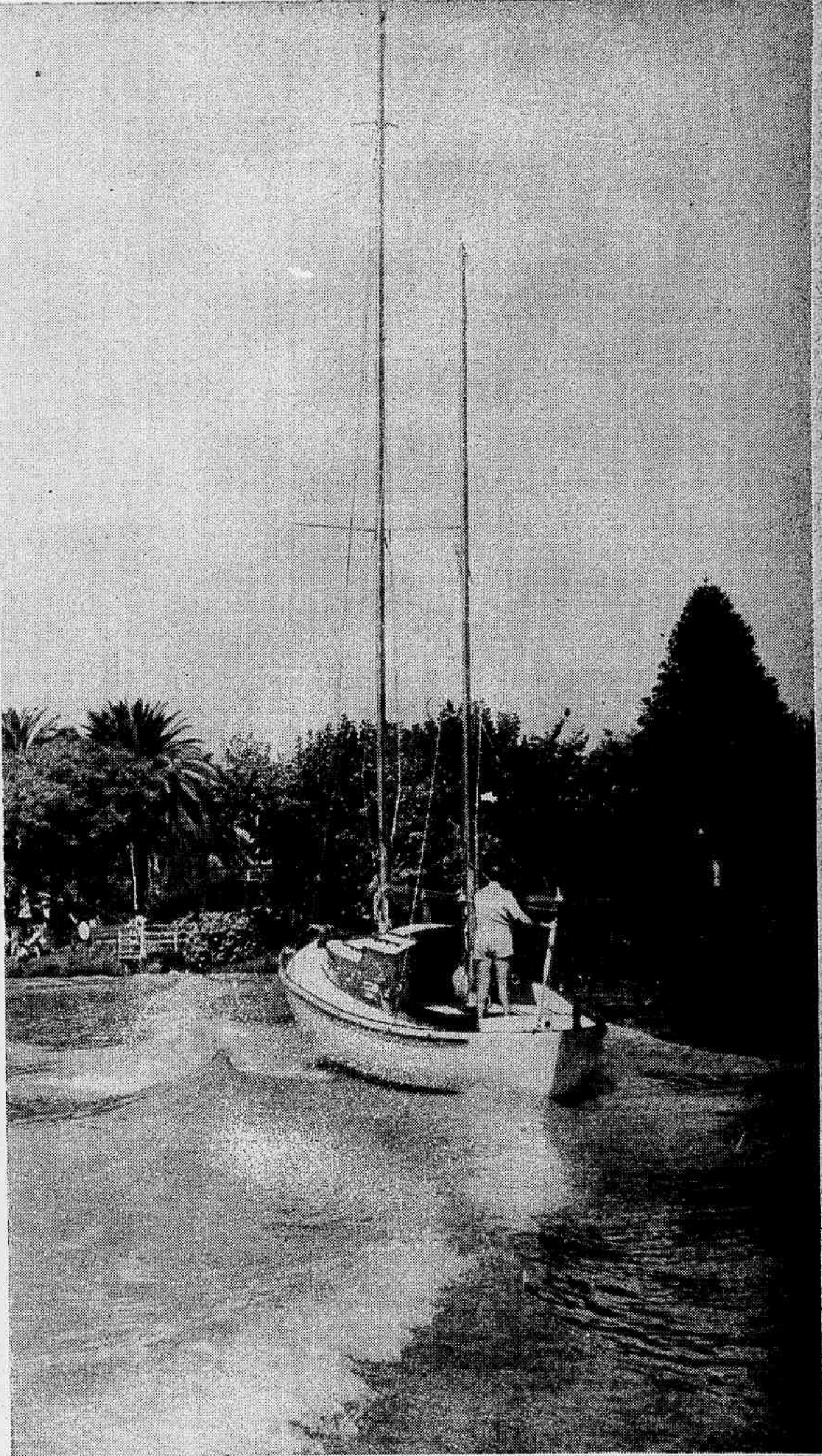
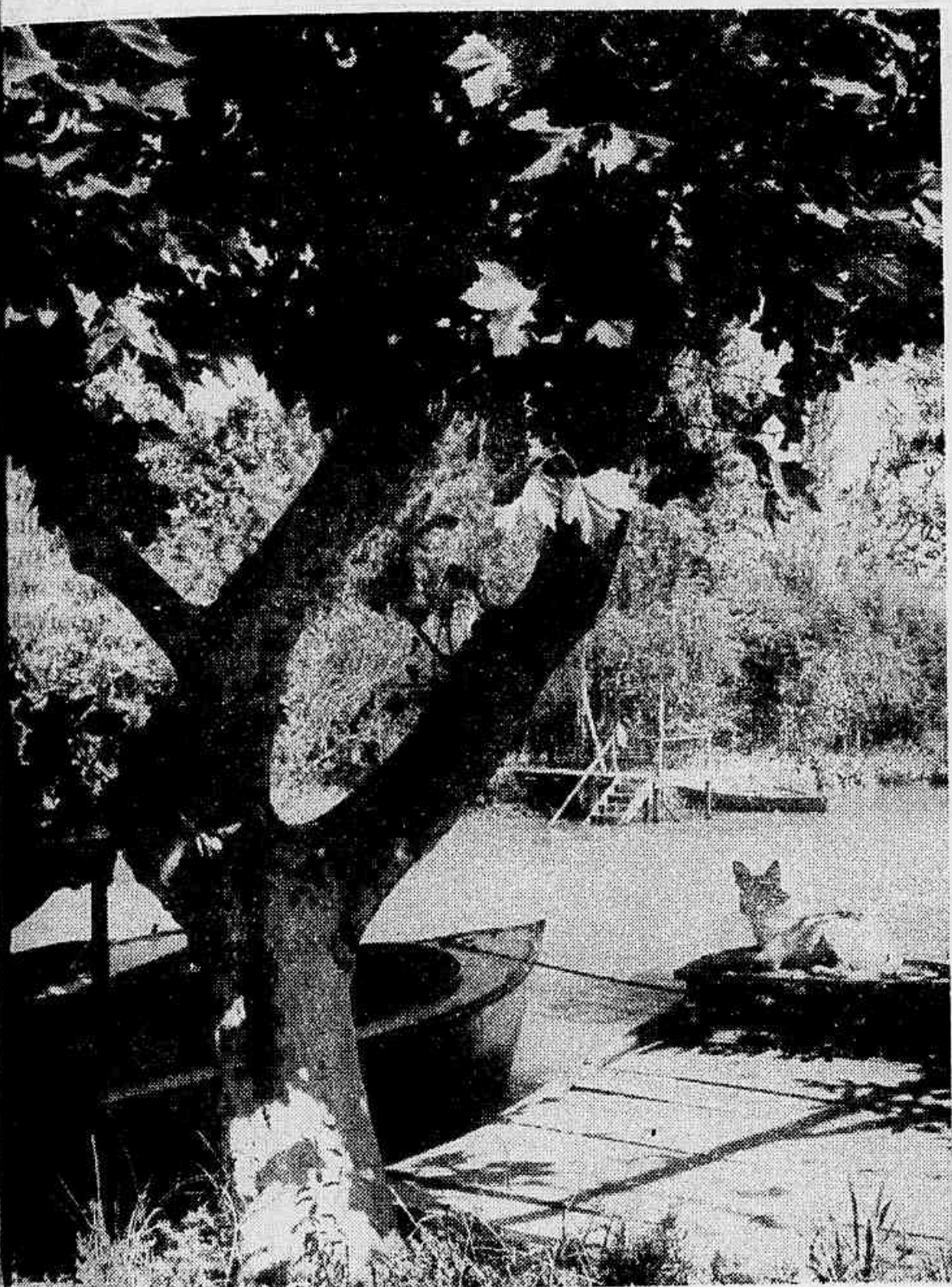
ORGANIZAÇÕES FEMININAS

Desde cedo madame Supeni compreendeu a necessidade da participação das mulheres na vida pública do país. Daí surgiu a sua constante preocupação em organizar grupos femininos especiais, culminando com a atual PERWARI (Associação das Mulheres da Indonésia), da qual ela é presidente.

A atividade de milhões de mulheres da Indonésia, na vida pública do país, permitiu — segundo afirma madame Supeni — que não mais exista qualquer discriminação em relação ao chamado sexo frágil.

— “Na Indonésia independente as mulheres ganham os mesmos salários, têm as mesmas oportunidades e são cercadas de carinho e respeito”.

No Tigre é assim: recantos bucólicos, lanchas a cruzarem a todo o momento o rio de águas oleosas.



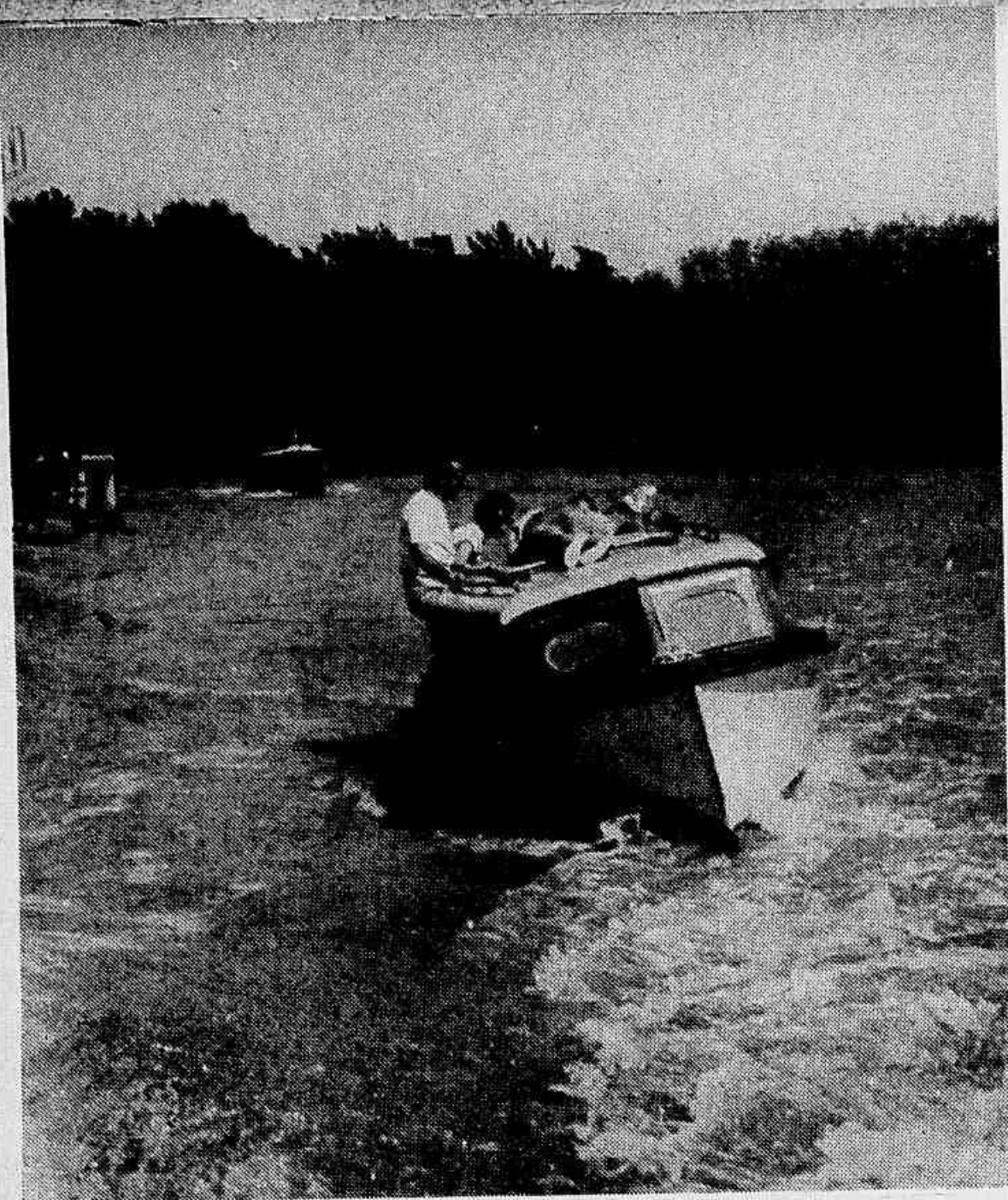
QUEM MORA NO TIGRE RI À-TOA

SE VOCE FOSSE argentino e rico, moraria às margens do Rio Tigre, o bairro mais bonito e "bem" de Buenos Aires. Teria um carro europeu (não é "bem" ter carro americano) e uma lancha americana para poder sair de casa. Sua casa seria das mais bonitas e ricas de Buenos Aires e seus vizinhos seriam todos da melhor sociedade, além de milionários. Na frente da casa o senhor teria um enorme gramado, acabando num pôrto privativo — provavelmente a única saída para a rua, no caso um rio.

Pela manhã, você sairia de casa na sua lancha com motorista de boné e tudo e desceria o Tigre, com outras lanchas, tôdas caríssimas. Cruzaria com lanchas mais baratas que servem de táxi ou de lotação para os turistas, especialmente brasileiros e fotógrafos. Ou com lanchinhas modestas que estarão levando para sua casa o leite, a carne, os ovos e os legumes, os jornais.

Depois, deixaria a lancha aos cuidados do motorista e pegaria o seu carro (com toda a certeza um Rolls-Royce ou uma Mercedes, quando não fôr um Jaguar), para chegar ao centro da cidade.

QUEM MORA NO TIGRE RI À-TO



A tardinha é a hora de se passear de lancha, entre as pitorescas margens do Tigre, cobertas de vegetação.

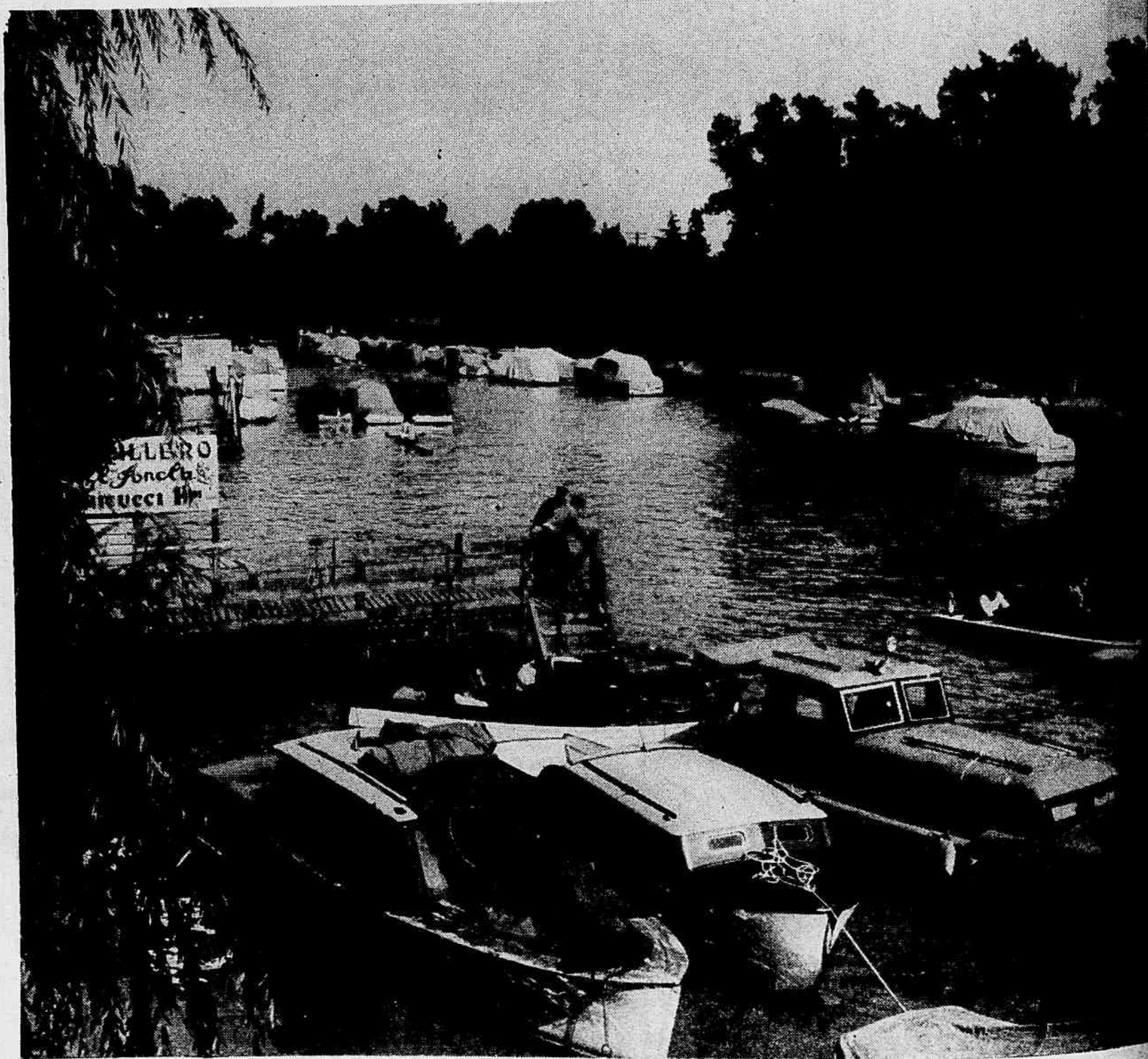
O centro de Buenos Aires fica bem longe e o turista, para passar defronte à sua casa, pega primeiro um subterrâneo, depois um trem e depois uma lancha-táxi e levará nessa viagem mais de um hora.

Se você não o convidou para almoçar em sua casa, ele não precisa voltar à cidade: almoça numa das muitas barcas-restaurantes que ficam ancoradas ao longo do Tigre. E se não tiver dinheiro bastante para almoçar, come mesmo um "churrasco-flutuante" numa das "lanchas-americanas".

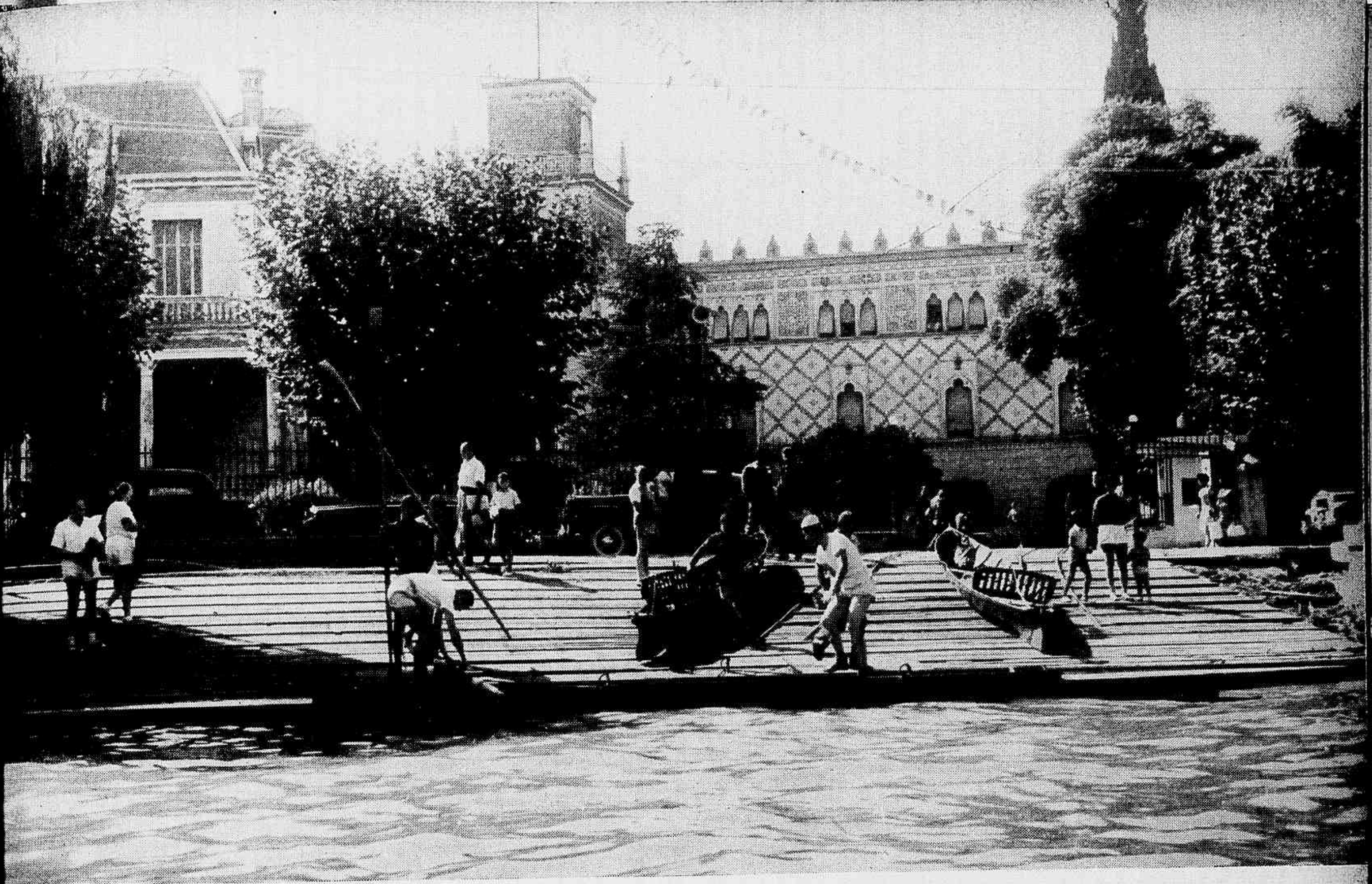
No domingo, o senhor terá convidados para um churrasco ao ar livre e todos ficarão de malô ou calção de banho, embora o rio não seja bom para um mergulho, por causa do óleo das lanchas-barcas. E, no gramado defronte à sua casa, ficarão todos à vontade, tomando banho de sol (considerado "o esporte favorito dos que moram no Tigre") e dando adeus para os que passam nas lanchas. Um ou outro convidado pode querer pescar, mas isso não é de todo aconselhável, se a finalidade da pescaria fôr pegar peixe.

A tardinha é a hora de passear de lancha, rio acima. E não há problema para abastecer a lancha: na margem, de um lado e de outro, você encontrará postos de gasolina, inclusive um com uma faixa anunciando: "Solamente Esso da a su lancha el máximo".

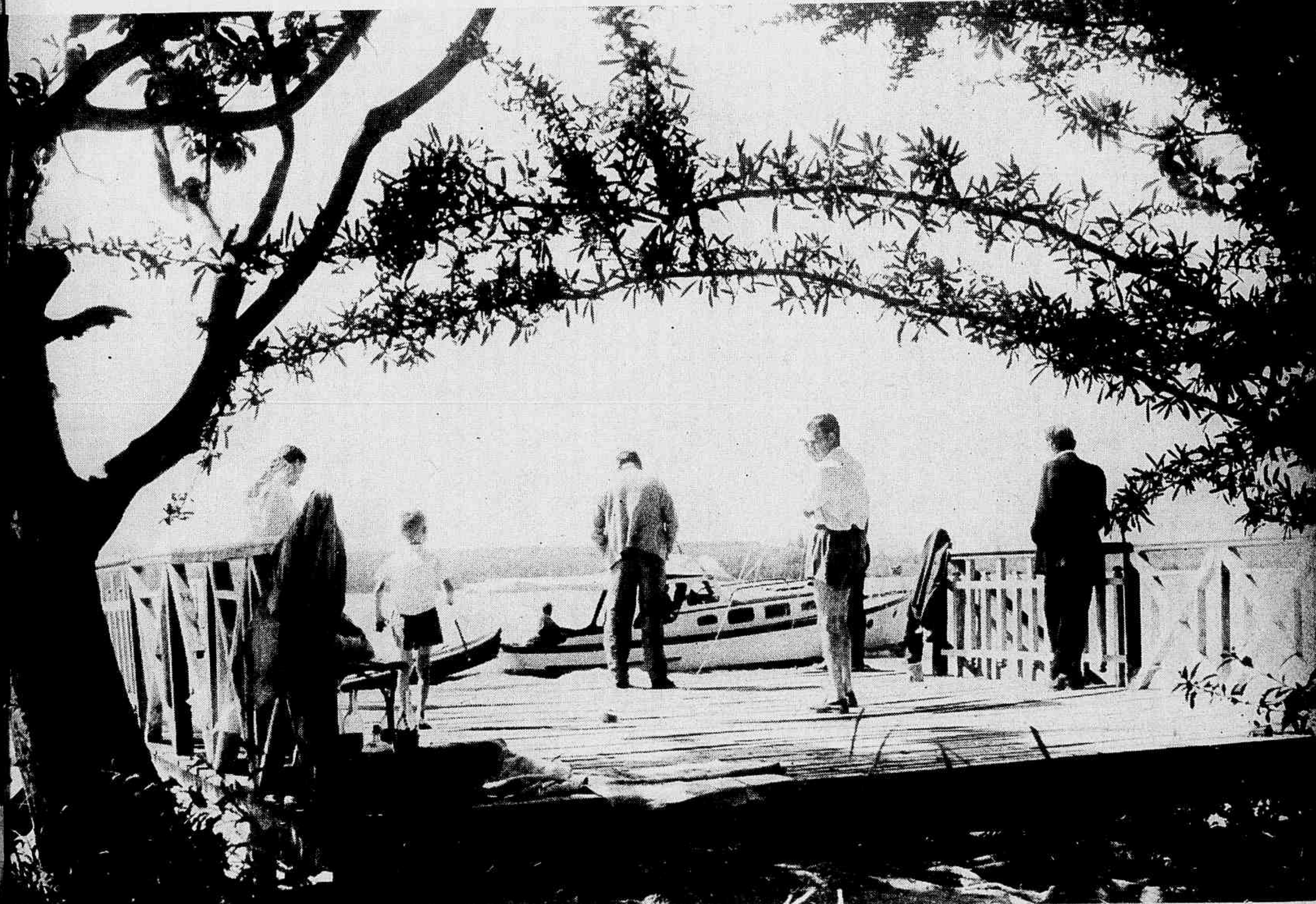
E se você, além de argentino e rico, fôr moço, encontrará com facilidade várias muchachas bonitas, de malô, prontas para aceitar um passelo de lancha. Exclusivamente para ter uma oportunidade de esqualar um pouco.



pa
s u
un
e n
esta
er d
o-fl
co-
o r
has
vo
to d
s la
o n
peix
ão
o e
n un
mo"
á co
a ac
ortu



Os magníficos palacetes têm, sempre, seus cais particulares. E as lanchas-táxi conduzem o turista para o centro de Buenos Aires.





SRTA. ANITA TEREZA SILVEIRA — Rainha da Primavera do Grêmio Vista Alegre desta capital.

LEIAM

EU SEI TUDO TODOS OS MESES

CR\$ 15,00

VEJA E LEIA O NOVO "MUNDO ILUSTRADO"

ORIENTE MÉDIO:

O mundo assustado com a guerra.

MÉXICO:

Eleição presidencial com voto colorido.

ESTADOS UNIDOS:

Uma cigana disse "não" a Adalgisa Colombo.

BRASIL:

Confissões do escritor John dos Passos.

Você viaja pelo mundo inteiro em cada edição do

"MUNDO ILUSTRADO"

Completamente renovado, sensacional nesta semana.

"Organização Diário de Notícias"

BILHETE DE MINAS

ANTERO DE ALENCAR

A DECORAÇÃO da nova residência, a belíssima mansão do casal Humberto (Jane) Pimenta Soares, iniciada há mais de dois meses, foi agora entregue ao artista Gifranco Cerri, que está respaldando-a com um gosto extraordinário. Está ficando uma beleza.

ENTRE OS srs. José de Abreu Lima e Guilherme Meireles, sempre existiu uma sólida amizade. Agora, porém, estão mais unidos do que nunca, porque são eles os elementos de cúpula da Companhia Industrial Café do Brasil que acaba de ser fundada para a industrialização do café solúvel — o "SOCAFÉ". A fábrica será construída na Cidade Industrial, numa área de 16 mil e 400 metros quadrados. O capital de 40 milhões de cruzeiros, está praticamente já subscrito.

A TEMPORADA LÍRICA Oficial de 1958, sob a direção geral da Sociedade Coral de Belo Horizonte, continua em pleno sucesso no Teatro "Francisco Nunes". Já foram encenadas as óperas "Manon" de Massenet e "Tosca" de Puccini, com ótima frequência e muito boa representação por parte dos artistas: Diva Pieranti, Irmgard Muller Bianca, sopranos; Bruno Lazzarini, Alfredo Colosimo e Nino Crimi, tenores; Paulo Fortes, Wilson Simão, Jorge Bally, Antônio de Pádua e Oswaldo Coutinho, barítonos e baixos. Dirigiram a orquestra: maestros Edoardo de Guarnieri (Manon), e Mário Bruno (Tosca).

A MAIS BELA entre as belas brasileiras, Adalgisa Colombo, conquistou o 2.º lugar na classificação final para a escolha de "Miss Universo". Não foi a Colombo, mas foi da Colômbia, Luz Marina Zuloaga, que conquistou o cetro da mais bela do Mundo.

NA CIDADE de Montes Claros, a princesa do Norte, existe o mais lindo Clube Campestre de Minas. Vale a pena ser visto. E' uma beleza.

"PASSARELA" patrocinará, em setembro próximo, uma festa de gala na cidade de Uberaba, quando será apresentado um fascinante desfile de modas no Uberaba Tênis Clube, numa imponente "NOITE DE GALA".

CAMBUQUIRA, a elegante estação de águas, está se movimentando para eleger a sra. Maria Teresa Silva, prefeito da cidade. Muito bem.

A SENHORA Maria do Espírito Santo Diniz, uma das DEZ MAIS ELEGANTES de Belo Horizonte, esteve numa noite muito feliz, prestigiando com muita categoria o seu título na reunião de sábado passado na "Príncipe de Gales", a buate mais bonita do Brasil.

E, POR FALAR nas DEZ MAIS, quem fez as fotos das elegantes de 57, publicadas nesta revista, foi o artista da objetiva, Guido Cerri.

NA LIVRARIA Itatiaia, houve mais um encontro de figuras das letras mineiras para o lançamento do livro "História da Literatura Mineira", do acadêmico Martins de Oliveira, que foi saudado pelo brilhante intelectual Honório Harmond.

A CANDIDATURA do sr. Nelson Thibau para prefeito da capital, vai de vento em pópa, segundo suas próprias declarações. E' a mocidade que se põe a serviço da cidade.

JÁ SE MOVIMENTA "Passarela" para a proclamação das DEZ MAIS ELEGANTES da capital, de 1958. O olho clínico esta funcionando com todo o cuidado.

S
NCAR
ão do
ais de
l, que
cando
reles,
mais
úpula
fun-
AFE".
ea de
e cru-
geral
o su-
as as
ótima
istas:
azza-
Wil-
tinho,
oardo
olom-
colha
mbia,
la do
existe
visto.
a fes-
lo um
numa
e mo-
to da
DEZ
muito
reu-
mais
s ele-
obje-
figu-
stória
a, que
to da
lara-
o das
ínico

"Atlas" — no ar,

5 000 quilômetros

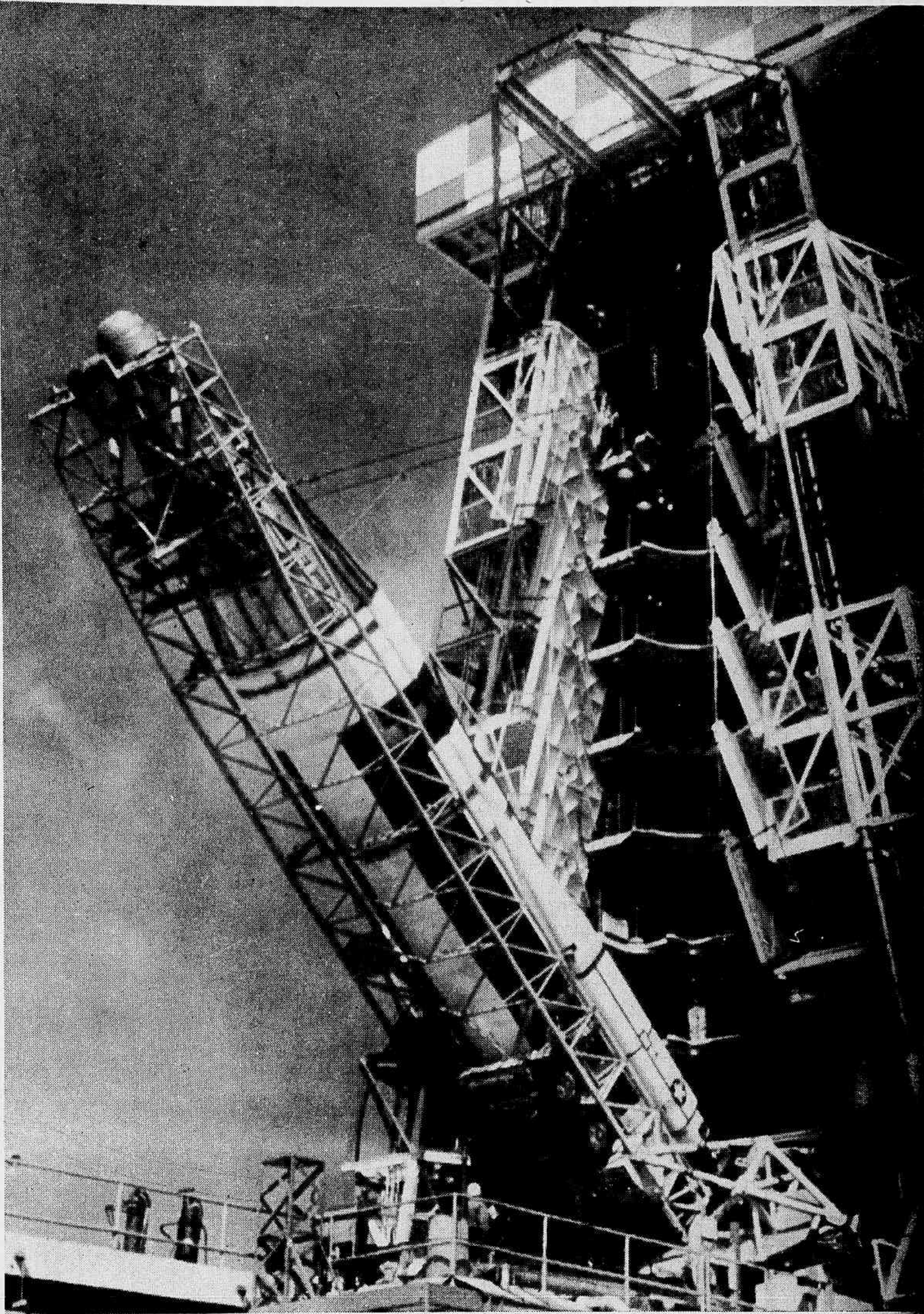
por hora; na terra,

5 000 quilômetros

em oito dias

Texto de JOÃO MARQUES

Fotos IPS



NA PLATAFORMA — Para a "festa junina", não há convite à URSS...

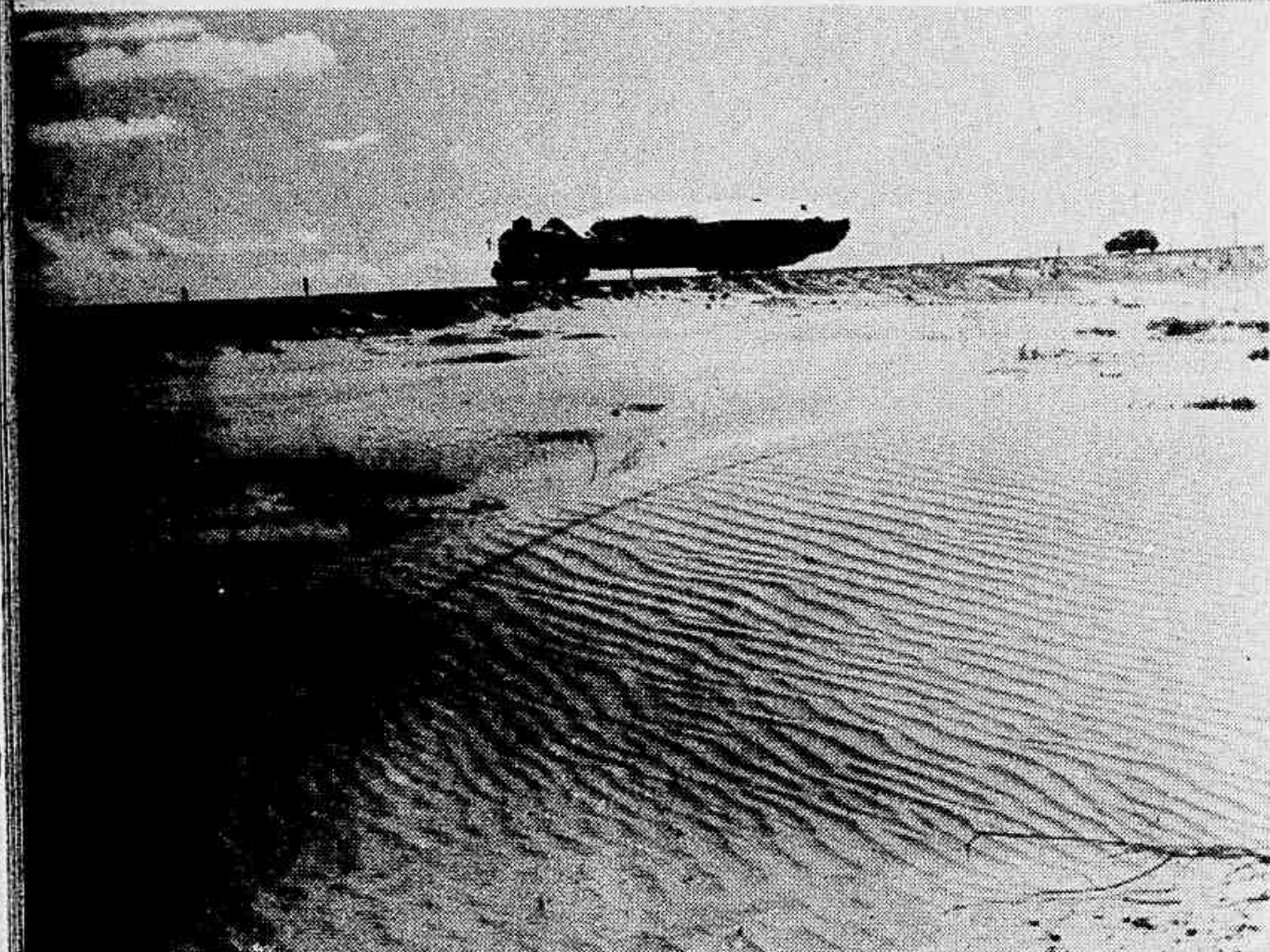
OPERAÇÃO TARTARUGA

EIS Aí A SUPREMA humilhação para um engenho balístico intercontinental capaz de voar à velocidade de 5.000 quilômetros por hora — ou mais. Que humilhação é essa? Já compreenderão: arrastar-se em lombo de caminhão pela terra firme, jamais ultrapassando a velocidade de 60 quilômetros horários — ou menos. *Revista da Semana*, num esforço de reportagem, apresenta hoje a série completa das primeiras fotos divulgadas no Brasil sobre

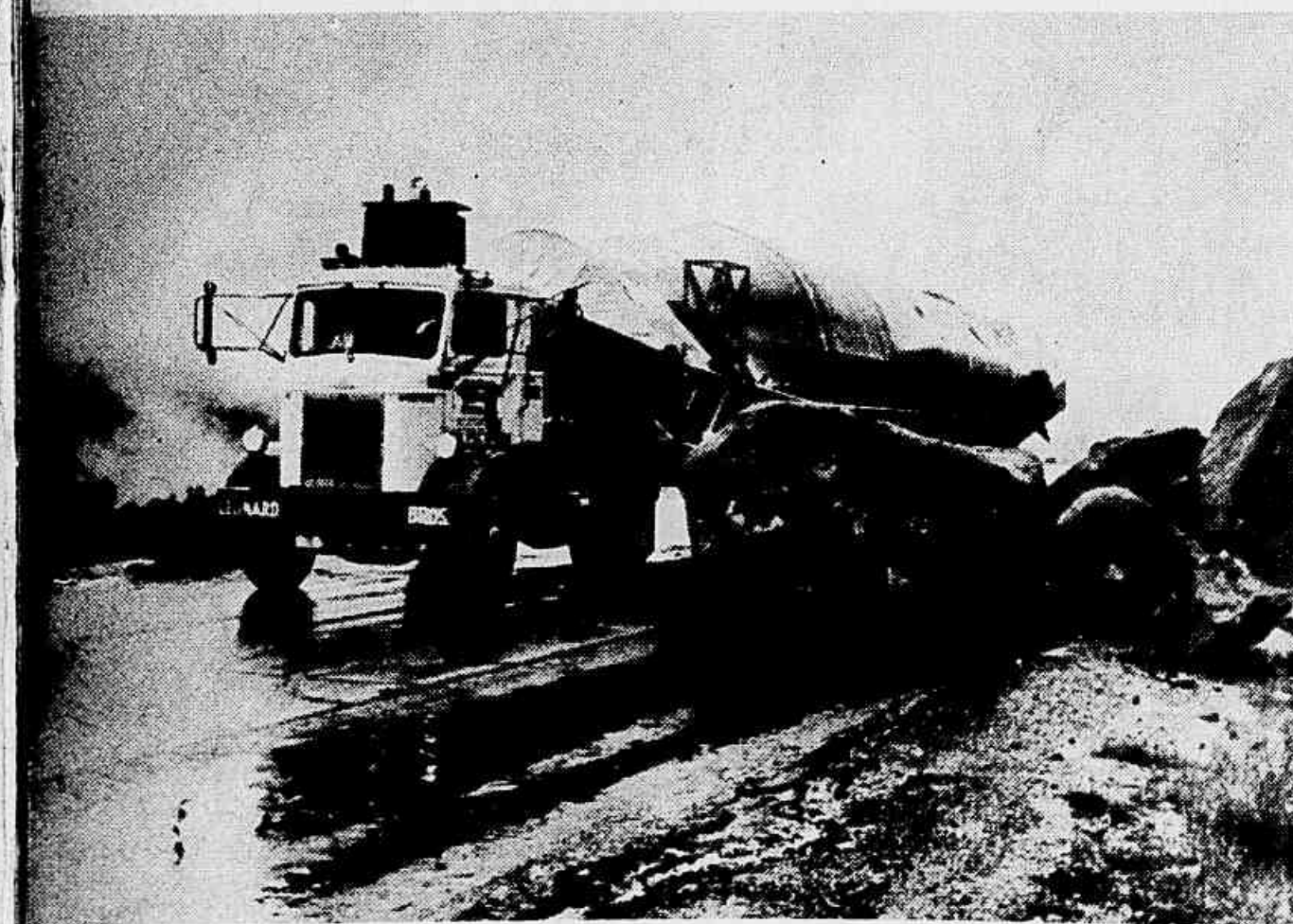
a viagem em que o projétil balístico intercontinental chamado *Atlas* (made in USA) sai de sua fábrica em San Diego, na Califórnia, até o Centro Experimental do Cabo Canaveral, onde está situada sua plataforma de lançamento. Distância percorrida: 5.000 quilômetros, através de oito Estados norte-americanos. Tempo gasto: oito dias.



COMÊÇO DA VIAGEM: adeus a San Diego.



CÉU E AREIA: foguete concorre com camelos.



CARLOS DRUMMOND NO PLURAL: pedras no meio do caminho.



PROBLEMA PARA INSPETOR do

Um recorde de lentidão ou de passo-tartaruga para o mais veloz foguete do mundo.

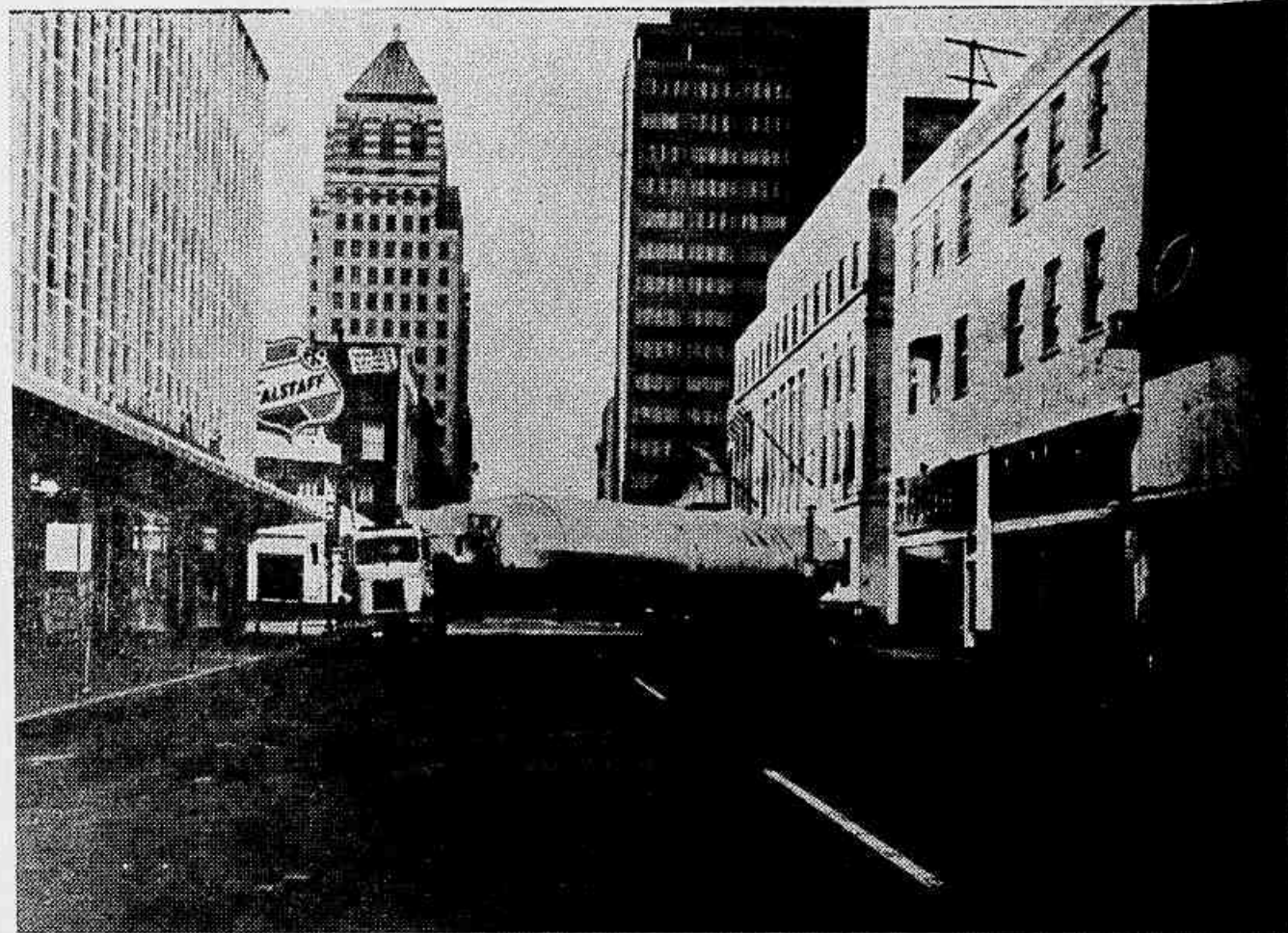
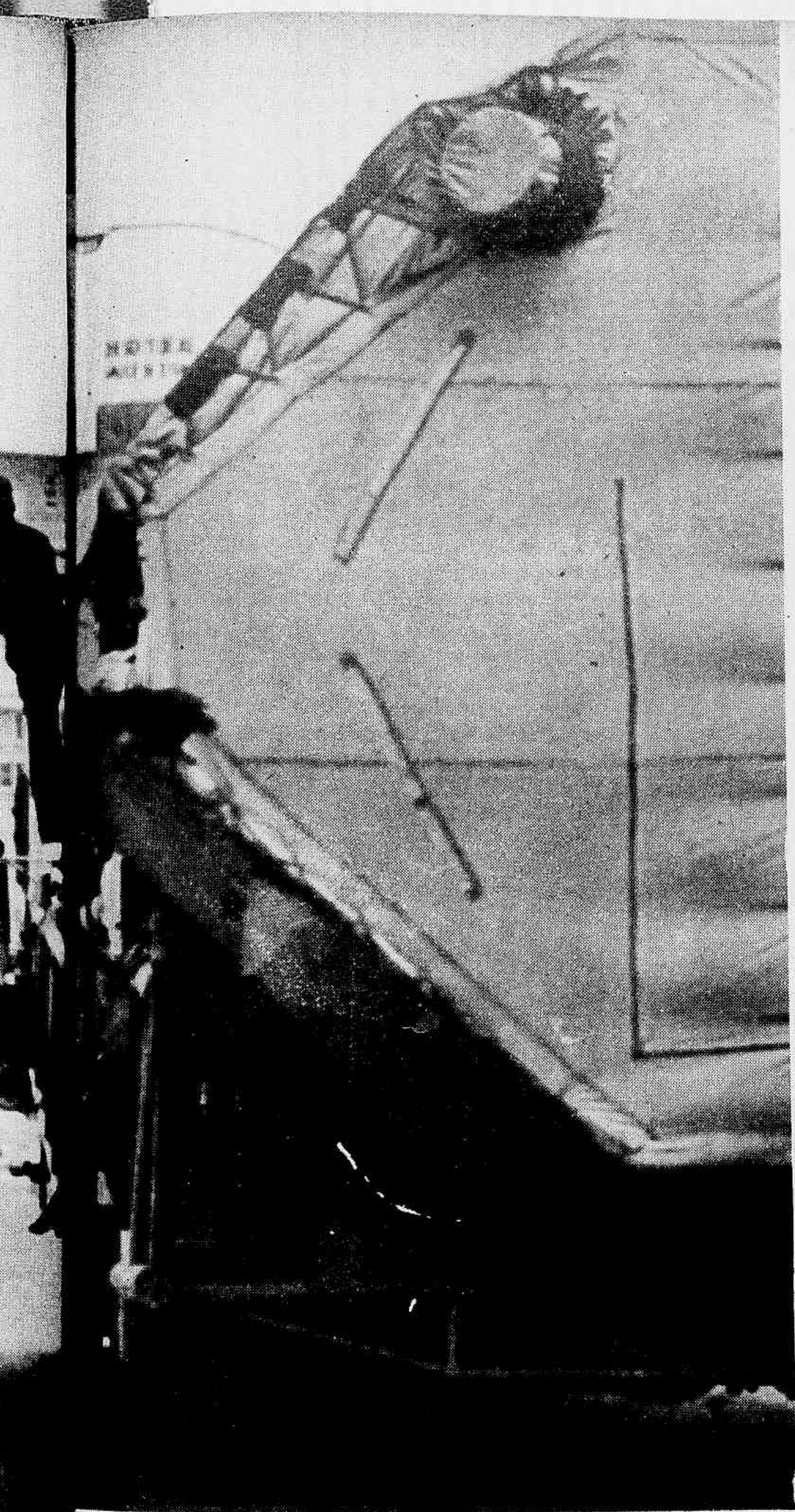
PROTEÇÃO

Pesadamente envólto numa capa de proteção, para evitar tanto os olhares curiosos como as consequências do tempo, o projétil é acompanhado por cerca de vinte homens, entre motoristas, vigias que do alto do "trailer" fiscalizam os obstáculos porventura existentes na estrada.

Guardas da Polícia Aérea tomam conta do *Atlas* durante as paradas e técnicos em projéteis zelam pela sua integridade.

SIGILO NA ROTA

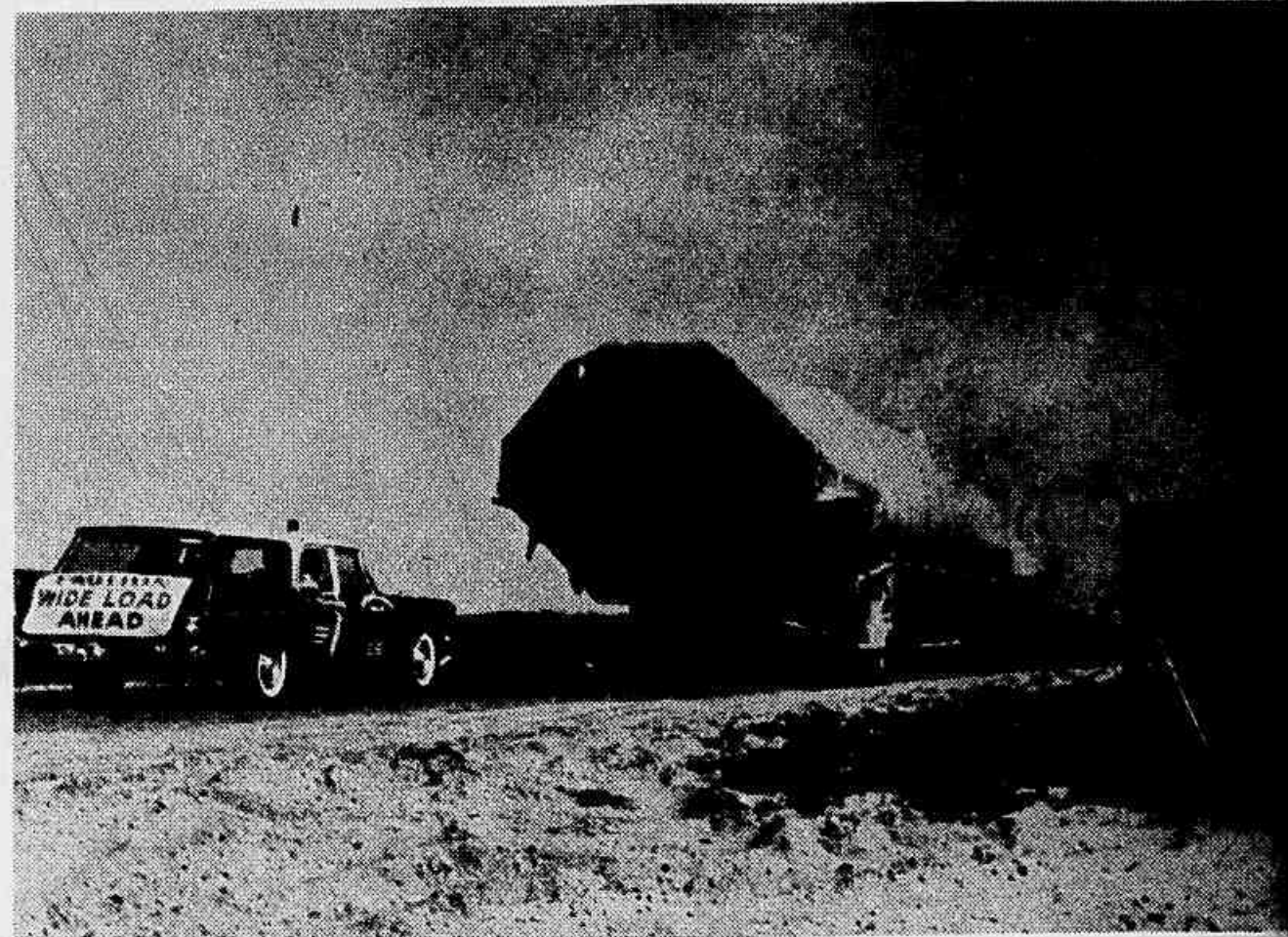
Uma camioneta-auxiliar transporta as peças sobressalentes, tanto do foguete como do comboio que o acompanha. Vários Es-



LONG-BEACH SEM MISSES : curvas (apertadas) na passarela.



VIADUTO EM CIMA : mecanismo do trailer pode encolher.



PONTO FINAL : agora, o rumo é o espaço.

trânsito : foguete circula na avenida

tados exigem que a caravana seja escoltada, em seu território, por forças da polícia estadual.

Em geral, a estrada a ser percorrida é examinada previamente, pois, devido ao grande tamanho do *trailer* que conduz o *Atlas*, ela não deve ter curvas muito fechadas. A velocidade é limitada a 60 quilômetros por hora, e até hoje nenhum dos comboios do *Atlas* foi vítima de qualquer acidente, embora vários motoristas se tenham assustado com o seu tamanho.

A rota é sempre mantida em segredo, evitando-se as grandes cidades.

DOIS MILHÕES NAS ESTRADAS

Observação: o *Atlas* custa (por unidade) dois milhões de dólares; isto é, cerca de 260 milhões de cruzeiros. Os norte-americanos asseguram que, em caso de guerra, esse foguete promoverá uma verdadeira "festa junina" à revelia da URSS...



UM DIA NA VIDA DA GLAMOUR-GIRL

YVONNE LINHARES

NENÁ TAVARES é a "Glamour-girl" de 1958. Moça bonita, simples e inteligente, nasceu no Distrito Federal há 22 anos.

Tão logo apareceu no palco do Copacabana Palace, no "Baile da Glamour", organizado pela sra. Léa Duvivier, fêz sentir o seu charme e, entre tantas senhoritas belas e elegantes, foi eleita pelo júri, a mais glamurosa. Seu nome de batismo é Beatriz Helena, mas poucos sabem disso e somente a conhecem por Nená, apelido de infância.

Acorda diariamente entre 8 e 9 horas e ainda pela manhã recebe aulas particulares de inglês e francês, pois, pretende um dia conhecer a Europa. Adora ficar em casa costurando ou lendo e, nas horas vagas, ouvindo seus discos prediletos que são os de Nat King Cole e Frank Sinatra, saindo, vez por outra, à tarde, para fazer compras ou ver algum filme que lhe interesse.

Nená não freqüenta muito reuniões sociais, porque nada faz por obrigação. Vai apenas às festas que lhe aprazem, sempre em companhia de seu noivo, o advogado Luiz d'Orey. Justamente isso, aconteceu no "Baile da Glamour", quando resolveu ir à última hora. Nunca esperou ser eleita e, ao perguntar-lhe o que sentiu ao ser escolhida, respondeu-me:

— Fiquei nervosíssima e bastante assustada.

— E quando deparou com o microfone à sua frente? — indaguei.

— Até hoje não sei bem o que disse, soube-o por outras pessoas.

Chegando em casa acordou sua mãe e falou:

— Sou glamour.

Ela, surpresa, custou a acreditar, visto Nená não ter sido candidata — porquanto



l" de
gente,
s.
Copa-
", or-
sentir
s be-
mais
atriz
mente
ncia.
ras e
ulares
n dia
casa
vagas,
ão os
aindo,
npras
s so-
. Vai
empre
ogado
teceu
olveu
eleita
er es-
assus-
rofone
disse,
nã e
visto
quanto

seu nome foi lançado apenas na festa — mas sabendo da verdade ficou radiante, o mesmo sucedendo com seu noivo que sempre achou Nená a mais glamurosa das moças. Nená não pratica esportes, mas aprecia uma partida de tênis e um jogo de futebol, de vez em quando.

Costuma ir à praia de Ipanema em frente ao Country Club, onde chama atenção pela sua perfeita plástica. Fêz o curso ginásial no Colégio Sacré Coeur de Jesus; em seguida estudou literatura e datilografia no Centro Social Feminino.

Nená conheceu Luiz há cinco anos numa "Gincana" em Petrópolis e daí nasceu o amor que os unirá pelos laços do matrimônio. Ficaram noivos em abril e subirão ao altar em novembro próximo, na Reitoria da Universidade do Brasil, juntamente com sua irmã Nanou, que se casará com o sr. Francisco de Mello Franco. Figurou, várias vezes, em listas das "dez senhoritas mais elegantes do Brasil", dos cronistas Ibrahim Sued, Fernando Augusto e José Alvaro.

Seus perfumes preferidos são: "Ma Griffe" e "Arpège"; figurinistas: Balmain e Givenchy; prato: no momento está com mania de coquetel de camarão. Deliciou-se com a leitura dos livros: "A 25.^a hora", "O tempo e o vento" e "Les cloches de Nagasaki". No ano passado, esteve em Buenos Aires, durante quatro meses, onde frequentou a melhor sociedade local.

Do Brasil conhece São Paulo e Belo Horizonte. À noite, seu noivo vai buscá-la para irem ao cinema ou então jantar no Country, seu clube favorito. Assim, é um dia da "glamour-girl" que termina precisamente quando acaba o dia, à meia-noite, hora em que volta para casa e se recolhe ao leito embalada pelo seu sonho de felicidade.



EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380.00 — Casal Cr\$ 520.00

Sem mais acréscimos

Avenida São João. 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
São Paulo — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



APRENDA A DANÇAR



CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
GUARACHA
BOLERO
MARCHA
RUMBA
SWING
SAMBA
TANGO
MAMBO
BAIÃO
CHORO
VALSA
FOX

em apenas 10 dias,
pelo moderno método do
Prof. Gino Fornaciari, autor
do livro «Como Aprender a
Dançar», já em 9ª Edição,
melhorada, contendo 140 grá-
ficas, que permite a V. S.
aprender em seu domicílio,
sem professor. Faça seu pe-
dido, pelo Reembolso, à Cai-
xa Postal, 649 — São Paulo,
Cr\$ 120.00. — Encontra-se
também à venda em todas as
livrarias do Rio e de São
Paulo. O Prof. Gino Fornaciari
mantém um curso espe-
cializado de Aulas Particula-
res, diariamente, das 9 hs.
às 22 hs. à Avenida Liberdade,
120 — 2º andar — conj.
8 — São Paulo.

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente,
ou sem firmeza, use BÉL-HOR-
MON N° 1 e quando for, ao con-
trário, demasiadamente volumoso,
use BÉL-HORMON N° 2. BÉL-HOR-
MON, à base de hormônios, é um
preparado moderníssimo, e efí-
ciente, de aplicação local e resul-
tados imediatos. Adquirir-o nas
farmácias e drogarias ou pelo
Correio.



B É L -
HORMON

Sociedade Farmacêutica Quintino
Pinheiro Ltda. — Rua São Januá-
rio, 706 — Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me por Reem-
bolsa Postal um vidro de «BÉL-
HORMON» N°

NOME
RUA N°
CIDADE
ESTADO

Por Vale Postal Cr\$ 150.00

LEIAM

EU SEI TUDO

Cr\$ 15.00

“Mil” lhe oferece:



PARACHUVAS

Super Luxo

colocação imediata

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6194 RIO DE JANEIRO

Só na
Mil

Cartas

CAMPEÕES DO MUNDO

“Excelente a edição que vocês deram sobre os “Campeões do Mundo”. É um número completo, de muito bom gosto, que deve ser guardado como uma relíquia”.

Alfredo Justa — D.F.

“Aqui em São Paulo, foi um sucesso. Também o anterior, com Belini na capa, esgotou-se em todas as bancas. Foi a capa mais bonita de quantas apareceram homenageando os nossos campeões”.

Waldir Arantes — S. Paulo

EQUILIBRIO

“Sinceramente, vocês sabem contentar o leitor mais exigente, dar-lhe o necessário alimento para os olhos e para o espírito: ao lado da finura de Drummond e do humor de Orígenes Lessa, uma série de fotos alucinantes que vão desde essa divina Vlady, excitante silhueta de Adalgisa Colombo...”

J. Henrique — Taubaté

SURPRESA

“Alegremente surpreso em encontrar, no belo número dedicado à chegada dos heróis da “Jules Rimet”, o capítulo inicial da novela do grande Aníbal Machado. Sim, senhor, a revista está de parabéns”.

Heloisa Telles — B. Horizonte

CONCURSO DE CONTOS

“Escreve-lhe alguém magoado por esta revista. Um alguém que já por duas vezes compareceu epistolarmente à sua presença e que teve o desprazer de se ver inteiramente ignorado...”

H. N. — D. Federal

§ Desculpe-nos o atraso da resposta, mas somente agora nos chegou às mãos o seu conto “As Baratas”. Infelizmente, o trabalho não está em condições de ser publicado. O tema, sem dúvida curioso, não foi bem aproveitado. Não há dúvida de que, apesar de certa ingenuidade de tom, você tem qualidades que podem, perfeitamente, ser desenvolvidas.

O Editor

ELOGIOS

“Há um mês que venho acompanhando a evolução surpreendente da revista. E aqueles nomes da crônica de última página! Drummond, Aníbal Machado, Jorge Amado! Sem abandonar a feição popular, vocês conseguiram uma revista literária das melhores do momento”.

Eneida de Carvalho — Taubaté

RECORDAÇÕES DA CASA DO MEIO SÉCULO

“... você foi, meu ilustre conterrâneo, singularmente amável quanto à minha pessoa. Fiquei comovido com a generosidade dos seus conceitos. Meu pensamento foi, de modo geral, bem interpretado. Venho pedir-lhe apenas o obséquio de relembrar a conversa que mantivemos em nossa residência. Em dois pontos houve desvio, por certo involuntário, das minhas apressadas expressões. Desculpe que faça aqui meu amistoso reparo. Pearl Harbour é a base naval americana em Honolulu, capital do Havaí. Não creio que lhe tenha dito, por outro lado, que “eu ia constantemente” a essa “ilha forrada de navios”. Estive duas vezes ali e colhi as observações que lhe transmiti de viva voz...”

Embaixador Oscar Correia — D.F.

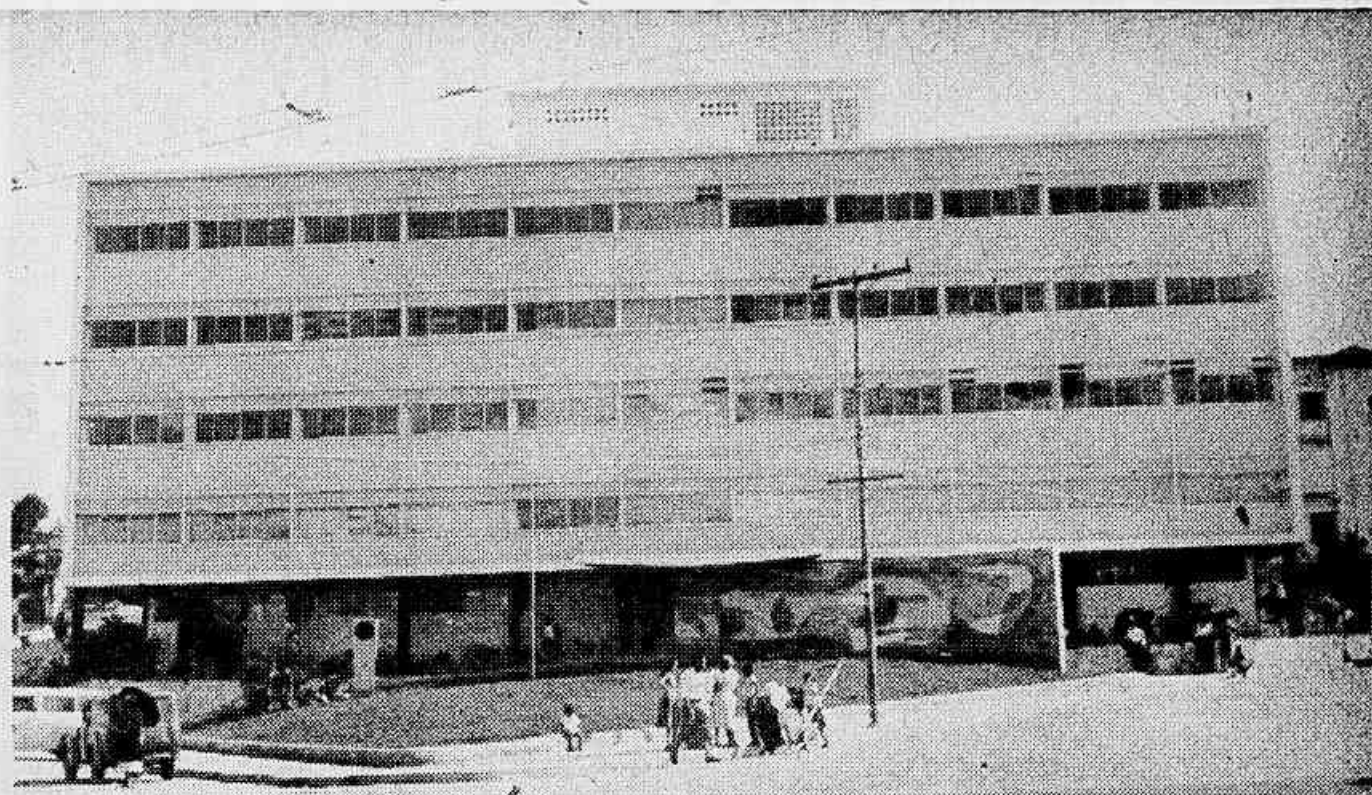
CARTAS A REDAÇÃO

“A Seção de Cartas à Redação anda desaparecida. É porque os leitores não têm escrito? Estou gostando das alterações que se têm verificado na REVISTA DA SEMANA”.

Francisco Walter Correia — B. Horizonte

§ A seção foi suspensa algum tempo, por falta de espaço. Mas está de volta, a partir de hoje. Faremos o possível para mantê-la, em todos os números.

O Editor



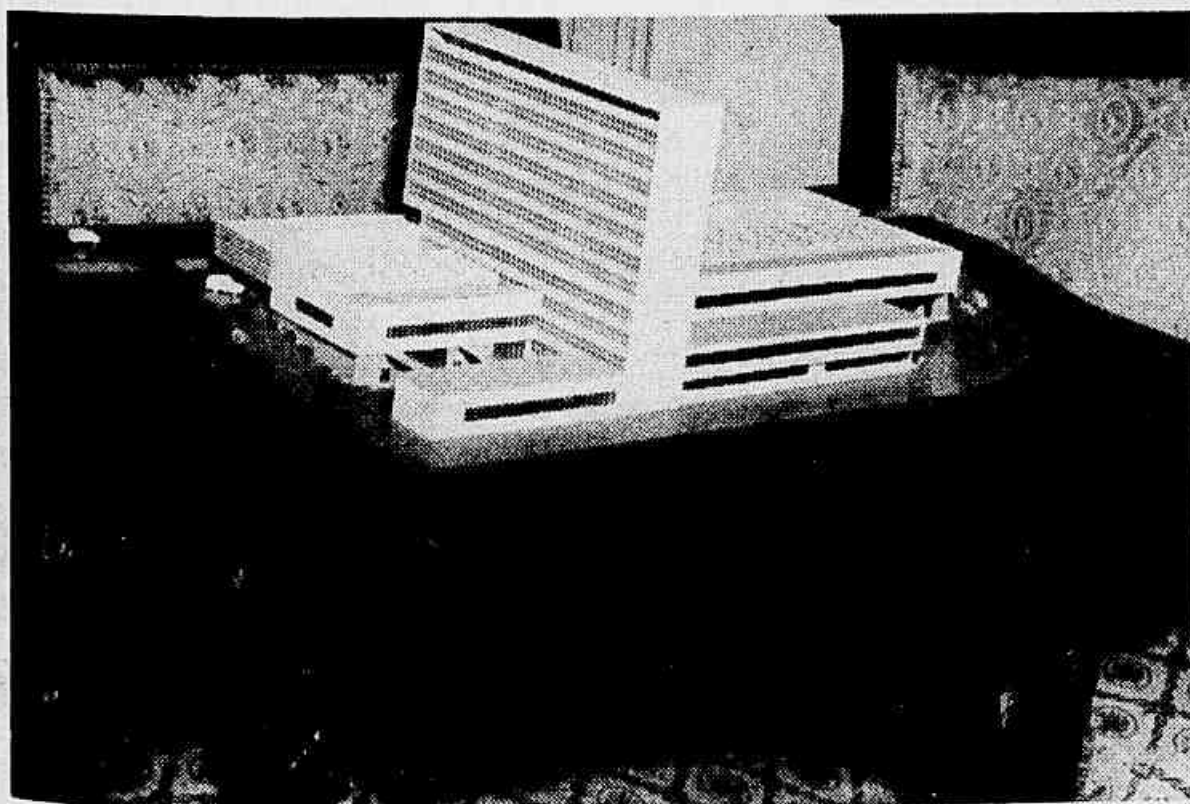
Visita ao novo edifício-sede do Departamento de Investigação e Delegacia Especializada. A direita: fachada do edifício, construído na gestão do Secretário dr. Paulo Pinheiro Chagas, dentro de seu programa de remodelação da Polícia Civil de Minas.

DEMOCRATIZAÇÃO E HUMANIZAÇÃO DA POLÍCIA CIVIL DE MINAS

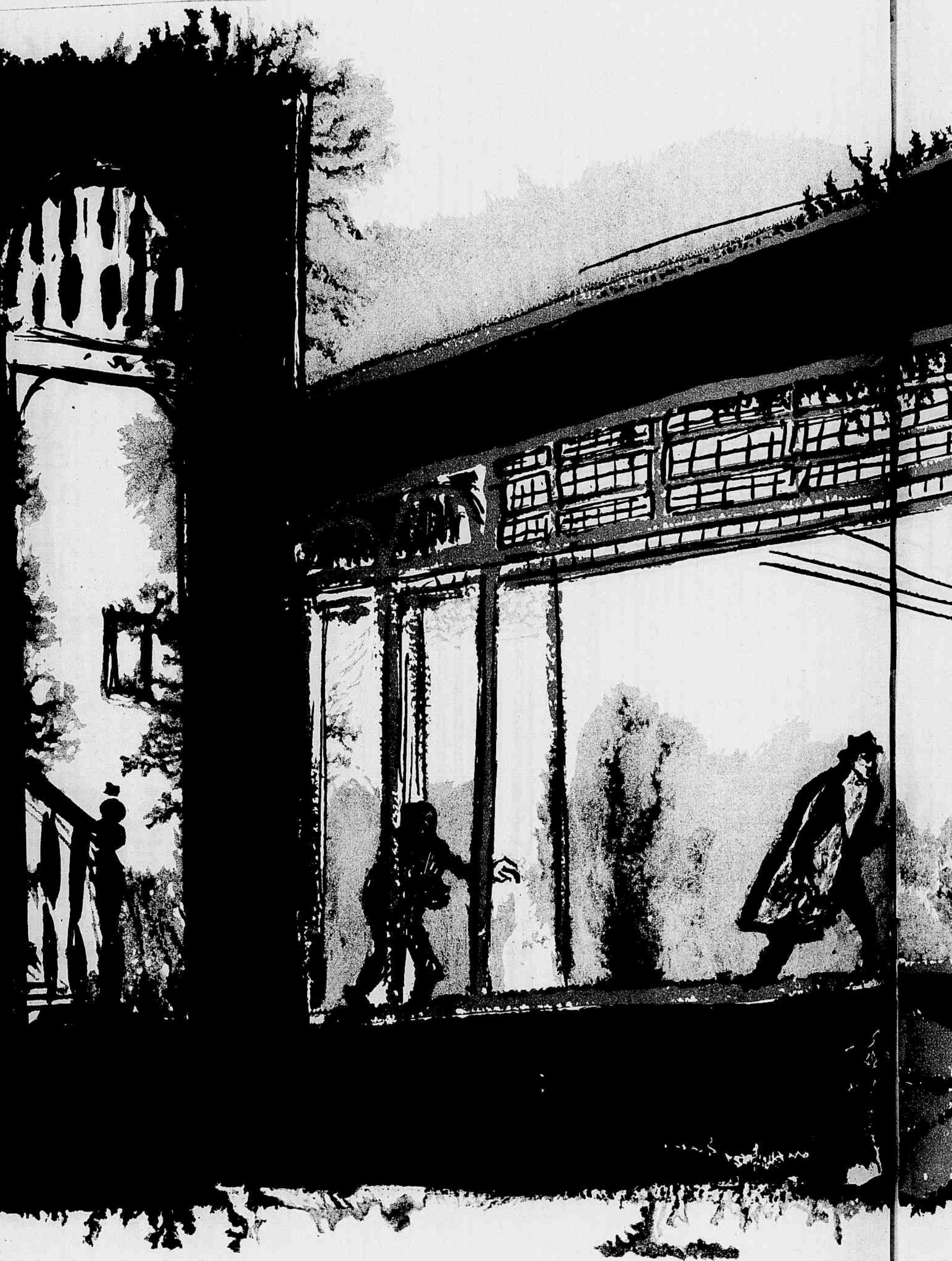
De ANTERO DE ALENCAR (Especial para a REVISTA DA SEMANA)

QUANDO PAULO PINHEIRO CHAGAS assumiu os negócios da Secretaria de Segurança Pública do Estado de Minas Gerais, fez uma afirmativa que valeu pela expectativa de tranquilidade de todos: "Comigo estão garantidas as liberdades públicas em terras mineiras". E, durante a sua gestão de dois anos nessa Secretaria, a sua promessa foi, realmente cumprida. Agora, quem ouviu como nós, ou quem leu como todos o seu discurso ao passar o cargo ao seu chefe de gabinete, sr. José Olímpio Borges, há de ter sentido, bem fundo tudo que ele mesmo sentiu, contemplando a sua própria obra, — a realização do milagre que se operou naquela pasta em apenas dois anos, quando ele mesmo afirmou: "nunca um governo fez tanto em tão pouco tempo pela sua Polícia." Na sua alocução de despedida, enxuta de vaidade pessoal, colocou à margem o seu exaustivo trabalho de administrador gigante para dizer-se apenas executor de um alto programa de realizações do Governo Bias Fortes, no setor da Polícia Civil do Estado. E, tudo que ele realizou foi sob a égide de DEMOCRATIZAÇÃO E HUMANIZAÇÃO dessa Polícia. Eis, em resumo, as obras maravilhosas, depois que estabeleceu o esquema ao convocar imediatamente após assumir a pasta, uma comissão de técnicos da Polícia para examinar com profundidade os problemas relacionados com a Secretaria, só descansando quando viu consubstanciada em esplêndida realidade a sua maior aspiração. Em primeiro lugar a lei que dispõe sobre polícia de carreira. Impressionado com a deficiência e superação dos tipos de viaturas existentes conseguiu do Governo a aquisição de novos e modernos veículos, uma verdadeira frota de carros GMC-57, composta de viaturas para a Rádio-patrolha, ambulâncias para o Pronto Socorro, carros para trans-

porte de presos e cadáveres, carrióis rurais, camionetas e motocicletas, etc. Voltou depois suas vistas para a necessidade de construção de edifícios que abrigassem as diversas repartições policiais. No tempo recorde de 5 meses, foram construídos: o belo edifício, na Lagoinha, para o Departamento de Investigações. Um conjunto imponente com 4 400 m² de construção, em linhas modernas, com 6 pavimentos em 2 blocos distintos, separados por uma pista de acesso interno para o trânsito e estacionamento de veículos. Nesse edifício ficam instaladas as delegacias especializadas e o Arquivo da Polícia. O segundo prédio construído, foi na Avenida Afonso Pena com a área de 700 m², de 4 pavimentos, com salas, salões, alojamentos, cantinas e xadrezes. Nêle se localiza o DOPS (Departamento de Ordem Política e Social). Em fase final de construção está o Departamento Estadual do Trânsito, em estilo, também funcional, dentro de linhas modernas, com 4 pavimentos, na Avenida João Pinheiro. Uma obra de grande beleza e que virá atender aos serviços gerais da repartição. Um outro órgão do aparelho policial de Minas que recebeu perfeita assistência do Secretário Paulo Pinheiro Chagas é o Corpo de Bombeiros, que passou por uma radical reforma, ampliando e melhorando suas diversas instalações. Iniciou também a construção do Pronto Socorro, uma obra de arrojada envergadura, sendo o maior da América do Sul, financiada pelo Governo do sr. Juscelino Kubitschek. Nas vésperas de deixar a Secretaria o homem naturalmente indicado para a Prefeitura de Belo Horizonte ainda inaugurou a Exposição de Polícia, um acontecimento inédito no Estado de Minas.



Maquete do Hospital do Pronto Socorro de Belo Horizonte. Projetado pelo arquiteto Hélio Ferreira Pinto, terá ele capacidade para atender a um milhão e duzentas pessoas e sua construção está orçada em cem milhões de cruzeiros. A direita, uma das unidades da numerosa e moderna frota de carros GMC-57 para a Rádio Patrulha.



O MISTÉRIO DO ARAYADO

M. B. ENDREBE

RESUMO : O Comissário Bréval prossegue o inquérito entre os membros do Arayado, cujo proprietário — o escritor Georges Meller — acaba de aparecer assassinado em seu gabinete de trabalho, numa noite de tempestade. Já foram interrogados por Bréval a governanta Lydia Moreau, ex-candidata à mão de Meller; Isabelle Delancy e Anne Vernon (enteados do escritor), a velha atriz Juliette Livel, hóspede da mansão. Faltam, apenas, Claire Brémond, sobrinha do morto, e o jovem Nicolas, outro enteado. Todos têm razões suficientes para ter cometido o crime. Entretanto, o inquérito se aproxima do desfecho e nenhum indício foi encontrado...

NANE ACABAVA de deixar o quarto verde, quando a chuva começou a fustigar a vidraça. Dir-se-ia — pensou melancolicamente Bréval — minúsculos seres aflitos, pedindo que se lhes abra a porta. O comissário não escutou Nicolas bater e o rapaz insistiu com mais força.

— Oh, entre! — disse afinal o comissário, lembrando-se de que Nicolas, avisado por Mme. Delancy, devia ter esperado no hall que Nane tornasse a sair do aposento.

Fechada a porta, Nick hesitou e Bréval pensou que, dos três Vernon, era afinal o homem quem dava mostras de menos segurança.

— Sente-se, sr. Vernon... O mau tempo recomeça — acrescentou, com essa cordialidade desenvolta, destinada a fundir a reserva daqueles que interrogava.

Nick sentou-se, mas esperou de novo que o comissário tomasse a palavra :





Bruscamente, a resistência cec

— Sr. Vernon, não ocultarei que as pessoas que vi até agora não me foram de grande auxílio... Mas o senhor vai poder, talvez, dar-me finalmente alguma indicação que permita orientar-me mais precisamente no meu inquérito... Creio que seria uma boa coisa para todo mundo — todo mundo salvo o assassino, bem entendido — se dentro em pouco, quando eu avisar a polícia, o negócio esteja terminado. Vamos, pode ajudar-me?

O rapaz mexeu os pés com embaraço e sacudiu a cabeça:

— Penso que não. Estava cansado pelo grande calor do dia e adormeci, apesar do temporal, logo que pus a cabeça no travesseiro. Aliás, meu quarto está situado no fundo da casa e não poderia ver o que se passava do lado do pavilhão.

Bréval não deixou transparecer decepção alguma:

— Invejo a facilidade com que adormece. Verdade que, na sua idade, é normal; envelhecendo, as preocupações vão aumentando e ballam no espírito, logo que nos deitamos, e nunca mais encontramos o repousante sono da mocidade.

O comissário falava lentamente, sem parecer dar muita atenção ao que dizia. Depois, bruscamente, interrompeu suas considerações sobre o sono, para perguntar, olhando firme para Nicolas:

— O que fazia esta noite, em frente à porta do meu quarto?

Apolando-se no que Anne dissera, Bréval arriscava o golpe às cegas. Nick perturbou-se, mas podia ser também nervosismo. E protestou:

— O que? o que quer dizer? Não entendo... subi diretamente do terraço para meu quarto, repito, e adormeci...

— Inútil prosseguir por este caminho — fez sêcamente Bréval. *Eu sei* que esta noite, pelas onze horas e meia — mais ou menos à hora do crime — o senhor estava no corredor, junto a esta porta e até muito assustou sua irmã mais moça...

— Era ela? exclamou Nick.

Sob o olhar irônico do comissário, ele percebeu imediatamente o erro que cometera e mordeu o lábio como se quisesse reter suas palavras.

— Sim, era ela, sr. Vernon.

Atirando para trás os cabelos, o rapaz pareceu resignar-se ao que não podia evitar:

— Estava ali realmente — reconheceu — mas nada tenho a ver com a morte de Meller.

— Se me tivesse dito o contrário, muito me teria espantado — assegurou Bréval com grande seriedade. É um rifão que começa a me ser familiar. E não duvido também que tenha uma explicação das mais simples para justificar sua presença lá em baixo, numa hora tão avançada!...

Nicolas sacudiu afirmativamente a cabeça:

— Com efeito... é bem tolo, como poderá julgar. Quando Nane gritou, tive tanto medo quanto ela e, antes que houvesse retomado meu sangue-frio, para me fazer reconhecer, ela partira. Eis todo o mistério... Poderia ter dito isto quando Isabelle falou no grito... Nem sei porque não o fiz.

— Penso saber, disse Bréval. Foi no receio de que lhe perguntassem o que fazia no andar térreo... pergunta que de novo lhe faço.

Nick umedeceu os lábios e procurou sorrir:

— Sim, é verdade, não o disse. Imagine que, querendo escovar os dentes antes de deitar-me, derramei um vidro de brilhantina na calça do meu smoking, que não tinha ainda tirado. Lembrando-

me de que havia uma garrafa de benzina na lavanderia e sabendo que é sempre melhor limpar uma mancha quando está recente...

— Sim, também ouvi dizer isto. E teve bom resultado?

— Inesperado! Nem saberia dizer onde estavam as manchas.

— Seria capaz de apostar, disse Bréval batendo na mesa.

Nick afundou-se na poltrona enquanto o comissário prosseguia com veemência:

— Admiro a facilidade com a qual a família Vernon improvisa! Têm sempre uma invenção. Meus cumprimentos, rapaz, mas não posso imaginá-lo indo escovar os dentes antes de despir-se.

Os olhos de Vernon postos em seu interlocutor, encliam-se de pavor à medida que este falava:

— E depois, sr. Vernon, eu também só lhe disse uma parte da verdade: Meller havia pedido que eu dissimulasse minha identidade e profissão, mas não era no receio de assustar essas senhoras como erradamente pensei, mas sim, porque desejava encarregar-me de um inquérito discreto... *a propósito de cheques falsificados*.

— Cheques falsificados? — repetiu o rapaz enquanto seu rosto empalidecia.

— Sim, Meller tinha o hábito de entregar cada semana, na copa, um cheque ao portador, no valor de dez mil francos, para as despesas eventuais por ocasião de uma recepção ou coisa no gênero. O cheque ficava por vezes vários dias na gaveta do aparador, com os cadernos dos fornecedores — o tempo em que a criadagem encarregada das compras não precisava de dinheiro. Qualquer um podia, pois, apanhá-lo e, como era ao portador, recebê-lo sem dificuldade. Meller assim agia para que um ou outro criado pudesse receber o dinheiro quando fôsse fazer compras em Pau.

Nicolas engoliu com dificuldade a saliva, mas nada disse:

— Ora, — prosseguiu Bréval — bastou-me fazer esta manhã algumas perguntas à cozinheira para saber que há cerca de um mês, ela achara na gaveta, em vez do cheque habitual, dez bilhetes de mil francos. Como era a soma que lhe entregava habitualmente o patrão, pensou que ele, tendo acabado o livro de cheques, lhe houvesse deixado o dinheiro em espécie. Não deu a menor importância.

— Assim, não houve roubo, fez notar Nick suspenso aos lábios do policial.

Bréval sorriu e fechou os olhos um curto instante, qual um gato que vai saborear a presa:

— Não falei de cheque roubado, sr. Vernon, mas sim de cheque *falsificado*. Explico: pedindo há pouco tempo, no Crédito Lyonnais, o balanço de sua conta, seu padraço ficou espantado ao constatar uma diferença de 100.000 frs. a menos daquela inscrita no talão de seu livro. Pensou-se primeiro num erro de soma, mas depois verificou-se que um cheque de dez mil francos ao portador — o famoso cheque da cozinheira — tinha sido cobrado por cento e dez mil francos.

Nicolas estremeceu:

— Não é possível...

— Posso assegurar-lhe o contrário, porque tive o cheque na mão depois do banco tê-lo procurado nos arquivos. Belo trabalho, aliás: se o número do cheque não fôsse o mesmo que o do talão trazendo 10.000 frs., não se pensaria jamais numa falsificação. Esse cheque foi muito normalmente pago na conta de um anti-quário de Biarritz, que disse lembrar-se de o ter recebido como

...cedeu, e Bréval amparou nos braços o corpo que desfalecia...

pagamento de um cliente... um rapaz acompanhado de uma moça... noivos, ao seu ver. Quem é essa moça, sr. Vernon?

No rosto do rapaz apareceu uma agonia; não deixava de fitar o policial, mas não respondeu à sua pergunta.

— Não quer dar o nome? Pensa na possibilidade de um engano? Neste caso, deixe-me dizer-lhe outra coisa. Ontem à noite, Meller disse-me ter depositado, como todos os sábados, um cheque de dez mil francos na gaveta do aparador. Ora, esta manhã, quando interroguei a cozinheira, vimos que o cheque desaparecera da dita gaveta... assim como as notas! Garanto-lhe que, apesar das aparências, esse desaparecimento nada tem de misterioso. O cheque não mais estava na gaveta do aparador, pela excelente razão do senhor tê-lo retirado esta noite, quando desceu ao térreo, devendo achar-se no momento em sua carteira. *Dê-mo, sr. Vernon.*

Com movimentos de autômato, Nicolas tirou a carteira do bolso e dela retirou um pequeno papel branco dobrado em quatro, que estendeu ao policial.

Bréval olhou rapidamente e meteu-o no bolso do casaco. Nick julgava viver um sonho mau.

O antiquário declarou ter recebido o cheque como pagamento de um cliente... um rapaz acompanhado de uma moça...

Tais eram as palavras do comissário e, no entanto, Nick pensava ouvir ainda Sylvie dizer-lhe com aquele riso de garganta de que ele tanto gostava, tomando-lhe o cheque das mãos:

— Oh, Nicolas querido, você me anima demais! Mas não vamos hoje a Biarritz... o antiquário me mandará o timalo... Fiquemos aqui... estamos tão bem!

Portanto, o antiquário dissera: *um rapaz com uma moça...* E o cheque era apenas de dez mil francos quando o deu a Sylvie... Em meio ao pesadelo no qual se debatia, Nick percebeu que o comissário continuava a falar:

— ... seu padraço descobriu-o no momento em que o senhor apanhava este novo cheque e, receando as consequências, o senhor foi matá-lo em seu escritório...

— Não, disse Nick Vernon, numa voz branca. *Não!*

Mas o pesadelo prolongava-se e seus protestos não eram ouvidos.

(Aquêle cheque que ele devia repor dentro de três dias, logo que Meller entregasse a sua quinzena, era de dez mil francos... como o outro, e no entanto o antiquário havia dito...)

— Muito bem, sr. Vernon, já que insiste em negar, vou reunir novas provas. Faz mal... uma confissão espontânea é sempre a favor do acusado.

(E Sylvie dissera ontem: "um vaso de opalina... um vaso de dez mil francos, no meu antiquário de Biarritz..." o mesmo preço... o mesmo sujeito...)

— Pode retirar-se, sr. Vernon, mas peço-lhe que não saia de casa. Por favor, mande-me Mlle. Brémond.

Nick levantou-se, ganhou a porta num passo cambaleante, e saiu.

O comissário fixou o olhar na porta que se acabava de fechar atrás do jovem Vernon, e perguntou a si mesmo se o plano daria resultado.

Bréval contava com a seguinte possibilidade: se o assassino era Isabelle ou Anne, elas certamente não deixariam acusar o irmão. Esperava, pois, que o abatimento de Nicolas as impelisse à confissão. Se nenhuma das duas se denunciasse, seriam tão ino-

centes da morte de Meller, quanto o era Nick e isto faria três suspeitos a menos.

Com efeito, o jovem Vernon não havia repostado a quantia inicial do primeiro cheque? Se fôsse o autor da falsificação, por que teria agido assim, quando o roubo puro e simples do cheque podia ser atribuído a qualquer criado? Por outro lado, Nicolas não podia ignorar que seu padraço, cedo ou tarde, perceberia a falsificação, quando recebesse o balanço mensal de sua conta corrente.

A acusação de Bréval só podia perturbar um jovem tão visivelmente desamparado. A angústia de Nick devia ter alguma relação com a jovem vista em sua companhia, e cujo nome se recusara a revelar... Mas como explicar que... Bréval precisava ir falar com o antiquário que tinha tão boa memória diversas semanas após a transação.

Se Nicolas fôsse ainda capaz de refletir um pouquinho, teria percebido o absurdo da história de Bréval, e que o grito de Nane constituía, de algum modo, seu alibi, pois quando a pequena gritara, o comissário não tinha regressado ainda ao seu quarto. Estava, pois, com Meller, ou apenas deixara o pavilhão. Impossível, pois, pretender que o escritor houvesse descoberto o enteado roubando um cheque na copa e isto atirava por terra qualquer acusação... Sim, cliente de sua inocência, logo que refletisse nas acusações contra sua pessoa, o jovem Vernon não teria dificuldade em justificar-se. Mas o essencial era que suas irmãs o tivessem visto regressar, todo desfeito, do seu encontro com o policial.

Uma pancada seca na porta e, sem aguardar resposta, Claire Brémond penetrou no quarto.

— Disse-me Nick que o senhor desejava falar-me. Permite que me sente? A moça parecia muito à vontade e o detetive lembrou-se do que Lydia Moreau havia dito a seu respeito:

— Gosta de sorvetes, senhorita?

— Sim, gosto. Mas não os de pistache.

— E de objetos antigos, srta. Brémond?

Desta vez, Claire foi categórica:

— Tenho horror a eles. Sujam os dedos e a gente é sempre embrulhada pensando ter feito negócio... Mas, chegou minha vez de indagar: a psicanálise é o seu passatempo favorito?

— Pensei que apreciasse visitar os antiquários em companhia de seu noivo; é coisa frequente, quando se prepara um interior.

— Que noivo? — perguntou Claire. Tinha o ar abismado, mas Bréval notou que sua voz era de repente menos segura.

— O rapaz que lhe oferece sorvetes na terrasse do *Continental* não é seu noivo?

Mlle. Brémond desviou o olhar e teve um leve movimento de ombros:

— Palavra que não sei a quem se refere! Claro que, por vezes, encontro camaradas que me convidam para tomar chá ou um sorvete, segundo a temperatura, mas nunca considere isto como uma prova de noivado!

— Não era intenção de seu tio casá-la com Nicolas?

— Penso que isto seria de seu agrado.

— E a senhora?

— Meu Deus. Nicolas é gentil, mas...

— Mas a senhorita prefere Roland, o que muito contrariou seu tio...

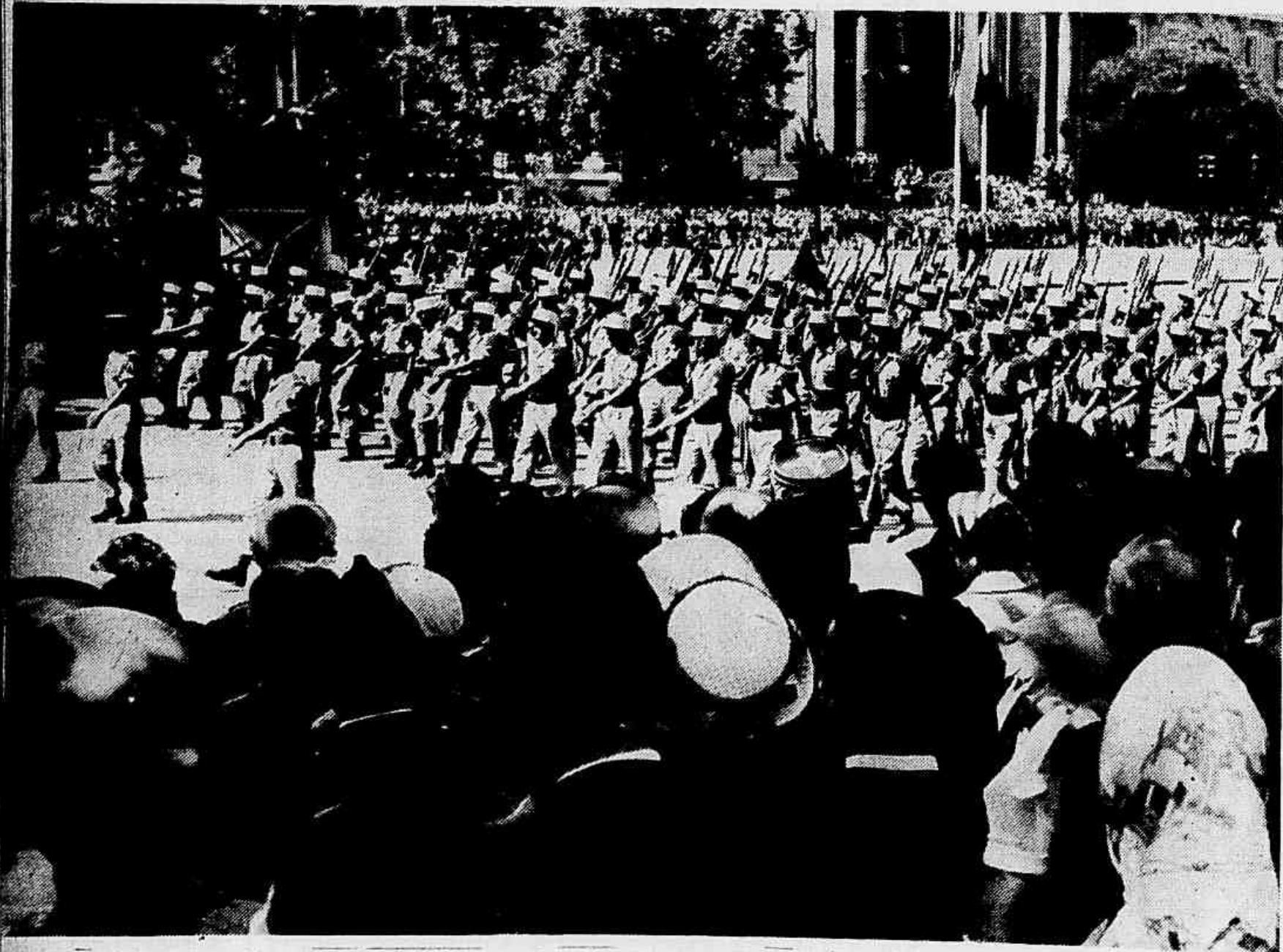
Como se lhe houvesse dado uma pancada, o policial viu o busto da jovem vacilar e pensou que ela fôsse cair. (Continúa)

PARIS FESTEJOU DE OUTRO JEITO

TERÁ O SECULAR bom gosto francês contribuído em algo para que a Bastilha fôsse tomada em um dia de verão? Pouco provável, e no entanto todos os anos, quando a França comemora sua festa nacional, o céu mostra-se belíssimo e o sol brilhante. A natureza dá sua colaboração ao povo para dar ao grande dia um brilho especial.

Não é possível comparar o 14 de Julho com o nosso 7 de Setembro; aquela é uma festa completa e única no ano, em que se encontram aspectos de várias festividades nossas. Pode-se mesmo dividi-la em dois tempos: pela manhã o tradicional desfile militar com que todos os países comemoram sua data nacional; pela tarde e até a madrugada uma mistura de carnaval e festa junina em que todo o povo toma parte. No todo um toque tipicamente francês que faz do "quatorze juillet" da França, e especialmente de Paris, uma festa única no mundo.

A tradição dos bailes populares nas ruas, dos fogos de artifício, remonta a mais de século; desde então o povo celebra todos os anos de maneira semelhante, mas com o mesmo entusiasmo, a revolução de 1789. Mas o "quatorze juillet" é mais que isso: é uma data de referência quase tão importante quanto o primeiro do ano. É o sinal de partida para as férias, as sagradas "vacances", a que o francês dá tanta importância; com ele se termina o ano escolar, a temporada teatral, um ano de vida, enfim. A partir do dia 15 as lojas fecham as portas, os parisienses que se prezam abandonam a cidade e deixam-na entregue aos turistas que circulam pelas ruas semidesertas em seus ônibus-prisões.



Na imponente parada militar, a Legião Estrangeira teve também o seu momento de glória.

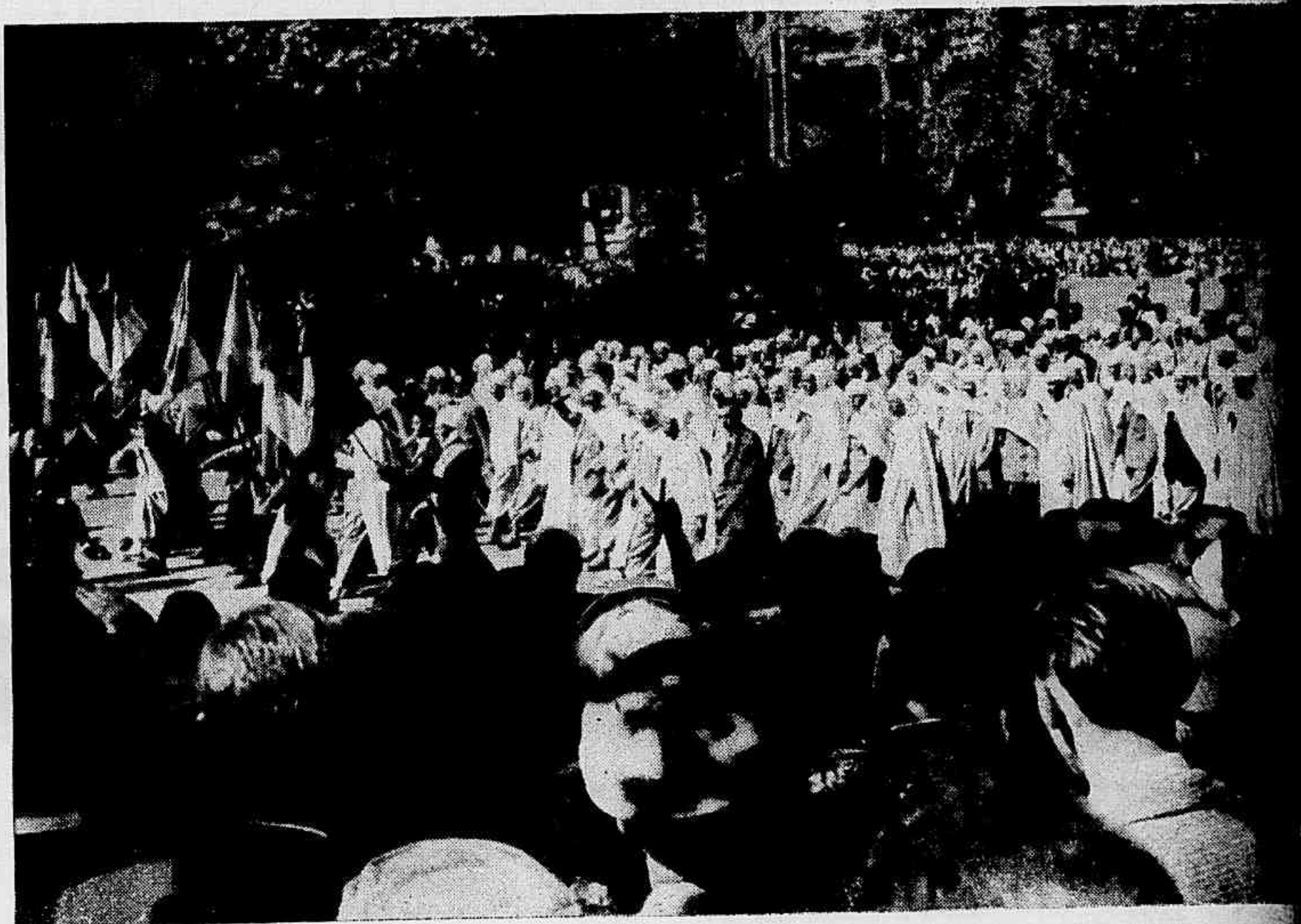


Escola de aperfeiçoamento da França de

ultra



Com suas características boinas, os "paras" desfilam sob as aclamações do povo parisiense.



ultramar (só para negros): visão pitoresca. Ex-combatentes muçulmanos vindos especialmente da Argélia para o desfile de 14 de julho.



Apesar do 14 de julho ter tido este ano um aspecto político, o povo divertiu-se nas ruas.

Todos os anos o 14 de Julho é igual; mas desta vez, numa fase tão importante para a história do país, quiseram povo e governo que fôsse um pouco diferente.

UMA COMEMORAÇÃO "PAS COMME LES AUTRES"

Acontece que este 14 de Julho vinha dois meses após um certo 14 de Maio, em que um golpe teatral dividiu profundamente o país. Era natural que a festa nacional deixasse transpirar um pouco destes ferimentos e dos remédios com que se tenta curá-los. Há muito que a data já havia perdido seu sentido político para transformar-se apenas em um feriado e dia de divertimentos. O povo comemorava alegremente, esquecendo-se de que comemorava uma revolução. Em 1958 o 14 de Julho repolitizou-se.

O governo fez saber a todos que sua intenção era de fazer uma festa diferente de qualquer outra, aproveitando-a para atrair a nação para as grandes palavras de ordem do momento: "confraternização franco-muçulmana", "povo e exército unidos por um só ideal", etc., etc. Por outro lado, os que não vêem com bons olhos tais movimentos fizeram o possível para reacender a chama republicana como parte da dura luta para obter um "não" no próximo referendun organizado por De Gaulle. Várias manifestações republicanas programadas, especialmente na praça da Bastilha, foram proibidas.

Grande vedeta destes últimos dois meses, o general De Gaulle preferiu ausentar-se de Paris; mas não foi meditar em seu retiro de Colombey: logo após desfilar pelos Champs-Élysées e receber os aplausos do povo, tomou um avião e partiu para Toulon. Lá presidiu a uma grande revista naval da esquadra francesa, primeira cerimônia do gênero em 42 anos. A marinha sentiu-se honrada com sua deferência.

PRESENÇA DA ARGÉLIA

Pomo de discórdia e origem dos problemas do país, a Argélia não podia estar ausente das comemorações. Cerca de 4 mil ex-

combatentes muçulmanos transportaram-se espontaneamente de Argel a Paris em aviões do exército; aqui foram hospedados por conta do governo francês conforme sua importância, desde casernas militares até hotéis de luxo. Desfilaram pelos Champs-Élysées antes das forças armadas, sob aplausos da multidão e gritos de "Algérie française".

Após os representantes da velha geração, quiseram os organizadores do desfile fazer participar a jovem Argélia às manifestações de confraternização franco-muçulmana. Mil e quinhentos adolescentes desfilaram; menos aplaudidos que os velhos e, curiosamente, menos entusiastas também. Por certo se equivocou o locutor ao dizer pelo alto-falante: "são estes os que estavam no Forum de Argel no dia 13 de Maio!"

A passagem dos jovens argelinos seria portanto pouco destacável se não fôsse por um incidente que terá dado sérias dores de cabeça aos responsáveis pelo desfile: ao passarem diante da tribuna oficial, quatro bandeiras verde e branco surgiram entre os jovens; somente 50 metros adiante é que um militar estacionado ao lado da avenida deu-se conta da afronta e, seguido de guardas, correu a arrebatá-las. Ao FLN não falta coragem (o que o próprio De Gaulle reconheceu): desfilar com a bandeira da Argélia em frente ao presidente da França e todo o corpo diplomático não é brincadeira para qualquer um.

O desfile militar correu normalmente, só se destacando os aplausos especialmente entusiastas dirigidas aos "paras", as tropas paraquedistas do general Massu, cuja ação na Argélia é conhecida.

SEGUNDO TEMPO: DANÇAS E FOGOS

A primeira semelhança do 14 de Julho com o carnaval brasileiro é que ele se comemora durante três dias; desde o dia 12 há coretos nas praças, mesas e cadeiras pelas ruas e o povo dança ao som de orquestras subvencionadas pela prefeitura. Cada baile tem sua personalidade própria, cada canto de Paris participa à sua

maneira na alegria geral: há lugares onde e de rigor levar um chapéuzinho de papel na cabeça; há os bailes animados em que o rock'n roll domina, ou os mais tradicionais em que se dança ao som do acordeon, instrumento ideal para a música popular francesa. Tudo isto no entanto é feito comportadamente, sem os entusiasmos de nosso carnaval, que um povo tão cartesiano não poderia imitar. Cada par entremeia as danças com uma cerveja ou mineral servidas na rua e que os comerciantes, em honra da data, cobram ao dôbro do preço normal.

As dez horas vêm os fogos de artifício, uma das poucas coisas ainda capazes de entusiasmar os parisienses. É um prazer ver um povo normalmente tão blasé manifestar com expressivos "ou-lá-lá" um encantamento quase infantil pelos arabescos pirotécnicos. E há do que se admirar no trabalho dos verdadeiros artistas que são os fogueteiros franceses.

O MAIOR BAILE DO MUNDO

O nome, um tanto pretensioso, foi escolhido para a grande festa promovida pelo exército na esplanada dos Inválidos. Durante três dias, pagando sessenta cruzeiros, o povo podia dançar das quatro

da tarde às duas da madrugada. Roda gigante, montanha russa e estrêlas de cinema foram as demais atrações. Se as duas primeiras eram acessíveis com alguns francos, já as últimas não foram tão numerosas quanto se esperava: as poucas estrêlas verdadeiras que apareceram refugiaram-se no bar das vedetas enquanto o povo tinha que contentar-se com algumas estrelinhas bonitas mas desconhecidas que distribuíam felizes seus primeiros autógrafos. Enquanto isto os soldados, não esquecendo que a função da festa era confraternizá-los com o povo, acompanhavam as atrizes, guiavam o povo, ou vendiam folhetos de propaganda de suas corporações.

Enquanto isto outro baile atraía o povo com a promessa de estrêlas de cinema e da canção: no Quartier Latin, um "Grande baile republicano" usava das mesmas armas que o governo para captar a simpatia popular. De um lado como do outro as palavras de ordem não eram aparentes na festa popular: aqui não se gritava "Algérie française" assim como lá não se bradava "Vive la république". Mas a própria existência destes bailes diferentes, o brilho especial dado às cerimônias, os pequenos incidentes não deixavam dúvida. Tudo testemunha a importância do momento vivido pelo país; o povo, embora irmanado na celebração do 14 de Julho, não o pôde esquecer.



Mylene Demongeot ("Feiticeiras de Salém") e Jean Servais ("Rififi") bebem "pernot" no Bar das Vedetas.



Confraternização: três soldados, a atriz argelina Thilda Thamar e Gipsy Marpessa (a nossa "Euridice" de "Orfeu da Conceição").



EDIÇÕES DE MACHADO

Esse é o ano do cinquentenário da morte de Machado de Assis, e os meios intelectuais se aprestam para as comemorações e as sessões especiais, nas academias e nos grêmios literários. Aspecto importante do problema, porém — o mais importante mesmo — vem de ser focalizado por um grupo de escritores: é que o nosso maior escritor ainda não teve as honras de uma edição digna de seu imenso valor, e isso simplesmente porque os direitos autorais da obra machadiana são de propriedade de uma firma editora mais interessada em auferir-lhe os lucros, que em contribuir para seu maior conhecimento.

Essa editora, aliás, apresenta em 31 volumes, tudo o que escreveu Machado de Assis — segundo afirma sua publicidade. Acontece, porém, que nesses 31 volumes, há muita coisa que jamais foi de Machado, sendo apenas a ele atribuída por erro evidente dos organizadores; por outro lado, muito do que Machado escreveu, permanecia até há pouco inédito, e aos esforços de um Galante de Souza e de um Magalhães Júnior é que está vindo pouco a pouco à tona.

E' do mais alto interesse cultural que o Estado tome a si a tarefa de promover a edição das obras de Machado de Assis. Existe, porém, o aspecto jurídico do problema. Entre esses dois planos, fica girando, agora, a pendência. Continuará a firma particular a tirar lucros e de certo modo a contribuir para um menor conhecimento de Machado, ou o Governo Brasileiro, através de seus órgãos competentes, intervirá na história?

Essa a questão que agita, no momento, nossos meios literários.

gia. Embora o título dê a entender tratar-se da apresentação de autor desconhecido do grande público, o texto desfaz de saída essa impressão — e diz o autor: "Sob esse nome convencional, o que se procurou foi oferecer uma pequena antologia dos seus versos, precedida de uma introdução na qual se estudassem alguns aspectos de sua obra". Logo, "Apresentação de Jorge de Lima" busca ser um estudo da poesia e da prosa de Jorge de Lima. Mas a prosa é quase que menosprezada por José Fernando Carneiro, que não lhe dedica senão umas poucas referências de passagem. Já a poesia lhe merece grandes atenções — embora seu estudo não utilize os mais modernos métodos de pesquisa crítica, sendo mais um ensaio psicológico sobre o homem Jorge de Lima, que um corte crítico em sua obra. A antologia, afinal, apresenta aqueles poemas de Jorge de Lima que José Fernando Carneiro aprecia mais intensamente — tendo pois sido escolhida por um critério todo pessoal. O livro de resto é bem apresentado, graficamente, e traz uma capa de Helena Gebara.

Joseph A. Schumpeter, falecido em 1950, é o autor de "Dez Grandes Economistas", ora traduzido para o português por Japy Freire. Esses dez grandes economistas são em realidade treze — pois os ensaios de Schumpeter sobre Knapp, Von Wieser e Bortkiewicz foram incorporados à coletânea pelo professor Haberler. De Schumpeter disse aliás Haberler, no número de agosto de 1950 do *Quarterly Journal of Economics*, que "podia ser excedido por outros em assuntos especializados, mas como mestre em todos os ramos da economia e erudito universal, mantinha posição ímpar entre os economistas contemporâneos". São os seguintes os dez economistas estudados pelo famoso mestre alemão: Marx, Walras, Menger, Marshall, Pareto, Von Böhm-Bawerk, Taussig, Fisher, Mitchell e Keynes — além dos já mencionados Knapp, Von Wieser e Bortkiewicz. Um minucioso prefácio põe o leitor a par da vida e da carreira de Schumpeter; esse prefácio, escreveu-o Elizabeth Boody Schumpeter, filha do autor. Realce-se a imparcialidade de Schumpeter e seu profundo conhecimento do tema. De resto, conheceu ele pessoalmente todos os economistas estudados, com exceção de Karl Marx, falecido no mesmo ano de seu nascimento, em 1883. Parece todavia concordar Schumpeter com as teorias de Walras, a quem considera o maior dos economistas, no que se refere à teoria pura. O livro é recomendado primeiro aos estudantes e aos estudiosos da Economia Política; depois, a quantos tenham interesse em se aprofundar ainda mais nessa matéria importantíssima, a que ninguém mais pode ficar indiferente. Bom aspecto gráfico.

LIVROS E IDÉIAS

CINCO LIVROS RECENTES

DALCÍDIO JURANDIR, que já nos deu "Chave nos Campos de Cachoeira" em 1941, e "Marajó" em 1947, publica novo romance, esse ainda desenrolado na Amazônia, região de onde o escritor é filho, e que escolheu para cenário de seus livros. É, "Três Casas e um Rio" (que assim se chama esse romance novo), o prosseguimento do ciclo de romances amazônicos idealizado pelo escritor — ciclo de que foram marcos iniciais os dois livros acima mencionados. Não admira, pois, que em "Três Casas e um Rio" surjam de novo os mesmos personagens das obras anteriores, a par de outros ora criados pela inventiva do romancista. O que causa admiração, nos romances amazônicos de Dalcídio Jurandir, é que não possuem intenção deliberadamente regionalista, tra-

duzidas numa linguagem local e numa descrição minuciosa de toda a região em que decorre a ação: a ambição desse autor é mais alta, é dar um retrato psicológico dos vários tipos humanos encontrados na Amazônia. Por isso, o livro atual é sem dúvida melhor que o anterior, "Marajó" — obra em que a etnografia levou de vencida a prosa de ficção (1). Impossível terminar esse pequeno registro sem fazer uma ligeira menção à desgraciosa capa, de Cândido Portinari.

José Fernando Carneiro reapresenta agora sua "Apresentação de Jorge de Lima", anteriormente publicada pelos *Cadernos de Cultura* de Simeão Leal. Mas a nova edição vem aumentada, e traz no fim antolo-

Em "A Língua Portuguesa e a Unidade do Brasil", o escritor Barbosa Lima Sobrinho analisa, em dezesseis capítulos, a adaptação do português no Brasil, com sua consequente transformação. Para saber se o português falado no Brasil pode ser considerado a **língua brasileira**, Barbosa Lima Sobrinho estuda as diferenças entre língua e dialeto, reproduzindo igualmente as várias opiniões dos escritores que, no passado ou na atualidade, se dedicaram ao assunto: Sílvia Romero, João Ribeiro, Monteiro Lobato, Edgard Sanches, Herbert Parentes Fortes, etc. Analisa os brasileirismos, passa em revista os dialetos regionais, traça a diferença entre língua falada e língua literária, esmiúça o purismo no Brasil, examina a linguagem de alguns de nossos clássicos, como Machado de Assis, envereda pela reação modernista de 1922, dedica todo um capítulo à linguagem de **Macunaíma**, enfim debuxa um panorama atual da língua falada no Brasil. Descobre uma luta de classes no português; propõe uma polí-



O romancista Dalcídio Jurandir.

tica de unidade da língua; afinal, conclui que "nosso instrumento de comunicação nacional não são os dialetos regionais, mas a língua portuguesa".

Excelente livro, a quantos estudam nossa História indispensável, é esse "História Diplomática do Brasil", de Hélio Vianna. Essa obra originou-se de um curso de aperfeiçoamento para diplomatas, ministrado por Hélio Vianna em 1950 no Instituto Rio-Branco. Partindo dos primeiros tratados diplomáticos em que estavam em jogo as terras descobertas no século XV, vem até aos dias que correm, analisando com conhecimento e comedimento a política diplomática do Brasil, na guerra de 1914 e na de 1939. O livro afinal termina com um capítulo dedicado a assunto tão oportuno e apaixonante como é o Pan-americanismo.

(1) Dalcídio Jurandir: "Três Casas e um Rio". Romance, Livraria Martins Editora. São Paulo, 1958. 405 p. Capa de Portinari.

NOVO REGULAMENTO DOS SALÕES

A LEI 1.512, de 1951, pela qual se regeu até hoje o Salão Nacional de Arte Moderna, apresenta, como é notório, inúmeras falhas e lacunas. É ruim, pouco clara, reticente em muitos casos, por isso gerando, às vezes, grandes complicações. É natural que pensassem em modificá-la.

Lopo Coelho, deputado, levado decerto por conselhos de alguns artistas de orientação acadêmica, apresentou na Câmara um projeto de lei — o de número 4.021/1958 — francamente favorável àqueles que desejam a estagnação das artes visuais brasileiras. Tal projeto foi encaminhado à Comissão Nacional de Belas Artes, para que a mesma emitisse seu parecer à respeito. E essa Comissão Nacional de Belas Artes, dirigida por um homem esclarecido como Rodrigo M. Franco de Andrade, mas onde pontificam homens de reconhecida limitação artística, como Oswaldo Teixeira, aprontou um substitutivo ao mencionado projeto Lopo Coelho, substitutivo que é, em nosso entender, pior ainda que a lei 1.512, ora em vigência.

O substitutivo divide-se em 34 artigos, dos quais são engraçadíssimos alguns: no artigo 9, por exemplo (parágrafo 1.º), diz-se que para membro de júri *pode ser escolhido crítico de arte de notória idoneidade* — o que é uma afronta à classe; no artigo 16, determina-se o número e a categoria de recompensas: *menções honrosas*, em número de 16 no Salão de Escultura, Gravura, Desenho e Artes Decorativas (oito por divisão); oito no de Pintura; quatro no de Arquitetura; *medalhas de bronze e de prata*; *prêmios de viagem ao estrangeiro e no país*; *medalha de ouro*; *prêmio nacional: medalha de honra*. Convenhamos que é muita medalha, é muito diploma, é coisa demais em honrarias que não

interessam senão a uns poucos valdosos artistas de tendência passadista.

Há também o absurdo de se fazer um salão único para escultura, gravura, desenho e artes decorativas, ao passo que Pintura e Arquitetura possuirão cada qual seu salão exclusivo; a simulação de se acabar com o Salão Moderno e com o "de Belas Artes", fundindo-os num único, mas com as divisões Moderna e Acadêmica — o que vem a dar no mesmo; a inconveniência de o júri ser composto de três membros apenas, dois sendo indicados pela Comissão Nacional de Belas Artes, um único (o restante) sendo eleito pelos artistas. E fim: uma emenda pior do que o soneto...

É verdade que juntamente com tais inconvenientes, existe muita coisa aproveitável no substitutivo da Comissão Nacional de Belas Artes: o Salão de Arquitetura, a gratificação aos membros da própria Comissão Nacional de Belas Artes, a distinção entre os prêmios de viagem, bolsas de estudo, e as demais distinções, prêmios honoríficos (esclarecendo assim um assunto que esse ano deu pano para as mangas...), o aumento de 500 para 600 dólares das mensalidades dos prêmios ao estrangeiro, e a fixação de 30 mil cruzeiros mensais para a bolsa de estudos no país, etc., etc.. Em seus princípios gerais, todavia, o substitutivo ao projeto Lopo Coelho não é bom. E sobre ele devem-se manifestar os artistas brasileiros o quanto antes, sob pena de — eles, os principais interessados — terem de suportá-lo e digeri-lo por anos a fio, sem que nada possam fazer por impedi-lo. Por que não se reúnem e debatem o problema, apresentando depois, à Comissão Nacional de Belas Artes, os resultados a que chegaram?

Ai fica a sugestão.

ROTEIRO DAS EXPOSIÇÕES

DJANIRA DA MOTTA E SILVA (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, desde 31 de julho) — Essa exposição — que a própria artista faz questão de não ser chamada **retrospectiva** — apresenta algumas dezenas de obras pictóricas da autora, decerto a mais ilustre representante do gênero **naïf**, entre nós. Aliás, de acordo com Mário Pedrosa, Djanira já deixou de ser um **artista primitivo** — o que de resto é duvidoso, pois ser primitivo não é um estágio, e sim uma definitiva condição, e ninguém pode **evoluir** de primitivo a não-primitivo. O artista primitivo olha o mundo com o mesmo olhar maravilhado com que foi ele olhado pelos primeiros homens; sua arte eminentemente poética desconhece teorias e racionalismos: é instintiva, intuitiva.

A mostra de Djanira, no Museu de Arte Moderna, apresenta a carreira dessa admirável pintora em todas as suas fases, dos primórdios às últimas telas, essas, como é claro, mais depuradas, contendo apenas aqueles elementos indispensáveis à expressão plástica.

MARIA LEONTINA (Galeria Gea, desde 25 de julho) — A artista Maria Leontina expõe na Galeria Gea alguns óleos e **gouaches** executados nos dois últimos anos. Desagrada-nos sua pintura, baseada num problema que em última análise se reduz na planificação de uma série de elementos geométricos invariáveis: o círculo, o quadrado, o triângulo, o trapézio, a pirâmide, o para-

lelogramo. A linha surge por vezes, unindo a todos esses elementos. A côr é pobre, e a matéria, não tão nobre como de vera, não tem relevo ou encanto. Quanto à composição, à disposição dos vários pesos pela superfície da tela, essa francamente não apreciamos. A temática é praticamente única, o que não é um demérito — pois se pode dizer de Maria Leontina que tem sua maneira própria. Não diremos que sua pintura não é digna de atenções: diremos, porém, que não é o tipo de pintura que nos seduz. Na foto, "Cena III", um óleo de 1958. Note-se a utilização das figuras geométricas, o apelo à linha para a consecução da unidade ideal entre três grupos de elementos que de outro modo se desequilibrariam, a composição simplória em vertical.

AS DEZ MAIS ELEGANTES DE BELO HORIZONTE

Aqui publicamos as fotos das "Dez mais" cujo "reinado" ainda vigora, mas vai terminar, com exceção das senhoras Edina Melo Viana e Laís Balena, cuja ausência (por motivos de força maior) lamentamos.

JÁ SE VAI tornando intensa a expectativa em torno das Dez Mais Elegantes de 1985, em Belo Horizonte. Surgem os palpites, aparecem as sugestões mas ainda permanecem os ecos do acontecimento, promovido por "Passarela", no ano próximo passado, quando o melhor do melhor da sociedade belorizontina compareceu à "Príncipe de Gales", naquela inesquecível noite de 14 de novembro para assistir a um dos mais brilhantes acontecimentos da crônica do nosso "Gran-Monde": a proclamação das DEZ MAIS ELEGANTES da cidade.

"Fôlha de Minas", teve a iniciativa do movimento, sentiu-se feliz com o êxito alcançado pela sua iniciativa, em torno da qual se polarizou a atenção do nosso mais fino ambiente social. O acontecimento foi, indubitavelmente, uma das atrações do Jantar de Gala, promovido, com muita categoria, pelas "Pioneiras So-

ciais", e que levou ao Automóvel Clube, naquela noite, o que se mais "raffiné" possui a sociedade da Capital. Prestigiou a reunião com a sua presença a sra. Edith Pinheiro Guimarães, vice-presidente das "Pioneiras Sociais" do Brasil, representando a sra. Sarah Lemos Kubitschek, que, por motivos imperiosíssimos, não pôde comparecer, como era seu desejo. Ainda do Rio vieram prestigiar a festa as pioneiras Lucianita Braen, Ercilia Pena Costa, Ordália Neto, Ester Padua Lopes e o sr. e sra. Mauro Martins. A escolha das Dez Mais recaiu em figuras que sempre se distinguiram na sociedade belorizontina por todos aqueles atributos que compõem a individualidade de uma autêntica mulher elegante. Cada uma das escolhidas poderia representar por si mesma o bom gosto, a sensibilidade e o requinte espiritual das damas do nosso escol.

De ANTERO DE ALENCAR



SRA. JÓ DE SOUZA LIMA LOBATO, esposa do dr. Roberto Lobato.



SRA. MARIA PIRAJA MEIRELES, esposa do dr. Guilherme Meireles.



SRA. HELENA GONÇALVES DE CASTRO, esposa do prof. José Olímpio de Castro Filho.

SRA.
berto

SRA.
COS



SRA. JANE ZEIMER PIMENTA SOARES, espôsa do dr. Humberto Pimenta Soares, a anfitriã de 19957.



SRA. MARIA DO ESPÍRITO SANTO DINIZ, espôsa do dr. Newton Viana Diniz.



SRA. LÍGIA BICALHO BORGES DA COSTA, espôsa do dr. Oswaldo Borges Costa.



SRA. ZILDA COUTO, a elegante espôsa do dr. Alair Couto.



SRA. EFIGÊNIA DALIA J. MEIRELES, espôsa do deputado Guilherme J. Meireles.

que se
eunião
e-pre-
a sra.
s, não
a pres-
Costa,
artins.
distin-
os que
gante.
o bom
nosso
NCAR

STRO,
Filho.

SUGESTÕES PARA A SUA ELEGÂNCIA



- ◆ **LEMPEREUR** — Conjunto em flanela preta, de grande distinção para coquetel. Gola rente ao pescoço.
- ◆ **DANDO** — Vestido de flanela cinza, mangas compridas, saia toda plissada.



◆ COLLARD — Mantô saco em tricô, abotoado de cima até em baixo. PIRERE CARDIN — Tailleur de flanela cinza com casaquinho curto.

◆ BARTHET — Chapéu de veludo côm de cereja, forma "cloche", para coquetel fêltro de abas largas dos dois lados do rosto.



MAQUILAGEM "TRANSPARENTE" OU INVISÍVEL

MUITO EM MODA, atualmente, em Paris, a nova maquiagem "transparente", ou invisível, o que dá no mesmo. O rosto apresenta-se pálido, o que não é muito difícil de obter. Os olhos devem ser grandes e isso já se torna mais trabalhoso. Mas, os salões de Beleza, ao mesmo tempo que inventam algo que parece impossível, como, por exemplo, termos tódos olhos imensos, facilitam, auxiliam-nos com os segredos de seus apurados estudos.

Para ter olhos grandes — ou maiores do que na realidade — convém acentuar por um traço prêto, com lápis especial, o canto exterior do olho, mas somente o canto, acompanhando a forma do olho. Este traço, bem desenhado, aumenta de maneira inacreditável o tamanho aparente do olho.



♦ ORIGINALIDADE

PARISIENSE

Mantô-túnica de Wébé

tecido de côr

bege.

Dois bolsos em

diagonal na altura

da cintura.

Linha saco

modificada

própria para dias

frios.

Em certos casos, pode-se até realizar um ligeiro retoque com o mesmo lápis, nos cantos ao lado da base do nariz. Mas para isso, deve-se ter cuidado, pois depende se seus olhos terminam em forma de amêndoas ou se mais para oval.

Quase não se usa nesta estação européia base no rosto e por isso o pó de arroz deve ser de qualidade adesiva. As sobrancelhas podem ser acentuadas com lápis especial, de côr cinza, preto ou azulado.

Se costuma pintar os cílios, lembramos que depois de usar o rimel que deve combinar com a côr das sobrancelhas, convém escová-los de modo a deixar a côr desejada sem aplicar uma espessa camada de rimel.

Se costuma fazer tratamento de Beleza, é necessário não esquecer o creme à base de vitaminas, penetrante e nutritivo.

Sendo a maquilagem muito leve, o rosto deve apresentar-se impecável, pois não podemos dissimular nem os cravos, nem as manchas, por meio de bases e camadas de pó de arroz.

Isto e a linha dos ombros assim como a cintura fina, deve incitar-nos mais uma vez a controlar nosso regime alimentar. É necessário aproveitar a ocasião, entre duas estações, para uma cura de desintoxicação: comer o mais possível legumes e frutas, evitar, por alguns dias por semana, tôda e qualquer fritura e mólhos e respirar, conscientemente e a fundo, cada dia, um pouco de ar puro.

A "REVISTA" HÁ 50 ANOS

9 DE AGOSTO DE 1908

ANTEVÉSPERA da inauguração da Exposição Nacional, grande parte deste número é dedicada ao Certame. E no seu artigo da página 3, referindo-se F. Mendes Júnior à enorme quantidade de estrangeiros esperada nesta capital, vinda, principalmente, de Buenos Aires, observa: Este fato, que devia alegrar em geral os brasileiros, parece-nos que também nos deve fazer pensar no que de mau podem eles dizer do Brasil e isto muito justamente, muito por nossa causa". E se refere à péssima impressão que têm os turistas quando aqui chegam — impressão iniciada no cais do porto ou, mais precisamente, na alfândega: "O Brasil recebe o estrangeiro a pontapés, grosseiramente, indelicadamente, deixando perceber que as nossas autoridades têm contra todos a prevenção de que são uns refinados tratantes, uns contrabandistas profissionais".

"Não é que os funcionários da alfândega sejam mal-educados" — explica, adiante. "Isso não. Pelo contrário, há alguns que são mais do que delicados, gentilíssimos". "O que afugenta a entrada de estrangeiros na nossa cidade", prossegue, "é o regulamento em si, é o sistema brutal e ridículo empregado na Alfândega do Rio de Janeiro".

Passa, em seguida, a exibir seus conhecimentos no assunto, pondo em paralelo com a situação no Brasil, a dos turistas em outras grandes capitais: "em todas as partes do mundo, mesmo nas piores alfândegas que são as dos Estados Unidos e a de Portugal, as malas dos passageiros são revistadas, com certo cuidado, de uma maneira natural. Em França, Inglaterra, Itália, Bélgica, Holanda, Suíça, Alemanha, Argentina, o passageiro não é absolutamente incomodado. A sua bagagem é visitada rapidamente, na mesma ocasião da chegada, no mesmo momento. O funcionário limita-se a umas tantas perguntas superficiais".

"Aqui, ao contrário, o pobre coitado abre todas as suas malas; o funcionário é obri-

gado a remexê-las todas. Desfaz até pequenos embrulhos, examina peça por peça a roupa do passageiro e para coroar a obra, se o pobre coitado tem nas suas bagagens alguma roupa nova, algum objeto de um pouco mais luxo, mas de seu uso, é obrigado a pagar uma fortuna — às vezes quase o dobro do preço corrente". E termina:

"O espetáculo da visita da bagagem é simplesmente — repetimos — ridículo, grotesco, insultuoso, degradante e, além de tudo, prejudicialíssimo para nós".

TAMBÉM SE REFERE Raulino à Inauguração da Exposição e fala da coincidência da data com a do aniversário da abertura dos cursos jurídicos no Brasil. Ainda a propósito da Feira, diz a revista que "desde segunda-feira última, balouça-se nas quietas águas da formosa Guanabara o cruzador "D. Amélia", esse belo e poderoso representante da esquadra e da pátria lusa", e que traz "a artística e riquíssima taça de prata mandada fabricar pelo pranteado rei D. Carlos, e por ele destinada ao Presidente da República".

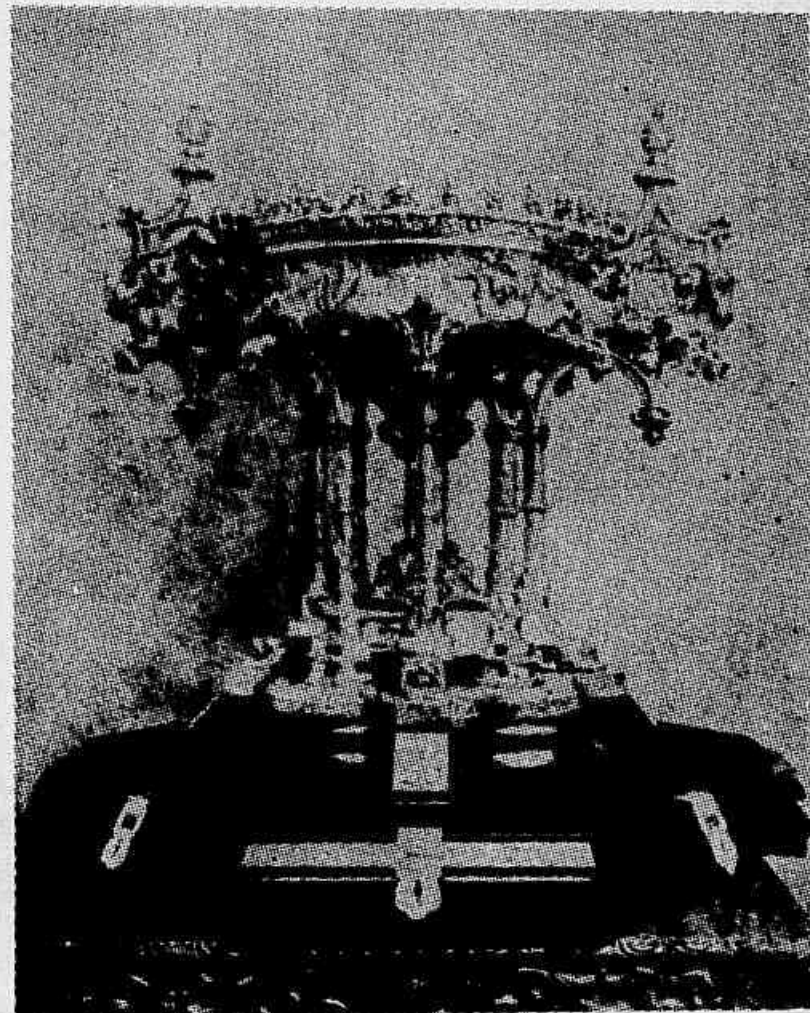
A SEMANA TEATRAL é valorizada pela presença de Maria Guerrero, "a triunfante de sempre", segundo as palavras de João Scena, e que "tem proporcionado esplêndidas horas de arte legítima, arte com a grande, que há muito tempo não víamos no palco, estragado pelas "ficelles" francesas, pelas guturações italianas, pelo "patuá" das companhias portuguesas e outras coisas tristes que ainda enfeiam o nosso teatro". E escreve J. Scena que "a genial intérprete" deu ao nosso "público gasto" — "a impressão nova e formosa de uma literatura sublime, que é a de Espanha, onde nasceu, onde nasceram vultos de real valor como Lope de Vega, para mim superior a Molière,

por ter feito obra sua, livre de insinuações, livre de compilação".

MACHIAVEL, comentarista político, refere-se ao discurso de Pedro Moacir, ouvido na Câmara: "e que discurso!" — exclama. "O nobre deputado lançava as bases de uma moção para destruir de uma vez todo o edifício da Igreja, todos os Cardiais, todos os Arcebispos, Bispos, Monsenhores, vigários, etc. E por fim S. Excia. pedia ainda que o Governo da República declarasse a guerra ao Vaticano". Razão: queria o deputado a todo o transe, explicações — fossem quais fossem — sobre o caso de um sacerdote que tinha pedido para não se colocar uma bandeira da República sobre um catafalco, em uma das igrejas da cidade, e isto porque tais eram as disposições superiores e muito antigas...

AS FOTOS MOSTRAM o Coronel Clemente Ribeiro Bittencourt, novo governador do Amazonas, empossado a 23-7; um flagrante do almoço de despedida do Marechal Hermes da Fonseca, oferecido por um grupo de deputados; o terrível estado em que ficou uma criança, vítima de bárbaro infanticídio ocorrido no Rio na semana anterior, bem como na página internacional, em cinco fotos, os detalhes grotescos de uma execução em Tuy Coan, no Annam.

Era assim há cinquenta anos.



Taça comemorativa que o saudoso rei D. Carlos mandou confeccionar, em prata, para ser oferecida ao Presidente da República. Com esse mesmo fim chegou, agora, a bordo do D. Amélia.



**ÉRICO VERÍSSIMO E A
SITUAÇÃO DO BRASIL:**

- TEMOS

POR CAUSA DA MÚSICA Érico Veríssimo escreveu um livro. E ele acabou de escutar uma e está ainda sob a impressão das suas notas mansas quando lhe levamos uma pergunta sobre a situação nacional e internacional. Érico mede o contraste da música ouvida com a brutalidade da indagação, que o tira do lar tranqüilo, da frente da lareira amiga e do lado da encantadora esposa e das indefectíveis visitas. Aceita, afinal, o assalto da curiosidade do repórter e traduz o seu espanto:

— Política internacional e nacional?! Que enorme pergunta para se fazer a um cinquentão às seis da tarde dum lânguido dia de outono, depois que esse homem (que está escrevendo um romance-rio) acabou de ouvir o quinteto de clarinetá e cordas de Brahms!

ULTIMO ATO DE UMA TRAGÉDIA

— Se eu disser que tudo está confuso, não terei dito nada de novo nem contribuído para melhorar a situação — diz, para explicar:

— Acho que a situação do Brasil não é apenas difícil como também paradoxal. Financeiramente estamos na pior das encruzilhadas. Lutamos com a inflação e ao mesmo tempo com a falta de dinheiro. Já se viu coisa igual? A crise de caráter me parece a maior de todas. A burguesia se porta como se estivesse representando a cena final do último ato de sua própria tragédia. Nos últimos tempos, sua preocupação parece ter sido a de manter-se a altura das mais exageradas caricaturas que dela faz o comunismo. Outro aspecto do paradoxo brasileiro é que o país progride, e muito. Veja Porto Alegre. Em cinco anos virou grande cidade. Pense no que está acontecendo em Minas Gerais, no Paraná, isso para não falar em São Paulo, que há muito vem crescendo com um vigor cada vez maior.

Érico se refere ao resto do mundo. Homem que gosta dos Estados Unidos da América do Norte, homem que acompanha o desenrolar do drama de todos os Continentes, produzido pela ambição do domínio sem fronteiras, ele expende um diagnóstico de simples espectador:

— Quanto à situação internacional, sou pessimista a curto prazo e um otimista a longo. Não creio que saia guerra, pois isso seria o fim da raça humana. Continuará essa guerrinha fria. E algumas guerrinhas localizadas. Um dos aspectos mais simpáticos de nosso tempo é a libertação da Ásia. Vejo com alegria o fim do colonialismo. Daria uma festa no dia em que se acabassem os imperialismos... os econômicos e os outros. Estamos vivendo uma hora interessantíssima... do ponto de vista da História, isto é, para quem não está sofrendo os desajustes, violências e desastres da hora.

MEDO POR AMOR

Sem qualquer hesitação, como se tivesse o remédio preparado há muito tempo para a crise atual, Érico Veríssimo manifesta uma esperança — a que deviam ter os que ocupam “altos postos” onde ela seria para valer:

— Mas espero que os homens um dia se entendam, se não por amor, pelo menos por... medo. E’ estúpido o que se gasta com armamento, couraçados, teleguiados, etc... Com esse dinheiro canalizado para propósitos mais decentes, seria possível dar a cada habitante da terra uma boa casa com aquecimento central, um automóvel, um aparelho de televisão, enfim, uma vida decente e confortável do ponto de vista do conforto material.

Olha-nos com força:

— E quer saber duma coisa? Quando todos estiverem vestidos, empregados, bem alimentados, isto significará que a humanida-

de realizou apenas uma série de *preliminares*. Porque outros problemas continuarão, ainda que atenuados. E os meus colegas de ofício não morrerão de fome nem terão de mudar de profissão, pois haverá sempre dramas, e a dúvida, e a angústia. e as perguntas diante do Desconhecido, enfim, essa dança incerta e sombria diante da Morte.

Érico volta de fora para si mesmo:

Acho que estou ficando muito retórico. Deve ser a hora. Ou a idade? Seja o que fôr, paro por aqui.

ARTE EXIGE LIBERDADE

Não deixemos, não, que Érico Veríssimo pare por aí. Formulamos-lhe, por exemplo, uma pergunta sobre arte. E ele nos responde:

— Depende dessa arte. Uma pintura como a de Portinari e Di Cavalcanti, para não citar muitos, sim. O abstracionismo, acho que não. Parece-me uma forma de arte impessoal, produto duma era caótica. Exprime o horror do artista à forma humana. E’ um protesto contra o mundo que existe.

Hesita, porém:

— Não sei. Talvez esteja dizendo uma tolice. Mas é o que sinto. Sinto algo mais. Sinto que todos devem continuar pintando, fazendo versos, romances e ensaios como entenderem. Numa palavra: a arte não pode florescer a não ser num clima de paz e liberdade.

A ACADEMIA

Ora, a Academia Brasileira de Letras! Érico, escritor de muitas obras — e empenha-se agora no terceiro volume de “O Tempo e o Vento”, o que chama de romance-rio —, é vulto com sombra na imortalidade. Eis, todavia, a sua decisão:

— Pela casa de Machado de Assis eu não poderia deixar de ter o maior respeito. Tenho, hoje, lá dentro, excelentes amigos que são também admiráveis escritores. Devo, entretanto, dizer que nunca desejei nem sequer pensei em me candidatar à “casa dos imortais”. E confesso que me é profundamente desagradável ver meu nome mencionado entre os “papáveis”, cada vez que morre um acadêmico.

FORA DÊSTE MUNDO

Insatisfatório, de certa maneira, este mundo. Vamos ver o que há por fora. Mas, quais os que irão buscar no espaço um recado para os insaciáveis terrestres?

— Os primeiros passageiros?

— Sim, Érico.

— Francamente, os que tiverem coragem para a viagem. Você pergunta se devem ser políticos ou cientistas. E eu respondo que cientistas. Os políticos devem contentar-se com a anarquia que criaram aqui em baixo.

Horas se foram. Érico, no seu terno cinzento, combinando com o seu cabelo grisalho e a sua simpatia de sujeito muito humano, sentencia:

— Mas toda esta entrevista está muito bêta... da minha parte.

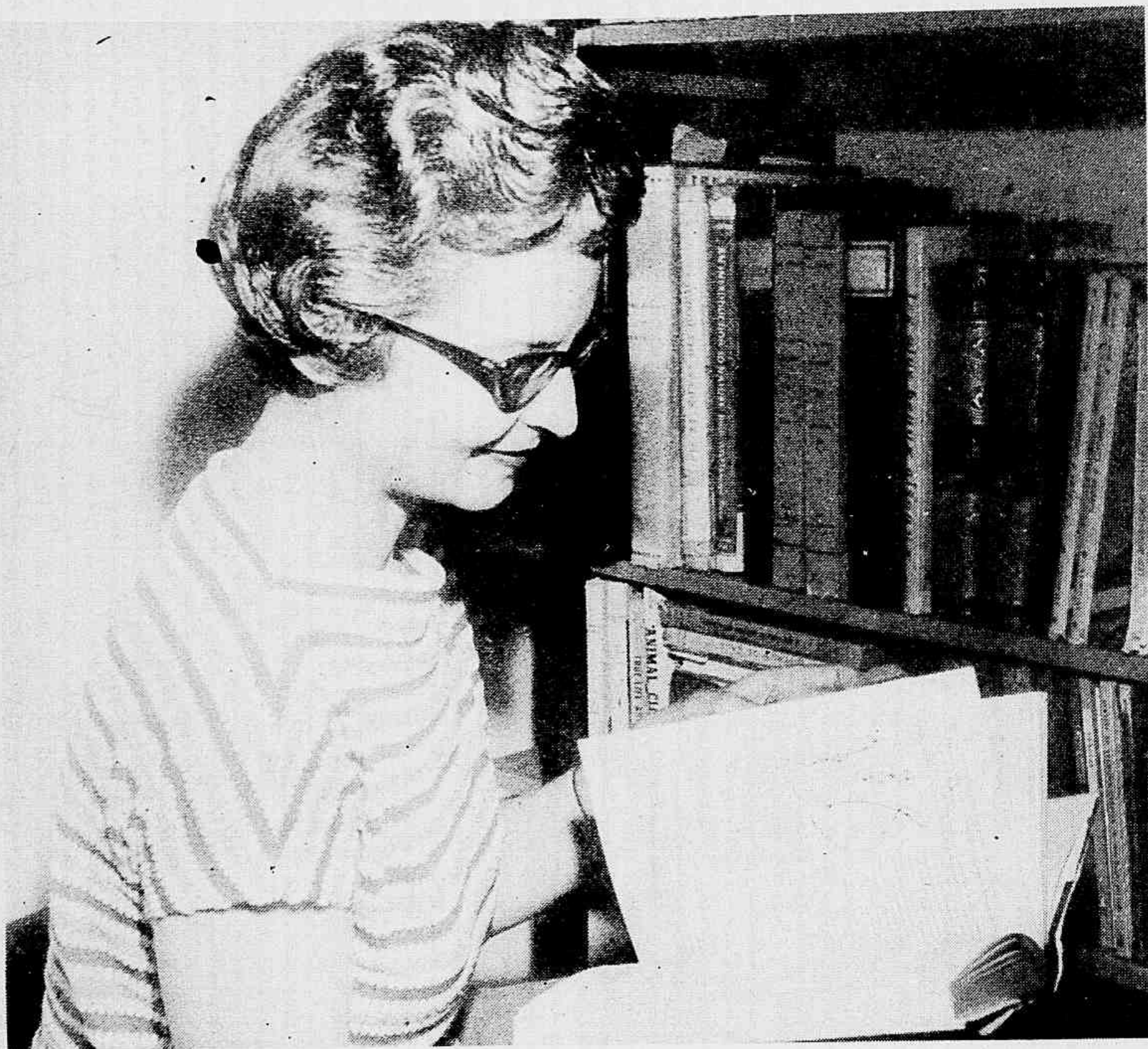
— Não apoiado!

— Que diabo! E’ um direito que todo cidadão deve ter: o de dizer tolices de vez em quando. Pois não há gente que passe a vida inteira fazendo isso?

O entrevistado quer passar a entrevistador, já se vê. Vamos embora.

CRISE DE CARÁTER

JOSÉ ASMAR



F.S.L. — Emilia a adoraria.

DONA FLÁVIA DÁ RECEITA PARA FAZER ENCICLOPÉDIA

MAURÍCIO CAMINHA DE LACERDA

COMO SE FAZ uma enciclopédia infantil? "A receita", ensina-me Dona Flávia da Silveira Lobo, "talvez lhe pareça um pouco estranha". Por que? Ela mesma explica: "Tome boa dose de coragem, disponha-se a ir noite a dentro sem dormir, mande ao diabo o sossêgo, organize um grupo de moças dotadas de muita paciência e de um alto espírito de equipe, lance uma rede para colher informações de arrastão como se pescam sardinhas, convença um fotógrafo a entrar sem medo ou cerimônia na jaula de panteras, tigres e leões, a gesticular com macacos e a trepar em árvores à cata de preguiças, e depois... bem, depois meta mãos à obra". Se dá certo? No caso de Dona Flávia, está dando certíssimo. Porém, que trabalhadeira! "A curiosidade da criança", falava Pestalozzi, "é uma espécie de Gargantua; tem apetite devorador". Exato. Agora imaginem a façanha que constitui reunir, ainda por cima com prazo determinado, alimento para, numa enciclopédia, satisfazê-lo. Dona Flávia da Silveira Lobo, com um punhado de moças professoras, num pequeno apartamento de segundo andar em Copacabana (aí funciona uma improvisada redação do Minis-

tério da Educação e Cultura), conseguiu demonstrar em diligente silêncio que, para quem quer, não há tarefa impossível. E eis como já tem esticada para o forno (perdão! para o prelo) a massa fotográfica e literária do primeiro volume da coleção, a qual se desdobrá por oito livros e duas mil páginas ilustradas com cerca de mil fotos (inclusive coloridas), conforme encomenda do Instituto Nacional do Livro.

Um desabafo: "Escrever enciclopédia no Brasil é uma dor-de-cabeça que não passa nem com aspirina. Muito pior ainda do que eu a princípio supunha. Algumas pessoas me disseram: — "Impraticável. Desista". Impraticável não é: o primeiro volume (*Matuferos*) foi, praticamente concluído e os dois seguintes estão bem encaninhados. Agora, que é de matar, isto é, que é. As informações sobre o nosso país, todos sabem, são pobres e esparsas. E já que o nosso trabalho se destina a crianças brasileiras, precisa imprimir especial relêvo ao que é nosso. Duro mesmo. Se seria mais simples traduzir ou adaptar uma enciclopédia estrangeira? Claro. Mas não foi isso o que fizemos; não seria nunca o que faríamos".

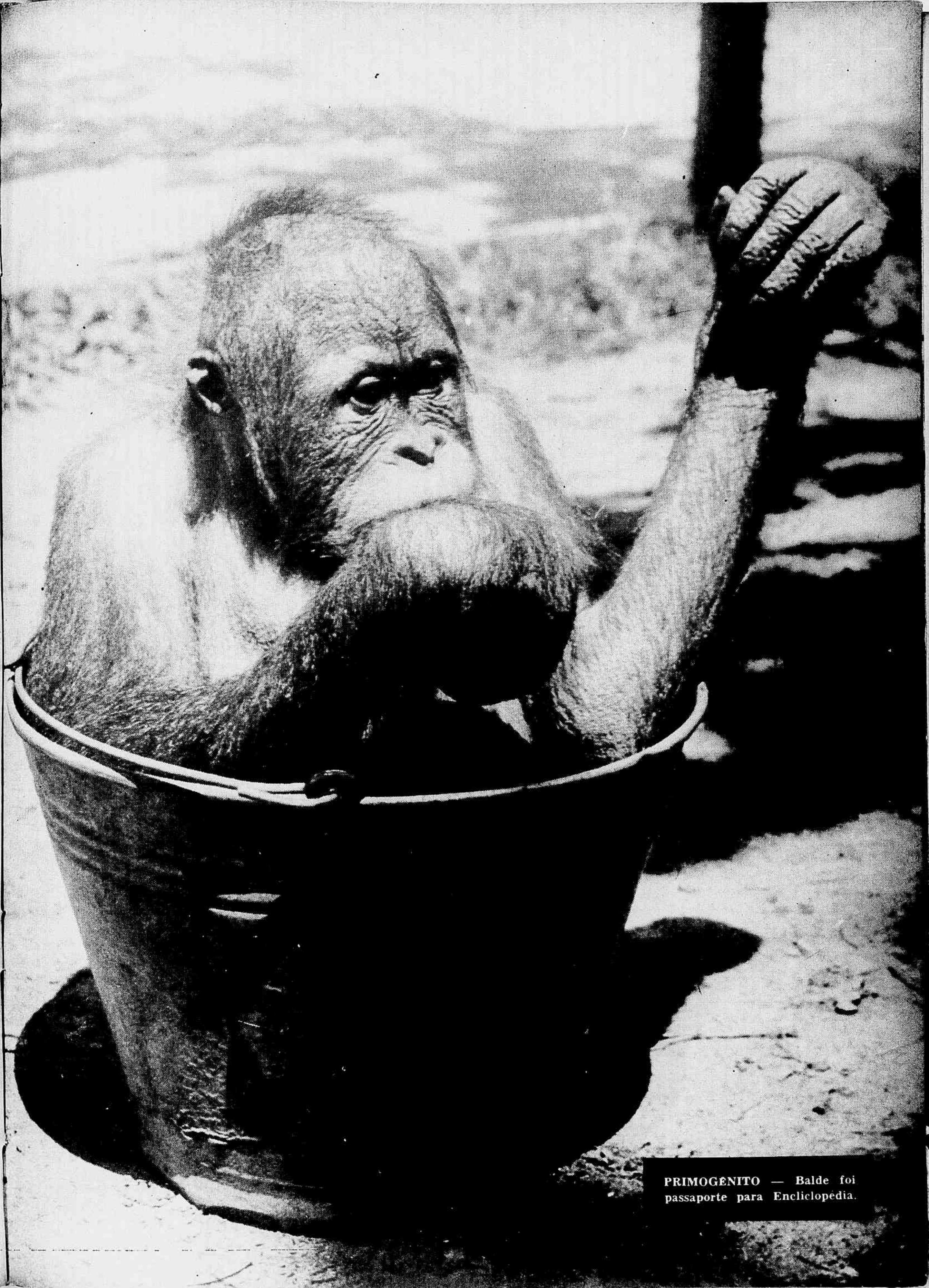
aria.

ERDA

gente
como
a fo-
des-
cêrca
Ins-

r-de-
o que
"Im-
(Ma-
bem
ações
que o
primir
sim-
claro.
mos".

EMANA



PRIMOGENITO — Balde foi
passaporte para Enciclopédia.

"ESCREVER ENCICLOPÉDIA NO BRASIL É UMA DÔR DE CA



"ALMOFADAS" NO DESERTO — Foi um custo fazê-lo deitar.

DOIS OLHOS PROJETAM PÁGINAS

A essa criatura magrinha que, quando criança, sonhava ser cantora; que fuma quase sem interrupção e cujos nervos parecem encontrar o calmante indicado, num trabalho para o qual não bastam todas as horas do dia, a essa F.S.L., enfim, deve-se uma série de boas iniciativas no terreno do ensino. Criou, nesse chão de sacerdócio, um mundo ilimitado e próprio; e nêlo discute, inova, debate, participa, entusiasma-se, agita-se, a retirar da experiência e da vida nuances de ineditismo, a exemplo de um pintor que se valesse de tintas extraídas do arco-íris. Difícil encontrar outra que à educação dedique maior e mais desinteressada devoção. — Mestre até à raiz dos cabelos. Quando menciona a *Enciclopédia Infantil* e descreve os pormenores que diligenciaram o parto desse volume inicial, imprime à voz tanto calor, tanta harmonia, que é como se falasse do nascimento de um primogênito (em realidade, ela é mãe de um rapaz já taludo e de uma jovem poetisa). Pela enciclopédia, seus olhos lampejam de carinho por trás das lentes dos óculos; com tamanha intensidade, que então capturo nêles o mesmo cintilar que eu vi nos olhos da pequena Liália Mitaishvili, quando a dançarina pedi para descrever-me a Geórgia, sua terra natal. E ainda como as de Liália essas retinas fitam adiante a parede branca, como se estivessem tentando transformá-la em tela e aí projetar, página por página, o seu amado livro.

"Escrevemos", comenta F.S.L., "para crianças de oito a doze anos. Todavia, muitos adultos têm gostado de ler nossos verbetes, previamente submetidos a um técnico do Museu Nacional. A razão talvez seja esta: não desprezamos — (ela fala sempre nós, por todo o grupo) — o pitoresco porque não poderíamos desprezá-lo escrevendo para guris; não regateamos informações". Da exposição, concluo que o segredo está, assim, em condensar o mais possível, sem provocar abalroamentos, sem dar a impressão de dispor de muito pouco espaço e de ter pressa de acabar o verbete, selecionar com cuidado o mais característico, o mais emocionante, e "abdicar do resto, embora às vezes com um apêto no coração". Pesquisar, pesquisar, pesquisar. E depois reescrever tudo, mantendo a fluência, o toque divertido, o jeito descansado de dizer.

EXEMPLOS COM A PREGUIÇA E O CAMELO

Assinale-se: organizar uma enciclopédia para crianças não se resume em dispor o material como se êle se destinasse a um grave dicionário. Vejam, em dois casos, a diferença.

DICIONÁRIO — Define a preguiça como "nome comum de todos os mamíferos xenartros da família dos Bradipódeos".

ENCICLOPÉDIA — Mostra fotograficamente o animal. E conta uma pequenina história a seu respeito. Em resumo: "Para se agarrar na árvore, a preguiça tem unhas enormes e fortíssimas, que parecem ganchos. Quando se agarra mesmo, pode até levar um tiro, pode até morrer, mas não se desprende. Os caçadores que querem pegar a preguiça viva, cortam o galho onde ela está e carregam para casa galho e preguiça. Muita gente pensa que a preguiça fica acordada de noite e dorme o dia inteiro, mas isso não é verdade. A preguiça é tão amiga do sol que, quando o sol aparece, ela começa a fazer ginástica, radiante da vida. De noite, ou nos dias frios, ela se enrosca todinha na árvore e até parece uma casa de abelha ou de cupim".

DICIONÁRIO — "Camelo: gênero de animais mamíferos, quadrúpedes, artiodactilos, ruminantes, da família dos camelídeos, caracterizado por terem as espécies no dorso uma ou duas bossas ou gibarmas, formadas de gordura".

ENCICLOPÉDIA — "Almofadas que não acabam mais: no peito, nos joelhos, nos cotovelos, nos pulsos. E o camelo precisa de todas. Cada vez em que montam nêlo ou põem carga em cima dêle, êle tem de se ajoelhar. Aqui você vê bem o calo do peito: é a almofada que agüenta mais peso".

PERGUNTA E RESPOSTA

E por que isso de começar por mamíferos em lugar de referir todas as espécies de animais? Vai a resposta: "Poderíamos ter começado pelos invertebrados e ir subindo. Seria mais lógico. Porém, nem tudo que é lógico é bom. As crianças conhecem em geral melhor os mamíferos, gostam mais dos mamíferos, querem sa-

CENSURA NO ZOO — Espatifou a máquina do fotógrafo.



R DE CABEÇA QUE NÃO PASSA NEM COM ASPIRINA"

ber mais coisas dos mamíferos primeiro. Depois dos mamíferos, virão as aves, os répteis, os anfíbios (segundo volume) e, a seguir, os peixes, os invertebrados, os animais pré-históricos (terceiro volume). Ao invés de subir, descemos. Degrau por degrau, sem confusões".

Outro trecho: "Se você fôsse dar um curso de literatura portuguesa a iniciantes e quisesse ganhar o interesse dos seus alunos e conseguir deles um conhecimento bom dos autores, você começaria pelo período arcaico (que eles custariam a entender e amar, já que pela primeira vez estariam estudando literatura portuguesa) ou pelos escritores atuais? Assim também conosco. Ganhamos na criança o gosto pelo assunto e o hábito da leitura. O resto fica mais fácil".

ITENS COMO CURIOSIDADE

Anoto, da conversa, estes pontos:

1 — O fotógrafo que trabalha para a enciclopédia vive autênticas (e não raro perigosas) aventuras. Subiu em árvores para fotografar a preguiça que ilustra o verbete correspondente. O hipopótamo do Zoo, de gênio avinagrado investiu sobre ele e quebrou-lhe a máquina.

2 — Experiência narrada pelo fotógrafo, que se chama Francisco C. Pereira: "Esperei um dia, quatro horas inteiras, para fotografar o pavão a fazer roda. Disseram-me que ele não demoraria muito, desde que simpatisasse comigo. E eu sentado no chão, esperando. O pavão, de tão amigo, chegava a passar por cima de mim, todo risonho. Mas abrir a cauda, qual! Um demônio é o mandril. Ficou possesso quando o flash estourou".

3 — O grupo de pesquisadores quase sempre excursiona nas matas para poder fotografar e estudar os animais que não são

hóspedes dos Jardins zoológicos. Já andaram até meio perdidos em montanhas do Estado do Rio.

4 — Colaboram na pesquisa e na redação: Clara Helena Teixeira da Silva, Eliana Penafiel, Flávia Maria, Heliette Covar Puentes Garcia, Lolita Beatriz Garcia, Margarida Maria de Britto Pereira, Marília Vieira Spilman. Outro fotógrafo: Lauro Pais de Andrade. Ilustrou à mão Ruth Doris Secchin, mas algumas ilustrações pertencem a Marysa Kobler.

5 — Verbete do guaxinim ou mão-pelada: "Dizem que ele tem um jeito muito engraçado de pescar. Não pesca com a mão; não usa tarrafa, nem rede. Usa o rabo. Procura uma casa de caranguejos e enfia o rabo na água. Aperta os olhos, torce o corpo, geme, sabendo que vai sentir dor. De repente, um caranguejo agarra a cauda do guaxinim com vontade. Ai o guaxinim arranca depressa o rabo, com caranguejo e tudo, para fora d'água. Bate com o rabo numa pedra e depois de lavar o caranguejo, come o jantar. Valeu à pena sofrer um pouco." Sim, valeu para o guaxinim. Porque para o caranguejo, convenhamos, a dor não compensou.

6 — O orangotango-bebê recusou-se a ser fotografado fora do baide onde diariamente toma o seu banho matinal. Só nessa pose especial permitiu sua inclusão na enciclopédia.

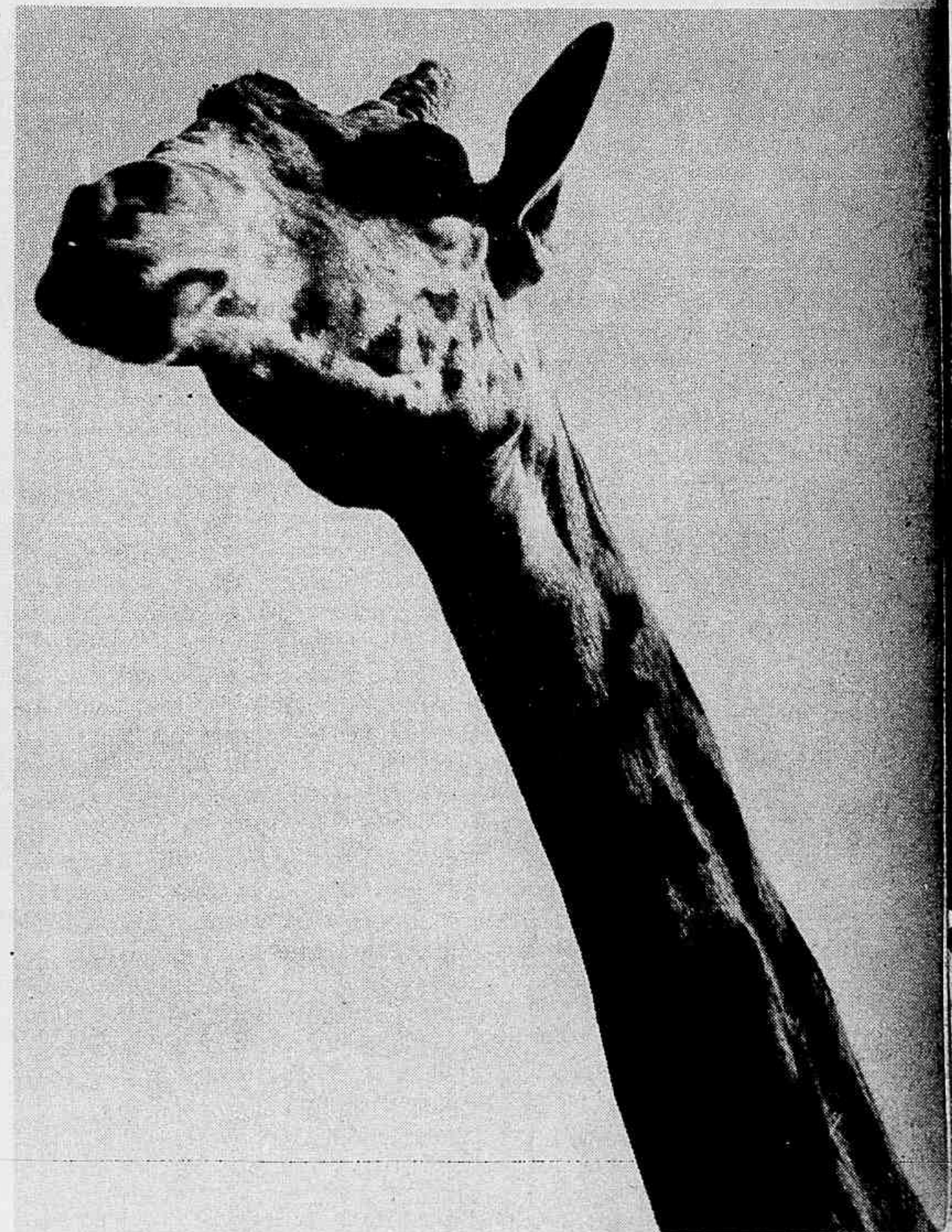
ONDE APARECE D. EMÍLIA

Frases finais de Dona Flávia: "Procuramos fugir ao dogmático, ao fastidioso, à lição. O que fazemos é contar. E contar de maneira simples e acessível. A ilustração ajuda muito. Se há defeitos? Evidente que os há. O importante porém, foi começar".

Emília, a travessa — e exigente — bruxinha de pano que Monteiro Lobato popularizou como símbolo do espírito infantil, haveria de adorá-la.

ONÇA-PRETA — Grade serve de osso?

FLAMENGO EM VERBETE — "É a maior! É a maior!"



ESBÔÇO DE GILZA

FERNANDO MOREIRA

EU ME CHAMO Gilza e sou de Vitória — ela disse, como se um fato decorresse do outro, e me ofereceu uma bebida qualquer. — Olhou-se rapidamente, bem no fundo dos olhos, mas eu pensei então que aquilo era uma simples tática, e não liguei. Ela pareceu triste, assim com um jeito de bichinho assustado.

— O meu é Mário, e eu estou aqui de férias. Só um mês.

Ela sorriu triste, porque minha voz se fizera involuntariamente mais gentil. Só então olhei bem para ela. Eu me chamo Gilza e sou de Vitória. Talvez porque eu jamais tivesse conhecido até então uma moça de Vitória, imaginava-as tôdas altas, fortes, sorridentes, saudáveis, definitivamente do tipo graúdo. Uma bobagem como outra qualquer, mas bem enraizada em meu espírito. E a primeira que eu encontrava vinha destruir aquela impressão. Porque Gilza, embora alta, não era nem forte, nem sorridente ou saudável; seu rosto irregular parecia imenso numa tristeza carinhosa, um pouco desajeitada. Mas de seus gestos ágeis e precisos vinha uma espécie de música que destoava estranhamente da tristeza do rosto e da agitação na sala mal iluminada. Naquele instante, eu adivinhei Gilza; ela compreendeu, e desviou os olhos.

— Por que vocês não estão dançando? — era Oscar quem perguntava, muito integrado em seu papel de anfitrião. — Você já conhecia a Gilza? Ela também mora aqui, quando está de folga.

Deixei o copo na mesa, e enlacei Gilza, qu sorria quietamente. Sim, era êsse mesmo o adjetivo para Gilza: quieta. (Depois, eu soube por Oscar que ela viera para o Rio, por ter sido seduzida por seu professor de matemática na terceira série do ginásio, o que talvez explicasse a tristeza em seu rosto. Não houve escândalo, êle acrescentou, isso não seria de Gilza. E, de qualquer forma, nada tem a ver conosco).

Dançamos. Seu corpo era dócil e se unia ao meu como a parassita à sua árvore; mas em seus olhos tristes, na boca sorridente, não havia sensualidade. Apenas aquela ternura um pouco desajeitada, hesitando em definir-se pelo receio de não ser aceita. Eu

me senti imenso e forte, e naquele instante daria tudo para fazer nascer no seu rosto um sorriso de felicidade, de protegê-la contra o resto do mundo. Foi uma sensação passageira, bastante agradável e possível somente por ela estar de sapatos baixos, o que me dava uns três centímetros de superioridade.

Do sofá, Jô e Nelson nos olhavam e sorriam com vaga cumplicidade, que me constrangeu um pouco; gostaria de ir falar-lhes e dizer: Ela se chama Gilza, e é de Vitória, o que poderia explicar tudo. Eles não a conheciam e pareceu-me odioso, depois absurdo, que êles pudessem julgá-la mal. Não, Jô e Nelson, não. Apertei a mão de Gilza, com força. O rosto dela encostou ao meu, aquiescendo silenciosamente. Tudo acontecendo tão rápido, meu Deus, ou seria a bebida?

— Você não perde tempo, seu safado... Cuidado com êle, Gilza, êsses moços do interior são uns piratões, brincou Oscar, que também havia começado a dançar. A moça com êle, Carla, era uma loura de maneiras finas, bem mais bonita e segura de si que Gilza, o que se justificava pela evidente adoração dêle. Mas Carla não era diferente, como Gilza; e parecia estar com calor, e pouco contente com a observação de Oscar.

Nesse instante, apareceu a Gatinha carregando em triunfo o bôlo de aniversário do Oscar; acenderam a luz grande e todos bateram palmas e cantaram o "Parabéns a você". Passei o braço pela cintura de Gilza, num gesto de posse que a fez desabrochar como uma rosa matinal. Agora, o que eu pensara ser uma vaga cumplicidade por parte de Jô se cristalizava em muda reprovação, afinal não era aquela a primeira vez que eu ia à casa da Gatinha?

Mas esta não parecia absolutamente impressionada por tão pouco; antes, ocupava-se em partir o bôlo, auxiliada por Oscar. E foi com seu sorriso agradável e sem segundas intenções que ela nos serviu.

Não sei quanto tempo ainda permanecemos ali, dançando, comendo, bebendo, conversando às vêzes; aliás, é-me difícil pensar em Gilza em termos de tempo. Tivemo-lo tão pouco, e todavia

CO-
nsar
avia



Não sei quanto tempo permanecemos ainda ali, dançando...

foi tão pródigo em deixar-se aproveitar, que se torna difícil chegar a uma conclusão — aliás supérflua. Sei apenas que não nos separamos um momento sequer. E que, entre nós, já não havia muros ou barreiras.

Por isso, eu lhe disse, mais que perguntei: — Vamos sair.

Ela não respondeu; apenas sorriu outra vez seu novo sorriso de flor matinal e se afastou de mim, para dizer algumas palavras ao ouvido da Gatinha.

Já íamos de saída quando Renato me chamou de parte e, certo de estar preenchendo uma lacuna, deu-me o endereço de determinado hotel pouco exigente.

Olhei em torno, um pouco preocupado; mas, aparentemente, ninguém notara ou sequer parecia emprestar qualquer sentido a nossa saída. Nelson conversava com a Gatinha, Carla e Oscar eram os únicos habitantes de sua própria ilha, Jô dançava com alguém cujo nome não cheguei a saber, e Hilda com um dos companheiros de quarto de Oscar.

Quanto ao José, de muito que fôra deitar-se.

Tomei Gilza pelo braço, e saímos para a noite. Seu corpo era macio e dócil, e ela parecia suspensa a meu braço, se não fôssemos tão exatamente da mesma altura.

— Tomamos um táxi? Estou tão cansada, tive um dia horrível no hospital...

Tudo tão simples assim, sem perguntas... Apenas a voz tímida, o jeito de animalzinho assustado, aquela indecisão. Abracei-a, num ímpeto. Queria muito dar-lhe um pouco de auto-confiança, fazê-la sentir-se desejada e querida, ainda que por um pouco de tempo.

Muitas horas mais tarde, ela voltou a falar:

— Vamos, bem? Quero chegar em casa antes que amanheça.

— Qual a necessidade?

— Você acha? Eu nunca poderia olhar a Gata de frente, se voltasse para casa e ela já estivesse levantada.

— Você pensa que ela não sabe o que nós viemos fazer?

— Eu sei, bem; mas passar a noite toda fora de casa é diferente.

A diferença era sutil demais para mim, mas talvez fôsse toda aquela bebida; além disso, a satisfação que me dera Gilza impediu que eu a contradisses. Enquanto eu me vestia, ela escreveu qualquer coisa num papel com o baton e me entregou:

— Tome, bem. É o telefone lá do hospital. Se você quiser telefonar...

— É melhor que você telefone. Eu poderia ligar num momento desagradável.

— Como você quiser; geralmente, estou livre depois das 4,30. Mas, às vezes, tenho serviço extra.

Antes de nos separarmos, combinamos encontrar-nos para jantar no sábado seguinte. Havia qualquer coisa de irreal em tudo aquilo, pois seria essa a última vez em que nos veríamos. Eu tinha de voltar, e Gilza sabia.

Na 5.^a-feira, Gilza apareceu de surpresa no hotel, enquanto eu descansava do almoço; vinha muito alegre no seu uniforme de enfermeira, cujo branco contrastava agradavelmente com sua cor morena:

— Arranjei a tarde e a noite de folga. Não é ótimo? Vou num salto à casa da Gatinha para trocar de roupa e volto logo para combinarmos qualquer coisa. Isto é, completou ela com seu jeito meio assustado, se você não tiver outro compromisso.

Eu tinha, mas disse que não. Naquele instante, não havia uma companhia que eu preferisse à de Gilza. Sabia que não a amava; que não poderia haver amor entre nós — eu deixaria o Rio na 6.^a-feira da semana seguinte, sem saber se me seria possível regressar nas férias do próximo ano. E Gilza, bem, Gilza nem sequer poderia passar comigo todos os dias até minha viagem, por causa de seu trabalho de enfermeira.

Por um acôrdo tácito, decidimos divertir-nos sem pensar na pouca duração do que nos acontecera, ou sequer em dar-lhe um nome. Acabamos o programa da noite numa boite da Avenida Atlântica; tudo ali era ruim, mas Gilza parecia importar-se tanto

com isso quanto eu. O que, de algum modo, significava qualquer coisa.

Os dias correram. Agora eu pouco procurava Nelson, Renato, ou Jô; apenas incidentalmente encontrava Oscar, talvez pelo fato de morarmos na mesma rua. Procurei levá-lo a falar de Gilza, a fim de que eu pudesse saber mais coisas sobre ela — era como se procurasse completar um retrato esboçado, para o qual me faltasse tempo. Foi numa dessas conversas que êle me contou o que sabia acerca daquela história do professor de matemática que a seduzira no terceiro ano do ginásio; mas pouco mais falamos sobre Gilza, pois Oscar estava apaixonadíssimo naqueles dias, e seu assunto favorito era a loura Carla.

Na manhã de quinta-feira, fui acordado pela campainha do telefone. Era Gilza:

— Aconteceu um imprevisto, e eu não posso ir levar a carta para mamãe. Você pode vir buscar, aqui no hospital, às quatro e meia mais ou menos?

— Que carta, Gilza? Eu não vou para Vitória, você sabe muito bem.

— Está ótimo, então você vem? É coisa rápida, só terei mesmo tempo de lhe entregar a carta. Seja pontual. Até logo.

Desligou, antes que eu pudesse responder. Só então, já completamente desperto, compreendi que aquela história louca de carta para a mãe dela devia ter algo que ver com as sucessivas mentiras que Gilza havia engendrado para conseguir folgas e estar comigo, nos últimos dias. E agora, justamente na véspera de minha viagem, Gilza não pudera ter a noite livre e queria ver-me no Hospital.

O hospital ficava na Zona Norte, num bairro que eu desconhecia; telefonei a Jô, perguntando qual o transporte mais rápido:

— Mas você acha realmente necessária essa despedida? Você depois fazia uma carta se desculpando.

— Eu quero ir.

— Vocês nem vão poder falar direito, com aquele horror de freiras olhando.

— Qual o ônibus, Jô?

— Tome o 130, chato. Pára perto. Quando você avistar a...

Graças às explicações de Jô, cheguei ao hospital sem dificuldade. Gilza me esperava num banco de jardim, conversando com uma freira:

— Meu primo, irmã. Veio se despedir, volta amanhã de madrugada para Vitória.

— Ah, sim, você me falou. Deus lhe dê uma boa viagem, meu filho.

— Obrigado, irmã.

Fêz-se um silêncio um tanto embaraçoso que a freira quebrou, pedindo desculpas por ter de se retirar. Tentei tomar as mãos de Gilza, ela disfarçou colocando as suas num embrulho que estava em meu colo.

— Alguma coisa para mim, bem?

— Maças e peras. Lembre-se de mim enquanto elas durarem.

Gilza sorriu, sem me olhar. Nós ambos sabíamos que aquela fôra uma frase tola e desnecessária, e que já agora nada mais havia a ser dito.

— É melhor você ir andando, bem. Eu não estou em hora de folga, e, de qualquer maneira, não podemos esquecer que você é apenas meu primo.

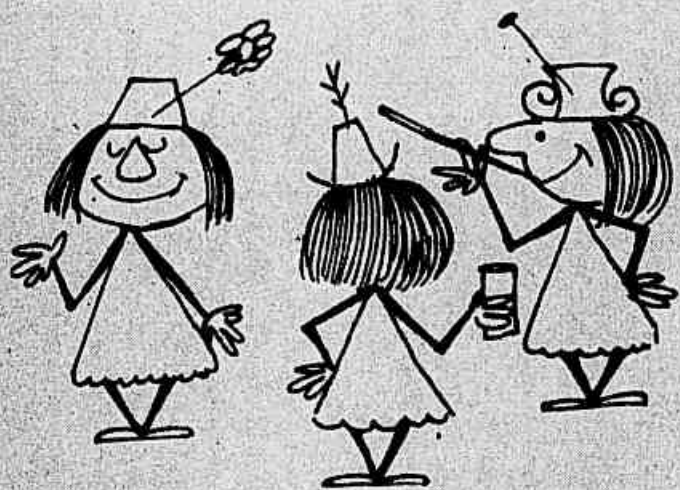
— Você é quem sabe.

— Obrigada por tudo, bem. Por tudo.

— Obrigado a você, Gilza. Você me deu dias maravilhosos, ainda disse eu, antes de me afastar depressa: aquele diálogo final estava saindo todo errado como errada era aquela despedida tola num jardim de hospital.

Antes de alcançar o portão, voltei-me ainda uma vez para vê-la. Talvez por causa da iluminação desfavorável, já não consegui distinguir com nitidez os traços de seu rosto, vi-os como se estivessem apenas esboçados.

Algum dia, talvez eu volte para concluir a pintura do retrato de Gilza. Talvez.



AS VERDADES DE MARIAZINHA MARANGUAPE



SOCIEDADE

COSTAS BONITAS, minhas amigas, eis a palavra de ordem para 59. As saias baixarão um pouquinho, para consôlo do bloco da perna fina, mas a grande sensação da moda que se aproxima será a *rentrée* dos amplos e ousados decotes nas costas. Quem tiver bifes de celulite para mostrar que se socorra da massagista, já e já, sob pena das gordurinhas teimosas estragarem todo o efeito plástico das novas toilettes.

A **MAIS POPULISTA** das delegações presentes à Conferência Interparlamentar foi a da Libéria. Além de oferecer uma recepção nos salões do Clube de Regatas do Flamengo, fazia madrugadas marotas no Bolero...

NA **RECEPÇÃO** que o Museu de Arte Moderna ofereceu aos delegados parlamentares, notou-se a fidelidade partidária da bancada australiana ao scotch & soda. Chegaram ao Museu, tomaram posição diante do bar e de lá saíram apenas quando a música de Pixinguinha debandou.

O **SR. JOÃO DANTAS** converteu-se no habitué n. 1 do Sacha's. Sua média de frequência é somente inferior a do próprio Sacha...

DISPUTADÍSSIMO o espólio do cronista Ibrahim Sued. Será que os Marinho respeitaram as disposições testamentárias do rapaz? Ou premiarão algum primo pobre, rondando a coluna-trampolim?

RENAUD FOI descansar de sua difícil clientela na Europa, gastando num giro com a Madge aquelas gordas propinas com que suas devotas costumam obsequiá-lo. Madrid seduziu o ilustre figaro, que teve como cicrone uma velha cliente: a sra. Paulo Paranaguá, que êle penteia desde os tempos de Glorinha Rudge Leite. Madge viajou pela Europa com seu inseparável poodle, o único ser canino que tem as unhas pintadas de azul turquesa...

VICE NA COLÔMBIA, Luz Marina Zuloaga foi ser vencedora em Long Beach, por artes da caturrice dos pais da verdadeira Miss Colômbia, que lhe proibiram o embarque à última hora. E a gente fica pensando se o requadrado simples e macio da menina Sônia, pernambucana e morena, não teria conquistado o ponto que fugiu a técnica estudada da Colombo. Faltou, talvez, aquilo que a Colômbia deu sorte em exportar: uma vice que nos tirasse o complexo do vice.

A **PAULISTADA** começou suas picardias com o ministro Lucas Lopes, já apelidado, pra início de conversa, de "feijão mulatino"...

NÃO FOI A CRISE do Oriente Médio quem trouxe ao Rio o diplomata Henrique Mesquita, secretário provisório de nossa

embaixada no Irã e membro da representação brasileira no Líbano. Coincidindo com a crise política, uma crise renal, muito mais séria, despachou o rapaz para férias forçadas numa casa de saúde do Rio.

HÁ **QUINZE DIAS** atrás, Mariazinha encontrou uma jovem senhora sobraçando um pequeno embrulho com perfume de camembert. Eram 11 horas da noite e a tradicional memória olfativa dos Maranguape pedia Fleur de Rocaille, ao invés de camembert. Em duas palavras a situação se esclareceu: o grupo vinha do Itamarati e o queijo fôra um presente da Casa de Rio Branco. Em que pese a solidariedade do nosso paladar a todo camembert de raça, achamos que o Itamarati deveria reservá-los aos gourmets que o visitam, destinando bombons e flores para as senhoras e senhoritas. Seria mais justo e mais elegante...

ERA UM TRAPÉZIO que mais parecia uma barraca, em forma de cone, com as paredes bojudas, e acontecera numa segunda-feira do Sacha's. As mesas vizinhas simultaneamente ensaiaram alguns palpites sobre o possível estado interessante da sua não menos interessante dona. Mas foi de commis a palavra de ordem: "Ela deve estar grávida em todos os sentidos..." Será um discípulo seu, Murilinho?

O **FABRICANTE** de títulos, Gabriel Inelias, vulgo Príncipe de Clazomene e Rodosto, aderiu ao regime republicano e está se candidatando como vereador, sob a égide populista do sr. Ademar de Barros. Só faltava essa ao legislativo municipal. Já imaginaram um debate entre o Príncipe de Clazomene e Rodosto e o sr. Arquibaldo Índio do Brasil?

É UM CRONISTA SOCIAL, Marcelino de Carvalho, quem está lutando com unhas e dentes para que a inigualável e magnífica biblioteca "Brasiliiana" do grão-senhor paulista, Yan de Almeida Prado, não seja dispersada e vendida a biblioteca do exterior. Os cronistas literários estão dormindo no ponto e deveriam socorrer mestre Marcelino.

A **GARRAFA** de uísque apareceu misteriosamente na quina da mesa, durante um grande e formal almoço de homenagem no Hotel Glória, sendo esvaziada por três cavalheiros com pinta de conspiradores. Até hoje ninguém sabe de onde a garrafa surgiu, embora alguns sherloques amadores suspeitem que ela tenha viajado na pasta de um dos três implicados no seu consumo: os srs. Guilherme Leão de Moura, Jorge Costa e Augusto De Gregório.

OS IMÓVEIS mais valorizados em Copacabana, atualmente, são as garçonnières em andar térreo. Depois do Cássio Murilo, não há sedução ou dinheiro que eleve este garbarito...

Depois de "Macbeth", dez anos de Europa

E mais Shakespeare: "Othello", que não veio ao Brasil

Agora (sòmente) em "A Sólido do Diabo", retoma o leme

em "A Marca da Maldade"



Atrás da câmera o trabalho de Welles ainda é maior. Como diretor, ele tem de fiscalizar o que fazem todos os seus auxiliares, especialmente o cameraman, porque ninguém é mais exigente (e mais revolucionário) do que Orson Welles no que tange a ângulos e iluminação.

A volta (à Hollywood)



special-
ninação.

dy

DUROU QUASE DEZ ANOS o exílio (voluntário) de Orson Welles na Europa. Em 1948, ao terminar *Macbeth* — e ainda no meio das discussões suscitadas pelo filme, que os apreciadores do cinema tinham de defender dos furiosos ataques dos fãs de Shakespeare — saiu de Hollywood o grande artista. Durante todo esse período, Welles dirigiu apenas dois filmes: *Othello*, rodado no norte da África e na Itália e apresentado num dos Festivais europeus como sendo uma produção marroquina; e *Confidential Report*, ou *Monsieur Arkadin* (aqui exibido como "Grilhões do Passado"), também falado em inglês e realizado em vários países (Espanha, França, Inglaterra). No primeiro, empreendia a volta a Shakespeare, ainda indignando os puristas. Com o segundo, voltava em muita coisa a *Citizen Kane*, perdendo (mas só na comparação) esse segundo round.

Como diretor, foi só isso. Como ator, entretanto, esteve sempre ativo, trabalhando aqui e ali e, muitas vezes, para produtores americanos que iam filmar na Europa — este o caso de *O Favorito dos Bórgias* (Prince of Foxes), de Henry King, *Cagliostro*, de Gregory Ratoff, *A Rosa Negra* (The Black Arrow), de Henry Hathaway. Na Inglaterra, apareceu em vários filmes, entre os quais *A Dama de Negro* (Trent's Last Case) e, acima de todos, na parte final (a mais impressionante) de *O Terceiro Homem* (The Third Man), quando influenciou visivelmente o estilo de Carol Reed. Na Itália, entre Totó e Viviane Romance, experimentou Pirandello em *L'Uomo, la Bestia e la Virtù*. E na França "ressuscitou" Benjamin Franklin numa rápida aparição de *Se Versailles Falasse* (Si Versailles m'était Conté), o baile à fantasia de Sacha Guitry.

Só em *O Terceiro Homem*, vale observar, encontrou Orson Welles um filme à altura

de seu talento. Todos os outros apenas se serviram de sua classe para a valorização de algumas cenas.

A SÔLDO DO DIABO

Voltando à Hollywood, sem aviso prévio, Welles começou recusando uma proposta da Metro, a de dirigir *Contrabando no Cairo* (Tip on a Dead Jockey), que realmente não exigia mais do que o artesanato incolor de Richard Thorpe. Pouco depois, todavia, surpreendeu seus admiradores concordando em figurar num "western" (moderno) da Universal-International: *Man in the Shadow* (A Sôlido do Diabo). Era uma produção modesta, a cargo de um diretor sem cartaz (Jack Arnold) e a sua participação como ator não ia além do papel de um vilão gordo, vindo seu nome atrás do de Jeff Chandler, no elenco. Hollywood, como os admiradores de Welles, também se surpreendeu, mas por outro motivo — a modéstia evidenciada por aquele homem que, com palavras e com atos, sempre manifestou o mais profundo desprezo pelos métodos usados na "Meca do Cinema". Orson Welles deixara de ser um "criador de casos" — devem ter pensado muitos produtores. E um deles, talvez mais arguto do que seus colegas e mais inteligente do que seus filmes mostram, resolveu dar ao cineasta uma oportunidade legítima. Com Albert Zugsmith, este produtor, pôde Welles, então, escrever, dirigir e interpretar *A Marca da Maldade* (Touch of Evil, ex-Badge of Evil), ainda nos estúdios da U-I. É verdade que a empresa não se expunha a grandes riscos: o orçamento aprovado foi pouco superior ao de uma produção de classe B e, na frente do nome de Welles, foram postos no elenco os nomes



VELHOS AMIGOS, Marlene Dietrich e (houve até, ao que se diz, um romance) Orson Welles nos estúdios da Universal-International.

NOVAMNETE COM MARLENE, agora numa cena do filme. O papel dela não é extenso — a estrêla é outra (Janet Leigh). Aliás, Marlene comparece a alguns momentos de "A Marca da Maldade" na condição de "guest star". Assim mesmo, brilha com intensidade.



CHARLTON HESTON é uma das vítimas disso a princípio. Investigando sempre, Heston, em vez de um herói (como o vêem todas as violências. No fim, Heston aniquila





Orson Welles recordam os velhos tempos entre eles), no intervalo de filmagem, nos

de Charlton Heston e Janet Leigh, de bilheteria mais ou menos garantida.

A BONANÇA ANTES DA TEMPESTADE

A filmagem transcorreu tranqüilamente. *A Marca da Maldade* ficou pronto dentro do prazo previsto. Tudo parecia indicar que havia sido achado um *modus vivendi* entre Orson Welles e Hollywood. Mas, antes da estréia, houve briga. O cineasta, desta feita, não tentou apoderar-se do negativo, como no caso de *A Dama de Shanghai*. A Universal, entretanto, imitou a Colúmbia, a produtora daquele filme (a única vantagem que o cinema tirou do casamento de Welles e Rita). *A Marca da Maldade*, segundo declaração do diretor, teve modificado arbitrariamente e sem a sua autorização, o *montage definitivo*. Como já o havia feito com *A Dama de Shanghai* — e como fez John Huston com *A Glória de um Covarde*, pelo mesmo motivo — Orson Welles repudiou sua nova obra. A força de sua direção, de extraordinária vitalidade artística, como nos outros exemplos citados, resistiu às alterações e aos cortes feitos pelo montador do estúdio. E *A Marca da Maldade*, apresentado em Bruxelas, recebeu o prêmio da crítica, embora não concorresse oficialmente aos prêmios do Festival.

A MARCA DA MALDADE

A história de *A Marca da Maldade*, na tela, tem muito menos da novela original ("Badge of Evil", de Whit Masterson) do que de Welles, também o responsável pelo *script*. A trama é a de um *thriller* — com policiais corruptos, chantagistas, dinamitadores e toxicomanos num emaranhado de

situações dramáticas a que não faltam *suspense* e violência. Um casal em viagem de lua de mel (Charlton Heston-Janet Leigh) cai nessa rede, estendida na fronteira mexicana. Daí a pouco, a jovem esposa, curiosa e inadvertida, está vivendo uma aventura quase tão terrível quanto a da heroína faulkneriana de "Sanctuary". Enquanto a mulher corre o maior perigo, Heston investiga e, sem deixar-se dominar pelo desespero ou pelo medo, enfrenta o policial corrupto (o papel de Orson Welles), acabando por convencer um subordinado (Joseph Calleia) de Welles, que o seu chefe não é o herói que todos julgam — ao contrário, trata-se de um criminoso absolutamente sem escrúpulos e capaz de cometer as maiores violências.

A Marca da Maldade, evidentemente, depende menos dessa história do que do tratamento a ela dispensado por Welles. A estilização começa na fotografia, com ângulos os mais agudos e funcionais do ponto de vista estético, também áspera e insólita na iluminação, onde Welles impõe a Russell Metty outro ensaio em claro-escuro, e ainda no uso de *décors* que refletem a influência do expressionismo já perfeitamente integrada no estilo do cineasta desde sua memorável estréia, 17 anos atrás, com *Cidadão Kane*.

No elenco, aceitando as sugestões do estúdio (Charlton Heston, Janet Leigh) Welles pôde, e troca, incluir alguns amigos, como Joseph Calleia e Akim Tamiroff. Também persuadiu Marlene Dietrich a deixar, por alguns dias, o *night club*, a fim de brilhar, uma vez mais, no cinema, embora seja pequena a sua intervenção em *A Marca da Maldade*, como *guest star* — a mesma condição em que atravessa a narrativa Zsa Zsa Gabor, outra campeã de *sex-appeal*.

dos planos criminosos do policial corrupto. Heston consegue acumular as provas de que os companheiros), é um vilão, capaz de la o poderoso inimigo.

JANET LEIGH, sob a ação de entorpecentes, é atirada à cama — num hotel barato — pelo chantagista Akim Tamiroff. De luvas, Orson Welles interfere, mas não na qualidade de policial: daí a pouco, Tamiroff também está deitado — morto — no chão.



Kaleidoscopic

CHUCK WOODWARD



Otelo



Kelly



Marked



Zilco



Tônia

duas vedetas mais discutidas do momento: Norma Benguel e Elizabeth Gasper.

★ **BAILARINAS** — Marina Marcel, há anos um nome tradicional no elenco de Carlos Machado, desta vez estará com toda sua graça e beleza no Copacabana Palace. Sobre suas qualidades como bailarina de musicado, há pouco a dizer que já não seja de conhecimento público. Um filme nacional recente ("A grande vedeta") veio demonstrar melhor suas boas qualidades dramáticas. No "Night and Day", será apresentada Ruth Lima, bailarina mais conhecida por suas excelentes atuações no Teatro Municipal. Nos números mais frívolos, Carlos Machado conta ainda com Marly Tavares e outras excelentes bailarinas do Teatro Municipal.

★ **COREOGRAFIA** — Não foi divulgado o nome do responsável pelo espetáculo de Zilco Ribeiro. Contudo, cremos que dificilmente (nem seria justo) poderíamos esperar dele um trabalho comparável com o de Fred Kelly, com toda sua experiência internacional. Sem dúvida, a vinda do irmão de Gene Kelly foi um triunfo decisivo de Carlos Machado, inclusive no setor publicitário.

★ **FIGURINOS** — Gisela é reconhecidamente a melhor desenhista de fantasias luxuosas. Sua sensibilidade é imensurável e, como afirma seu esposo, "o que fica de um espetáculo é a beleza!" No Copacabana Palace temos Aelcio Trindade, antigo auxiliar de Gisela Machado, cujo trabalho já foi apreciado no "Night and Day" quando desenhava as fantasias para as produções de Lanthos.

★ **MÚSICA** — No "Night and Day" teremos a música de Franz Lear, da opereta "Viúva Alegre", e ainda algumas músicas de Jean D'Arco de inegável valor musical. No Copacabana, aparentemente teremos músicas de Ary Barroso, sem dúvida um grande compositor de fama internacional.

★ **CANTORAS** — Elizete Cardoso deverá estar no Copacabana. No "Night and Day", teremos a beleza e a voz de Madalena De Paula, dando o toque da opereta de Lear.

★ **ELENCO** — Evidentemente Carlos Machado tem a seu favor o fator "conjunto" pois seus contratados há anos trabalham juntos. Nomes como Hélio Colona e Vera Regina são uma tradição nos palcos musicados da cidade. Zilco Ribeiro terá a seu favor o fator "novidade", pois é sua intenção apresentar nada menos que 40 moças na maioria desconhecidas até a estréia.

★ **DESTA MANEIRA** aguardamos as estréias das produções, que sem dúvida virão alegrar e deslumbrar a noite carioca. Será uma batalha sem perdedor, pois todos serão beneficiados com ela: os produtores, os artistas e o público. Os únicos que poderão perder na batalha, serão os financiadores de uma ou outra produção, mas isto já não é problema nosso...

★ **ESTAMOS AGUARDANDO** a batalha que se aproxima entre o "Golden-Room" do Copacabana Palace Hotel, e o "Night and Day" do Hotel Serrador. Sabemos que ambos os espetáculos deverão ser bons, ou não seriam apresentados nos dois mais famosos palcos da madrugada carioca. Resta ver qual será o melhor.

Como, ao escrevermos, estamos na semana do "Sweepstake", a palavra "retrospecto" nos parece própria. Façamos, portanto, um retrospecto das principais figuras que deverão estar nesta verdadeira batalha do "show-business" brasileiro, de um lado e de outro.

★ **PRODUTORES** — Carlos Machado é, sem dúvida, um "meteor-en-scène" de qualidades excepcionais. Suas produções máximas têm superado umas às outras seguidamen-

te, especialmente após sua ida para o "Night and Day". Zilco Ribeiro não tem produzido ultimamente no Rio qualquer espetáculo de maior destaque, sendo evidente que esta é a sua grande oportunidade, contando com um palco como o do "Golden-Room".

★ **ASTROS** — Temos no Copacabana uma grande atriz: Tônia Carrero. No Serrador, temos Grande Othelo, o melhor ator do ano passado. Ambos dispensam apresentação. A ligeira margem a favor de Othelo prende-se ao fato de ser ele um velho leão do teatro musicado.

★ **VEDETAS** — No "Golden-Room" há dois nomes de respeito: Silvia Fernanda, há tempos afastada dos palcos, e Carmem Verônica. No "Night and Day", temos as



TRAPÉZIO

OSÓRIO NUNES

Frondizi.

PANORAMA

◆ **O NEGÓCIO DO PETRÓLEO É A MODA NESTA SEMANA.** Resta saber se o Brasil vai explorar o seu óleo com o financiamento dos norte-americanos ou vai prosseguir com a Petrobrás financiando-se a si mesma, com os cruzelros que não lhe fazem falta e sem os dólares que não lhe chegam.

O Brasil sofreu extraordinária pressão psicológica para rever a sua política de petróleo, nos últimos dias. O instrumento principal foi a atitude da Argentina, que decidiu entregar os seus destinos petrolíferos a um financiamento no valor total declarado de um bilhão de dólares. Pensou-se que o Brasil passaria à condição de potência de segunda ou de terceira ordem na América do Sul (primeiro, Argentina, depois, Colômbia) se não se emparelhasse na corrida pelo petróleo. (A exploração petrolífera na Argentina está muito mais avançada do que a nossa, em termos de milhares de barris de óleo por dia, e logo depois vem a Colômbia, sem falar na Venezuela). A atitude do Presidente Arturo Frondizi surpreendeu a toda gente, sobretudo porque o novo governante argentino subiu ao Poder na base da proclamação de uma rígida política nacionalista em relação ao petróleo. Não se esperava que chegasse à dramática atitude que tomou, chamando a atenção, inclusive, dos meios militares brasileiros mais sensíveis às posições do grande país vizinho.

◆ **ALARMARAM-SE OS NACIONALISTAS BRASILEIROS.** Viram no exemplo de Frondizi uma perigosa sugestão ao espírito do Presidente Juscelino Kubitschek, especialmente neste momento, em que a Câmara dos Deputados, preste a renovar-se, mal pôde concluir suas últimas obrigações e nem sequer se tem certeza de que o orçamento federal para 1959 seja votado com o rigor exigido ou, mesmo, votado.

Sabe-se que houve movimentos sutis na área militar, a fim de impedir que o Presidente se precipitasse e fizesse algo que fosse irremediável no capítulo do petróleo.

◆ **MAS FRONDIZI MANOBRA BEM. REALIZOU O ACORDO** com as firmas americanas e, diante de um oferecimento russo, aceitou-o em parte. Com isso, cobriu-se da acusação de "entreguismo" diante do povo argentino, no que toca aos Estados Unidos, verdadeiro interessado no petróleo do Continente. De outro lado, teve a habilidade de anunciar que Yacimientos Petrolíferos Fiscales (a Petrobrás argentina) não sofreria qualquer modificação e que o monopólio do precioso combustível continuaria a pertencer à Nação. Para reforço, enviou projeto de lei ao Congresso, com esse propósito. YPF, como é mais conhecida a agência do Governo argentino para o petróleo, jamais terá condições de concorrência diante das poderosas congregações comerciais estrangeiras que virão coexistir no solo argentino. Acabará derrotada, comercial, técnica e industrialmente por elas, como acontece com idêntico organismo que existe no Peru. Mas, no momento, a notícia de que YPF não será atingida produz efeito.

◆ **O PRESIDENTE JUSCELINO SEGUIU AS MESMAS AGUAS, DISSE QUE A PETROBRÁS NÃO SERÁ TRANSFORMADA.** Mas deu a entender que qualquer sugestão que modifique para melhor a exploração petrolífera no Brasil será bem recebida.

É um modelo de atitude, que, inegavelmente, foi apreendida com o digno Presidente Frondizi. Nossos amáveis vizinhos argentinos, que tanto se preocupam com a vitória do Brasil no Campeonato Mundial de Futebol, não precisam mais de afligir-se para demonstrar alguma superioridade. A lição argentina pode não ser posta em prática, no momento, em relação ao petróleo. Mas que foi considerada, foi.

Aguardemos, portanto, o que Macunaíma, o herói sem nenhum caráter, vai nos apresentar nestes próximos dias, em que o Brasil, campeão mundial de futebol, vai ter que jogar com a cabeça.

FIGURAS, ENSAIOS E FUNÇÕES

● Já começou o processo de apuração e denúncia dos atos praticados pelo sr. Jurandir Pires Ferreira à frente do IBGE. Na última sessão da Junta de Estatística, o sr. Rubens Gouveia denunciou irregularidades e atacou frontalmente o sr. Jurandir (candidato a deputado pelo Distrito Federal).

● Numa entrevista ao sr. Silveira Sampaio, filmada em Washington e transmitida pela TV-RIO, o embaixador Amaral Peixoto teve um estremecimento e ficou alguns instantes em "suspense", quando o entrevistador perguntou sobre o petróleo. O sr. Amaral Peixoto — que até então vinha tratando o sr. Silveira Sampaio por "você", consertou-se na poltrona e recuperando o seu ar neutro, passou a chamá-lo de "senhor". Em matéria de petróleo, não há intimidade...

● E o sr. JK continua a jantar a cabeça do sr. J.M. Alkmim. O banquete começou há mais de um mês, quando o sr. Lucas Lopes foi chamado ao Ministério e a uma refeição onde selaram a sorte de Alkmim. A situação do café, as contas dos ágios, a posição cambial, apresentadas, agora, em relatório, pelo sr. Lucas Lopes ao Presidente, extraíram d'este expressões que Alkmim não gostaria de ouvir. Os que conhecem a intimidade de JK podem imaginar o vigor dessas expressões...

● E lá se foi a candidatura de Vieira de Melo ao governo da Bahia, levada de roldão por um nome inteiramente regional, sr. Pedreira de Freitas, que será o candidato oficial ao Palácio da Aclamação. Vieira, grande lutador, acabou derrotado. Acredita-se que venha a apoiar os srs. Juraci Magalhães ao governo e Otávio Mangabeira à senatória ou, mesmo este, para o governo, se a saúde do líder oposicionista o permitir. Bailarino Balbino, derrotado no ensaio, bailou bem na estréia.

● O Partido Socialista Brasileiro (Distrito Federal) conta fazer um deputado (Breno da Silveira) e pelo menos três vereadores (Bayard Boiteux, Antônio Dias Lopes, Isack Iseckson ou R. Magalhães Júnior. Tudo na próxima eleição. O sr. João Mangabeira será o candidato ao Senado. Não espera eleger-se. Mas pretende atrapalhar a votação de gente que não merece representar o povo carioca na Câmara Alta.

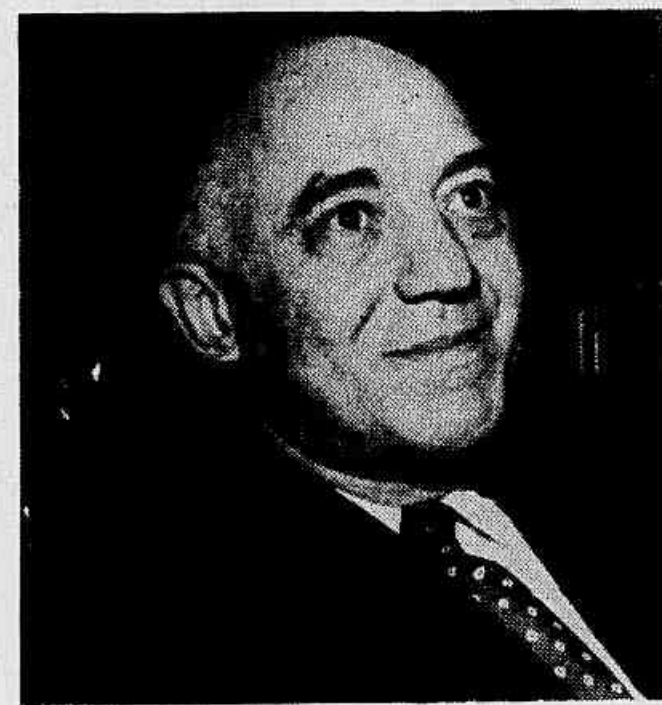
● O sr. Magalhães Pinto continua firme no caminho do Ministério da Fazenda. O presidente da UDN mineira é o articulador do acordo da pacificação nacional, que deve começar primeiro no Estado, beneficiando ao sr. Bias Fortes, em suas primeiras escaramuças com vistas à Presidência da República, em 1960. Depois de 3 de outubro, o acordo estará maduro para consumir-se. E o sr. Magalhães Pinto (principal figura do Banco Nacional de Minas Gerais, uma das maiores redes bancárias do país) estará com a estrada livre para o Ministério ocupado pelo sr. Lucas Lopes.



Vieira de Melo.



Magalhães Pinto.



Lúcio Meira.



Pires Ferreira.

● Por isso mesmo, já principiaram os preparativos para desencravar do Senado o projeto de criação do Ministério da Economia. A pasta é, sem nenhuma dúvida, reclamada pelo desenvolvimento do país. Assenta como uma luva ao sr. Lucas Lopes. Outro que poderia ocupá-la: Lúcio Meira, hoje o verdadeiro ministro da industrialização do país.

● Por falar no ministro da Viação: em seu discurso de 150 páginas sobre as medidas para combate às secas no Nordeste, pronunciado na Câmara dos Deputados, o sr. Lúcio Meira, numa jornada de quinze dias, teve o concurso de dois economistas cearenses: Srs. Zoroastro Ramos e Jesus Soares Pereira.

● Perguntei ao sr. Juraci Magalhães como iam os entendimentos para a participação da UDN no Governo. Respondeu reafirmando o que tem dito, em tom enfático: uma convenção nacional ditou a atual linha da UDN; só uma outra convenção pode modificá-la. Quanto ao sr. Magalhães Pinto, há um mês não vinha ao Rio.

● Além, as possibilidades do nome do sr. Juraci Magalhães cresceram, extraordinariamente, na Bahia. A atitude assumida relativamente ao sr. Otávio Mangabeira foi uma sortida espetacular e de êxito, no momento em que falharam Balbino e João Goulart, os quais poderiam repetir com Juraci a proeza de que saiu eleito o primeiro. Aliomar Baleiro sugeriu a fórmula e Juraci, sem pestanejar, no mesmo momento, a aceitou e pôs em prática. "Como Seabra oferecendo o Senado a Rui Barbosa".

● Arnon de Melo teve de voltar quase inesperadamente a Alagoas. "Arnon", assim é que as pessoas simples do povo chamam o ex-governador, quando o procuram em sua casa ou em qualquer parte. Vão falar "com o Arnon", pedir conselhos "ao Arnon".

● Nestes dias, o lugar mais bonito da cidade era a praça fronteira à Câmara dos Deputados, com todas as bandeiras dos países representados na União Interparlamentar tremulando ao vento suave da Guanabara. Com o devido respeito a tão ilustres pavilhões, a praça parecia um viveiro de araras, tal a profusão de cores em que se entrelaçavam, unidas e belas nos altos mastros, colocados ao nível da rua. À noite, ficavam enroladas nas bases e eram como pássaros esperando a hora do sol para abrir as asas. Os dias eram claros, as vestes eram exóticas, o ambiente perfeitamente feliz, as bandeiras se agitavam e misturavam ao vento leve. Até parecia a Rockefeller Center.

● E chega John Foster Dulles, com uma agenda em que entram os dois calcanhares de Aquiles da política brasileira e da política americana, nos dois sentidos: café e petróleo. Cobertura de retaguarda: novos empréstimos externos ao Brasil.

Explosão em Deodoro:

TERROR NA



INCÊNDIO DE PROPORÇÕES ESPETACULARES REDUZ À CINZA OS DEPÓSITOS DE MUNIÇÕES DO EXÉRCITO — DEZ ANOS APÓS A TRÁGICA EXPLO-SÃO DO DEPÓSITO DE PÓLVORA. RAZÕES DO SINISTRO, MONTANTE DOS PREJUÍZOS, NÚMERO DE VÍTIMAS: IGNORADOS. (Fotos de Alberto Ferreira)

A MADRUGADA

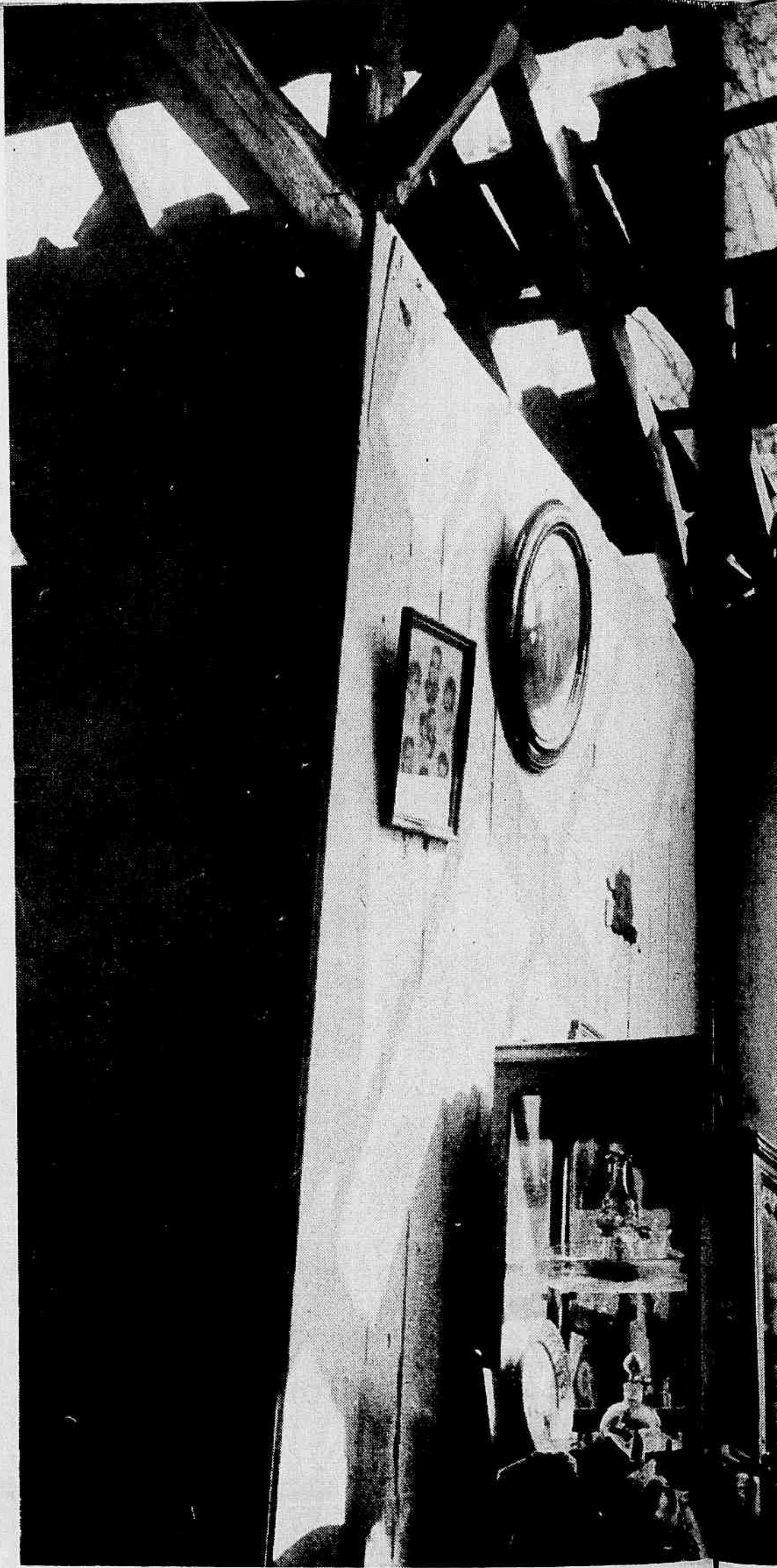


A explosão dos fogos de sinalização, das balas e das granadas de calibre 75 transformou Deodoro numa paisagem de escombros



Visão lúgubre da tragédia: lares destruídos pela violência das explosões.

TODO O DISTRITO FEDERAL e, particularmente, os moradores dos subúrbios da Central, atravessaram, na madrugada de sábado, momentos de pânico, com o incêndio, de proporções espetaculares, verificado em Deodoro, no Depósito Central de Munições do Exército. O violento incêndio irrompeu aos 40 minutos do dia 2, no primeiro paiol daquele Depósito — e foi logo seguido de violenta explosão — o que fez com que os moradores das redondezas (principalmente os do núcleo da Fundação da Casa Popular, situado nas proximidades) — tomados de pânico, saíssem para as ruas em trajes noturnos — pânico que cresceu com as explosões que se foram sucedendo — pois havia, no local, enorme quantidade de granadas, balas, fogos de sinalização. Imediatamente foram os bombeiros de todos os postos de subúrbio e do centro mobilizados para Deodoro, do mesmo modo que o exército — através de grandes contingentes, para organizar o necessário policiamento da zona sinistrada.



Estilhaços de granadas eram atiradas a grandes distâncias. •

Uma hora depois de iniciada a catástrofe, invadia o fogo um segundo paiol e, como da vez anterior, enormes explosões voltaram a ecoar na madrugada, enquanto estilhaços de granadas eram arremessados a grandes distâncias e vidraças despedaçadas pelo deslocamento de ar. As explosões chegavam a ser ouvidas a distâncias longínquas — inclusive em Nova Iguaçu, situada a 20 quilômetros.

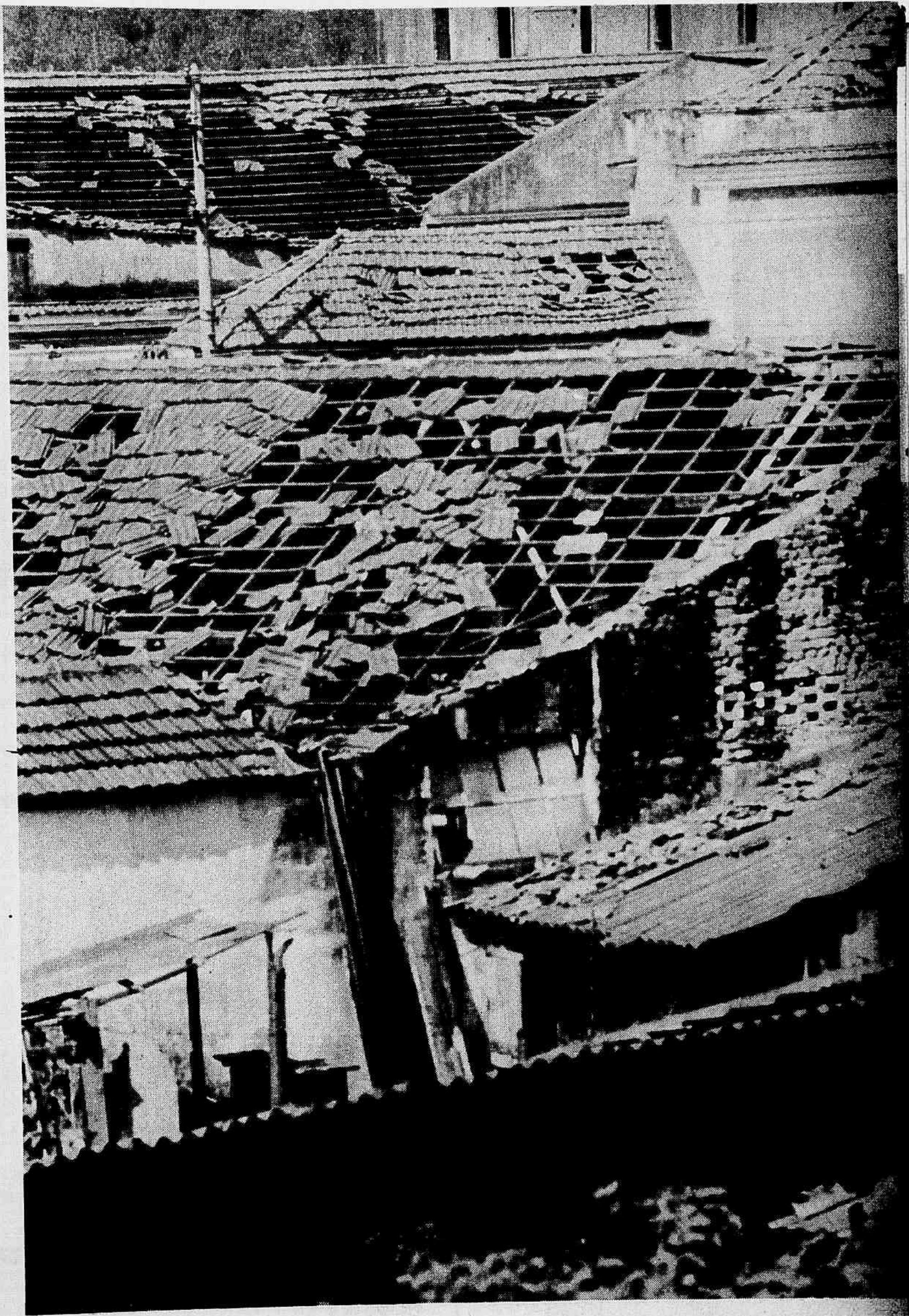
Uma das primeiras providências tomadas pelo Ministério da Guerra foi a evacuação e interdição do núcleo da Fundação (com mais de trezentos apartamentos ocupados), do mesmo modo que a interrupção do tráfego de trens. Enquanto isso, automóveis e caminhões transportavam, para longe do local, em direção a

vidra

Oli
de
às

PR

I
tra
Ho
un
im
da



vidraças espatifadas pelo deslocamento de ar. Exército e Aeronáutica se irmanaram na prestação imediata dos socorros.

Olinda, Nilópolis, Nova Iguaçu, as populações aterrorizadas. Mais de duzentas famílias foram transportadas para essas localidades, às primeiras horas da madrugada.

PRESTAÇÃO IMEDIATA DE SOCORROS

Enquanto as explosões se sucediam na noite e o fogo se alastrava, numa visão de terror, os vários postos de Assistência — Hospital Carlos Chagas, Getúlio Vargas, Posto do Méier — se uniam aos esforços dos bombeiros e do Exército, na prestação imediata dos socorros. No Carlos Chagas chegou-se, mesmo, a dar alta aos internados de menor gravidade para que o maior

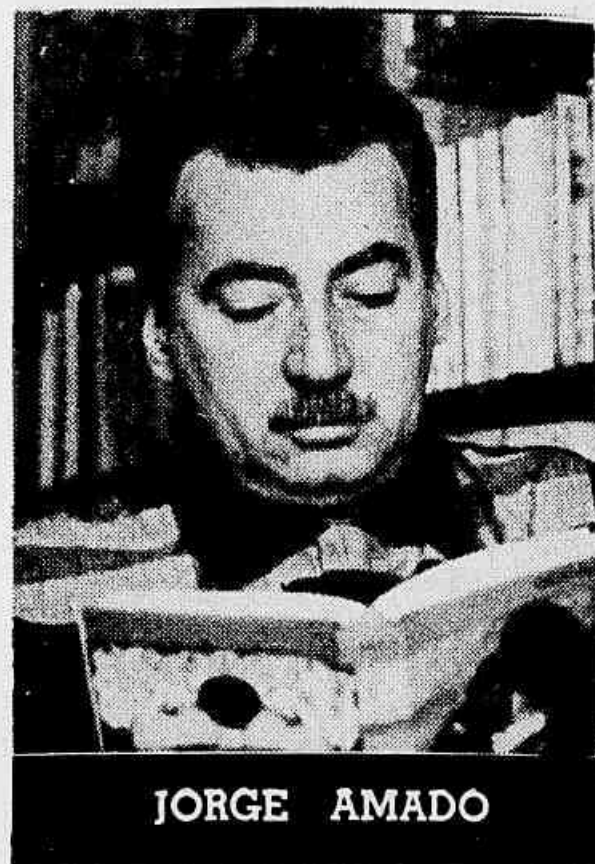
número possível de leitos fôsse pôsto à disposição dos feridos. Tropas da Aeronáutica auxiliaram a evacuação dos moradores de toda a redondeza.

Até altas horas da manhã do sábado ainda se ouviam, no local já inteiramente evacuado, os estouros continuados, dando à cena o aspecto lúgubre de grande tragédia.

Mas não se sabia, ainda, qual a extensão da catástrofe, nem o número de mortos e feridos. Entretanto, cerca de oitenta pessoas podiam encontrar-se no interior do Depósito de Material Bélico, ao tempo da primeira explosão.

Estiveram presentes no local o Presidente da República, bem como o Secretário de Saúde e Assistência.

ENCONTRO COM MESTRE MANUEL



JORGE AMADO

APENAS uma réstia de luar chegava ao botequim, penetrava timidamente pela porta, subia pelo balcão. O rosto de mestre Manuel se cobria assim, em certos momentos, de luz quase mágica, adquiria uma expressão fatasmagórica, como se fôsse um ser realmente misterioso e inexplicável, como contavam pelo cais e pelas ruelas próximas. A maior parte do tempo, no entanto, o rosto bronzeado e marcado pelo vento e pelo mar ficava na sombra (apenas uma miserável lâmpada esforçava-se por iluminar o botequim do português) e da sombra vinha sua voz "feita para falar a mulheres" como me confiou Traira. Mas para falar a homens também, certamente, pois em determinados momentos um duro acento de comando marcava sua fala mansa e quase cariciosa. As mulheres — eram apenas cinco, uma das quais já passara dos cinquenta e outra ainda não chegara aos dezesseis — haviam-no cercado e ele, sentado no caixão de querosene, semelhava um sultão rodeado de odaliscas. Pobres odaliscas de trapos coloridos mas de olhos acesos e sorriso feliz. A voz de mestre Manuel falava de outras terras. Ele desembarcara de um navio na véspera e ia demorar-se em seu pôrto. Havia por isso festa no cais.

Quem era exatamente mestre Manuel? Nunca o soube com certeza, não sei de alguém que tudo conhecesse acêrca do homem sem idade e sem pouso. Era dali do cais da Bahia, sobre isso não havia dúvidas, mas quando surgira pela primeira vez, quando se impusera sua presença e sua lenda, isso jamais se esclareceu. A velha Domitília, negra centenária, falava dêle como de acontecimento muito antigo, e afirmava, sob a fé de sua carapinha branca, ter sido muitas vezes, quando pequenina, carregada em seus braços. Mesmo os mais velhos remendões de velas de saveiro, mesmo os mais veneráveis negros do mercado e da rampa, falavam dêle como se o conhecessem de sempre, como se êle houvesse acontecido antes dos seus distantes nascimentos. Havia um muro de mistério a cercá-lo e as histórias dos seus feitos — naquele cais, naquele mar, naquele rio do Recôncavo, e noutros portos, noutros mares, noutras plagas distantes — circulavam há muitos anos, de boca em boca. Mestre Manuel corria mundo nos cargueiros mas voltaria com certeza, jamais partia para sempre. Os meus amigos mais íntimos — o mestre de berimbau, o santeiro negro, o fumador de maconha e o babalaô Esteves — animavam minha curiosidade: êle desembarcaria quando menos se esperasse e então eu poderia vê-lo e falar-lhe e, quem sabe?, compreendê-lo. As mulheres suspiravam por sua volta, também o mar e o vento o esperavam.

Com êle, assim súbitamente certa noite, chegou a tempestade. O vento uivando na areia, o mar em fúria. A chuva lavava o cais, pesada e longa, uma chuva inesperada e violenta. A água entrava pelo botequim do português e Dedo Grosso (a mais bela e requetada freguesa do bar) olhava através da frincha da porta os raios cortando a noite. Tinha a mania de contá-los, aliás era

cheia de manias e algumas causaram-lhe certas dificuldades. Foi ela quem o adivinhou mais que viu. De súbito incorporou-se, seu peito de rôla arfou, a boca abriu emudecida, quis dizer e não disse, mas, como explicar?, as outras compreenderam e tôdas elas se levantaram como que formando alas para êle passar. "Manuel", suspirou a quase menina e era como uma virgem que pela primeira vez sentisse pêso de homem. Êle apareceu à porta, rindo, os cabelos molhados, a capa de oleado escorrendo chuva. O português retirou uma escondida garrafa de cachaça velha, colocou-a sobre o balcão. Mestre Manuel entrou dizendo "boa noite para todos" como se houvesse estado ali na véspera, não estivesse chegando do outro lado do mundo depois de anos de ausência. Em tôrno dêle sentaram-se as mulheres como um colar. A conversa continuou e êle ficou silencioso, ouvindo. Como se não fôsse a propósito falavam dos que haviam morrido, daqueles que Yemanjá desajara e levava consigo, de saveiros naufragados e de acontecimentos passados. Mestre Manuel ouvia, sorvendo sua cachaça antiga, a mão pousando sobre os cabelos ora de uma, ora de outra das mulheres com a mesma ternura destribuída e elas não pareciam sentir ciúmes umas das outras.

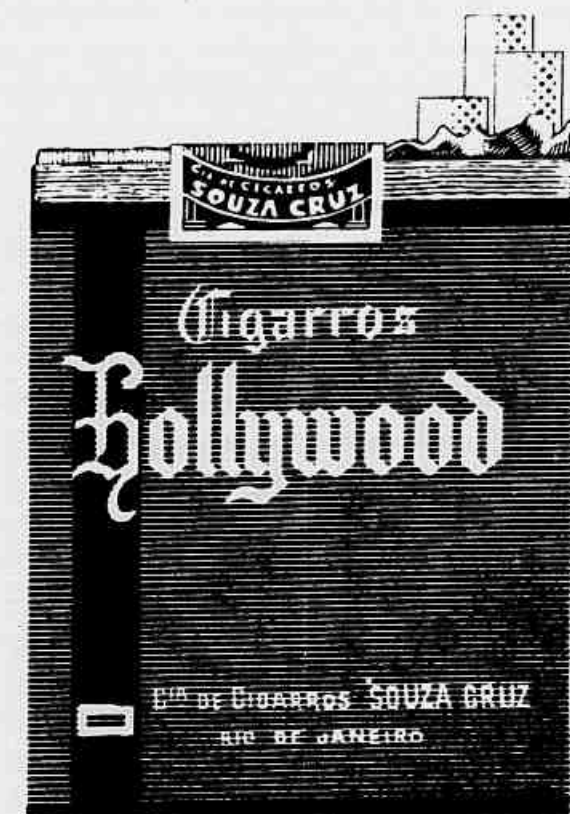
Eu esperava que êle falasse, contasse sua saga dêsses anos, tanto sabia dêle e nada sabia, tanto desejava saber. Mas êle, como um chefe de homens, a ouvir relatórios, apenas escutava as conversas, balançava a cabeça, articulava raros sons ora de pena, ora de aprovação, ora de surpresa. Só no outro dia êle falou.

A tempestade cederia durante a noite, mestre Manuel havia partido com a quase menina, as outras pareceram achar isso natural e novamente o rodeavam, cada uma a esperar sua vez numa calma estranha. Nessa noite êle falou e daí começou nosso conhecimento. Conhecimento? Que sei realmente sobre êle, sobre sua profunda verdade, sua real estrutura, sua vida? Tudo é lenda, é história narrada de boca em boca, variadas versões, como se em vez de um homem, de carne e sangue, fôsse um pequeno deus de macumba, feito mais de imaginação que de realidade. De qualquer maneira pensei ter penetrado naquela noite seu mistério, haver enfim tomado em minhas mãos o cais da Bahia.

Que disse êle? Falava de terras distantes, contava brigas, risos de mulheres, pontas de faca na sombra de postes sem lâmpadas, disse de um peixe diferente, nunca visto antes, e ria em meio às frases.

O que êle dizia nem me lembro. Sei que nós todos o ouvíamos em silêncio e os olhos das cinco mulheres brilhavam. Êle ria, nós ríamos. Êle suspendia a frase, nós ficamos ansiosos à espera. Nem sei como êle era. Mestre Manuel, do cais da Bahia, sem idade e sem destino. Aquêles que partia e voltava sempre, o mestre dos mestres das capoeiras, o primeiro no atabaque e no berimbau, que diziam nascido do impossível amor de mestre Pedro e de Yemanjá, a deusa das águas. Nada quero explicar, não o poderia fazer.

Brisa cariciante...
sol tropical...
alegria de viver... e um maço
de Hollywood!



Uma
tradição
de bom
gôsto

COMPANHIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ



**HOTEL
AMAZONAS**

**BRASÍLIA
PALACE HOTEL**

